BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XLIII)

HISTORIA
TRAGICO-MARITIMA

COMPILADA POR

Bernardo Gomes de Brito

COM OUTRAS NOTICIAS DE NAUFRAGIOS

(VOLUME IV)

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1904

RELAÇÃO
DO
NAUFRAGIO DA NAO SANTIAGO

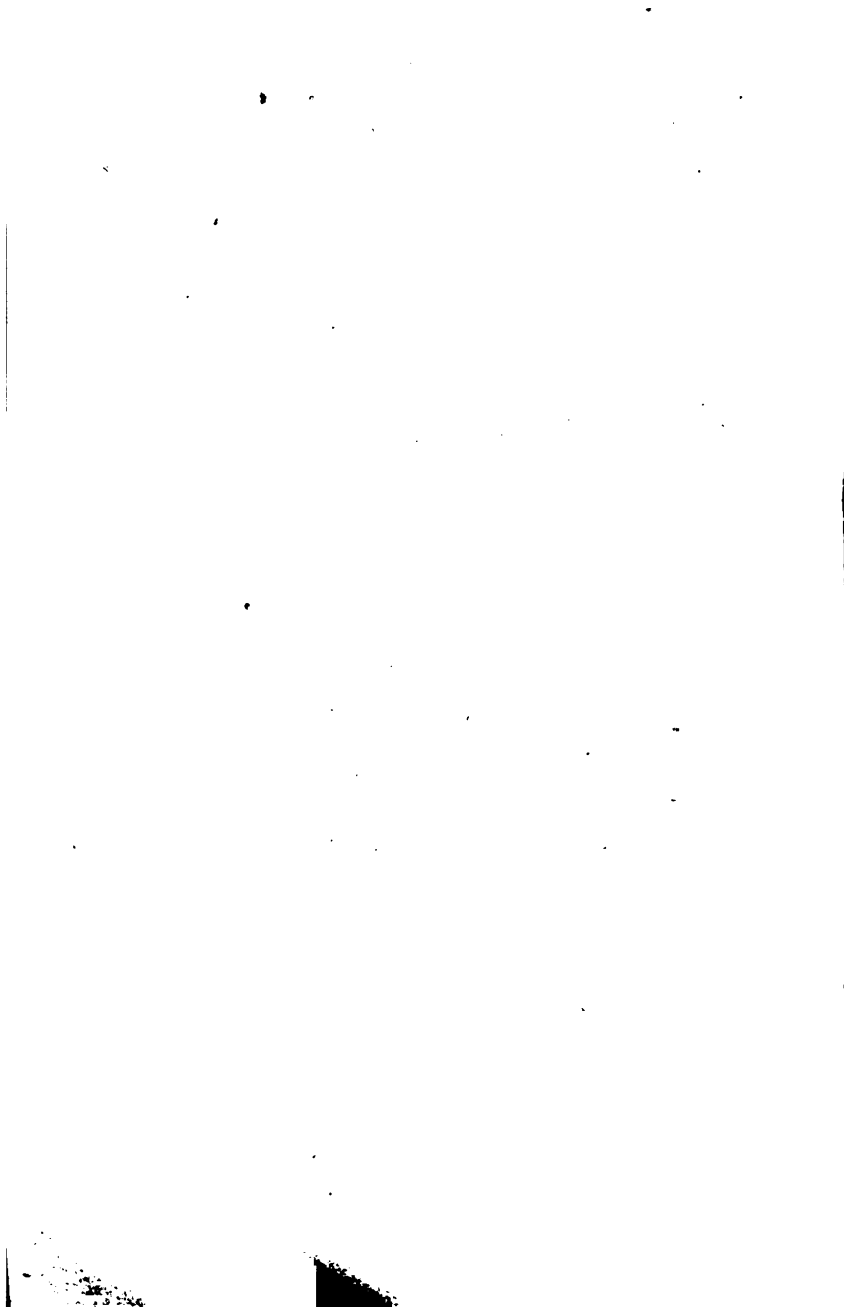
No anno de 1585

E itinerario da gente que delle se salvou

ESCRITA

POR

MANOEL GODINHO CARDOZO

E agora novamente acrescentada
com mais algumas noticias

Naufragio da nao Santiago no anno de 1585

PARTIO de Lisboa a nao Santiago uma quarta feira primeiro de Abril de 1585 com outras que iam para a India; e nesta ia por capitão mór Fernão de Mendoça, piloto Gaspar Gonçalves, e mestre Manoel Gonçalves. Deram á vela entre as outo e nove horas, mas logo deitaram ferro defronte de Santa Catharina de Ribamar, e alli estiveram aquelle dia por o vento não ser capaz. A quinta feira se levantáram ajudados das galés pelas proas, e por o vento ser roim tornáram outra vez a surgir a nao capitania, e a nao Santo Alberto já no cabo da barra e as outras á torre de S. Gião. A' sesta feira sahiram estas duas naos pela barra fóra com as gáveas amainadas, esperando pelas companheiras que ficavam atrás; mas ellas por não terem lá o vento que estas tinham, não sahiram naquelle dia, e assim nunca mais as viram.

Desta sesta feira até á segunda da Semana Santa andaram ora em calmarias, ora ás voltas de um bordo a outro, por o vento se mudar muitas vezes, até que a terça feira entrando no que chamam Val das Egoas, começaram a experimentar a furia daquelles máres, arrebentando todos estes vagares em uma

tormenta desfeita, onde estiveram quasi perdidos; porque começou o vento a correr todos os rumos, e os máres com elles tão empolados, que indo a nao Santo Alberto á falla com elles, umas vezes a não viam, pelas grandes serras de agoa que entre uma e outra se levantavam, outras vezes a viam enforcada nas ondas tão alta, que parecia ficava nos abismos a capitania.

Durou esta tormenta todo aquelle dia com tanta furia, que houve muitos que se dezejáram em Lisboa, e alguns ainda dos mais esforçados, eram de parecer que arribassem a Bayona, pelo grande risco que corriam; porque andavam os máres tão cruzados, que para nenhuma parte punha a nao a proa que as ondas a não encontrassem; mas o que maior medo fez a todos foi verem quebrar o mastro do traquete á nao Santo Alberto, e que arribava para Lisboa, receando os officiaes da Capitania não lhes acontecesse outro tanto. Mas quiz Nosso Senhor que amainou logo o vento pela virtude dos *Agnus Dei*, e Reliquias que deitaram no mar.

A' quarta feira pela manhã tivéram vista de duas vélas, uma grande e outra pequena: e cuidando que eram francezes, se começaram a pôr em ordem de belejar, ainda que não vinham para isso; porque além dos mais virem enjoados, estava o convés empachado com pipas e caixas (como sempre no principio da viagem vai) e as espingardas ferrugentas da chuva, e tudo tão mal apparelhado, que por mais féros que os soldados se faziam, se chegáram a abordar houveram de dar muito trabalho; mas proveo Nosso Senhor a isto, porque a horas de jantar, conhecendo uma dellas ser nao da India se chegou a ella e viram que era uma caravéla de Sezimbra que ia para as Canarias, a qual disse que a outra era uma ingleza que andava

apoz ella, e ainda á sua sombra a não quiz largar até o outro dia. Desassombrados com estas novas tornáram muitos ao enjoamento que o medo lhes tinha tirado, que foi grande estorvo para se não fazerem os officios daquelles dias como os padres dezejavam. Todavia tiveram suas Trévas debaixo da tolda onde o altar estava.

A' quinta feira de manhã houve missa, e de tarde Mandáto, que pregou o padre Pedro Martins da Companhia de Jesus, e de noite procissão com sermão da Paixão, que pregou o padre João Gonçalves; e á sesta feira pela manhã officio com adoração da Cruz; mas eram ainda tamanhos os marés e balanços que a nao dava, que em lugar de diacono e subdiacono estavam dous homens ao altar pegados no padre que fazia o Officio, para que não cahisse.

Ao sabbado, que eram doze dias desde que se embarcáram, foi Nosso Senhor servido dar bom vento e esperto; com que sahiram do enfadamento desta primeira provação, que não foi pequena parte para no domingo seguinte festejarem a Resurreição de Christo Senhor Nosso com maior alegria e solemnidade: e assim na manhã de Pascoa fizeram uma procissão pelo convés disparando algumas péças de artelharia, e depois houve missa cantada; e ainda que fosse sem o Santo Sacramento, não foi sem devoção, por se verem já fóra da tormenta passada, e quasi resuscitados com Christo da morte, que nella viram tanto diante dos olhos.

Iam nesta nao o padre Frei Thomás Pinto da Ordem dos Prégadores, que ia por inquizidor á India, e seu companheiro o padre Frei Adrião de S. Jeronymo; e da Companhia de Jesus o padre Pedro Martins, o padre Pedro Alvares, o padre João Gonçalves, o padre Sapata, o irmão Manoel Ferreira, o irmão

Manoel Dias. Assentou logo com elles o padre Pedro Martins, que pois vinham alli tantos religiosos houvesse missa todos os domingos e dias Santos; e assim a houve dalli por diante, dizendo tambem missa todos os sabbados a Nossa Senhora, além de outros muitos dias em que se dizia, como por devoção, e foi sempre tão continua e solemnisada nas sestas, que diziam os marinheiros de quinze e vinte annos desta carreira, que nunca viram em nao haver tantos e tão solemnes Officios Divinos como naquella se faziam.

Quando succedia festejar algum Santo, elegiam-lhe Modromo que lhe fizesse a festa, e estes andavam com enveja de quem melhor o faria, intentando capella de canto de orgão com harpa para as vesperas, e missa, e varias armações de godomecis que iam de venda para a India. Ordenou-se tambem que se elegesse um enfermeiro cada semana para os pobres que adoecessem tomando o capitão mór a primeira; ainda que depois, porque elle e outros dois que depois foram o fizeram de maneira que deixaram grandes obrigações de caridade e liberalidade aos successores, pareceo melhor que houvesse um enfermeiro certo para toda a viagem, fazendo ao padre Sapata perfeito dos doentes com encargo de lhes buscar de esmolas todo o necessario; porque ainda que o capitão mór queria prover os doentes á sua custa, e avisou ao padre não pedisse a outra pessoa nada, todovia outros homens graves que iam na nao pediram que se corassem os pobres com as esmolas de todos, porque queriam elles tambem contribuir a sua, e assim se fazia commummente.

E como nas naos, por mais prégações que haja, se não póde desterrar totalmente o jogo, o padre Sapata, para que os tafuis não pagassem tudo no purgatorio, andava pela nao correndo as mezas, e que lhe

dessem barato para os doentes, em recompensa de alguns excessos, se os houvesse no jogo; e era tão aceito de todos pelo bom modo e edificação com que fazia isto, que da primeira mão que jogavam tiravam a esmola para os doentes, de maneira que quando ia, já lha tinham de parte, e muitas tão grossas, que álem dos doentes podia soccorrer a muitos soldados pobres, comprando-lhes vestidos commummente; e assim cuido que depois de Deus esta foi a principal causa de terem muito poucos doentes sem em toda a viagem, até que se perderam, fallecer mais que um só homem, e este ainda não era dos pobres que o padre tinha á sua conta; porque commummente os que morrem nestas naos são os mesquinhos, que vem no convés mortos de fóme, e despidos ao sol e chuva, e sereno da noite.

Ordenadas assim estas couzas, que eram as mais principaes, e a que se podia prover em geral, tendo o padre Pedro Alvares tomado a doutrina á sua conta, quiz o padre Pero Martins ao domingo de Paschoa dar principio ás prégações, mas o sabbado antes adoeceo de febre aceza, que deo bastante em que cuidar; mas quiz Deos tira-los deste receio, porque com trez sangrias que lhe deram, se achou sem febre em obra de oito dias.

Continuando o caminho com bom vento entraram na costa de Guiné, e nas calmarias daquella paragem, tão celebrada dos marinheiros da India; começaram em tres graos da banda do Norte, e daqui até outros tres ou quatros da banda do Sul, em que se acabaram, gastaram dezasete dias, passando a Linha a vinte e sete de Maio, de calma tão enfadonha e tão ardente, que as do Alemtejo ficam como frios da Noruéga em coparação daquella paragem. Andando nestas calmarias tiveram um grande susto, porque viram no

mar uma véla, e cuidando ser da India, por parecer não chegariam tão longe naos francezas, mandáram lá sete ou outo homens no esquife, mas ella não querendo ser conhecida lhe atirou com uma péça grande para que se tornassem, e por muito pouco os não meteo no fundo.

Passando a Linha tres ou quatro gráos da banda do Sul lhe déram uns ventos que os marinheiros chamam geraes, porque cursam por alli geralmente quando as naos vão para a India; e costumando as mais vezes ser tão escaços que deitam as naos para a Costa do Brazil, com grande perigo de se perderem em muitos baixos que alli ha, a que chamam Abrolhos; mas livrando-os Deos deste perigo passáram por entre as Ilhas de Martim Vás, que é a melhor navegação que ha, por estarem muito afastadas dos Abrolhos do Brazil.

Viram estas ilhas vespera de Santo Antonio com tanta alegria da nao, como se viram a barra de Goa, e houve homem que perguntou se tinham aquellas ilhas raizes embaixo no fundo do mar, ou se andavam sobre a agoa, como boias? Concluio-se este gosto, como todos os mais do mundo, com tristeza, acalmando o tempo que os fez andar entre ellas. Cursou quatro dias, e dahi por diante foi sempre ou pela proa, que estavam ao pairo, ou tão pouco que escaçamente governava a nao, que parece os ia Nosso Senhor detendo, como que não podia acabar comsigo chega-los ao dezastre do naufragio que os estava esperando.

Da ilha de Martim Vás por diante começaram a ter alguns pronosticos de roim viagem; porque aqui déram com um peixe que ninguem soube determinar que peixe era. A feição era de uma balea não muito grande, fusco e mal encarado, o qual logo

afugentou todo o outro peixe que vinha com a nao; e nunca os desamparou até a noite em que se perderam; porque ainda aquella tarde antes da perdição houve homens que o viram ir diante da nao lançando grandes refolhos de agôa, como que folgava, ou avizava do que havia de succeder.

Mas com todas estas calmas e pronosticos, não acalmáram nunca os exercicios da devoção e Officios Divinos; antes sempre em maior crescimento, e assim festejaram os dias dos Santos que neste tempo vem, como Santo Antonio, S. João Bautista, S. Pedro e S. Paulo, e outros mais, com a maior solemnidade que podia haver no mar; e para que diga de alguma em particular, contarei mais miudamente a de *Corpus Christi.* Alguns dias antes da festa se elegeram quatro Mordomos para que pudéssem melhor aparelhar o necessario para a procissão, e assim á quarta feira á tarde fizeram fóra da tólda com godomecis um modo de capella, e levantáram um altar com seo frontal de seda e varias cores, e dous ou tres retabolos que até então não tinham sahido, por serem de pessoas particulares que do reino os levavam para a India em grande estima. Puzeram um *Agnus Dei* grande engastado com muitos anjinhos dourados, de uma e outra ilharga, com vélas pintadas na mão, álem das de cera que nos cantos do altar ardiam em castiçaes de prata. Como foi tempo tiveram vesperas canto de orgão, e á *Manificat* sahio um padre com suas tochas diante a incensar o altar, para o que estava feito um turibulo de um brazeirinho de barro vidrado, com uns fios de arame por cadeas.

A' quinta feira, acabada a missa, fizeram sua procissão; e já que lhes faltava a principal couza da solemnidada e devoção que era o Santissimo Sacramento, nas demais couzas de festa procuráram quanto

foi possivel arremedar ás que naquella manhã se fazem neste reino; porque engenháram uma Cruz com sua manga de seda, que no principio da procissão levava entre duas tochas um mancebo vestido em uma sobrepelis, e detrás da Cruz ia uma folia, e uma dança, que por festejar a memoria do Santo Sacramento fizeram homens officiaes da nao. No coice da procissão iam os religiosos com os cantores, e depois o padre que disse a missa, debaixo de um pallio que para este dia fizeram, com o *Agnus Dei* na mão, e acompanhado de dous meninos em figura de Anjos com alenternas nas mãos, e com muitos cirios e tochas foram até o outro altar que na proa estava bem concertado; onde o padre descançou e poz o *Agnus Dei*, e os das danças lhes disséram suas prósas.

Reprezentáram tambem as Tentações de Christo no desérto, a primeira logo no principio da procissão, a segunda no castello da proa, quando chegou, e a terceira junto da tolda, quando já se recolhiam; no cabo das quaes botáram o diabo abaixo para o fogão, como que ia para o Inferno, ficando Christo vencedor. E para que não faltasse a festa que é propria desta procissão, fizeram os mordomos uma tourinha, que não foi pequena invenção para que os grumétes e chusma da nao se acolhessem ás entenas, e deixássem o convés despejado para a procissão ir melhor ordenada.

Com esta festa e solemnidade festejáram o dia de *Corpus Christi* com muita devoção, que todos tinham, vendo entre as ondas do mar, morada propria dos peixes, tanto dezejo de honrar o Sacramento, e tanta applicação ao culto Divino E na verdade que causava maior devoção uma procissão destas, assim pobre com o turibulo de barro, que as muito solemnes deste reino, com toda a sua prata e ornamentos de brocado. Os religiosos da Companhia fizeram tambem neste

dia a sua festa, e quinze dias antes encomendáram nas prégações e praticas familiares que se confessassem; o que fizeram quasi todos, e a maior parte se confessáram geralmente de toda a vida, que parece advinhavam já a necessidade que dahi a dous mezes haviam de ter de estarem bem confessados.

Mas tornando á viagem, com as calmarias e pouco vento que digo, chegáram ao Cabo de Boa Esperança a doze de Julho, esperando que até quatorze, que era dia de S. Boaventura, lhe daria o mestre a boa viagem de o terem dobrado; mas acalmando-lhes de todo esse pouco vento que levavam gastáram alli doze ou quinze dias sem poderem andar sessenta legoas que lhes faltavam para o passar. Aqui disséram o mestre e alguns marinheiros que na mesma nao tinham ido o anno passado, como naquella paragem deitáram ao mar o padre Pedro da Silva da Companhia de Jesus.

Passado o Cabo entráram na terra do Natal, nome que eu cuido lhe puzéram porque quem escapa das grandes tormentas que nella sempre ha, póde com razão dizer que nasce; o que bem experimentáram, porque em dous ou tres dias que a passáram tiveram tamanho vento, que levando todas as vélas em baixo, com só a moneta do traquete cingida ao redór do castello da proa, diziam os officiaes que andáram cada sangradura mais de cincoenta legoas; mas logo tornáram as calmarias como dantes, que os puzéram em risco de fazer viagem por fóra, e tanto que querendo embocar por entre a Ilha de S. Lourenço e a terra firme, mandou o capitão mór ver os mantimentos e agoa que havia na nao, se bastariam até Cóchim, se não pudessem ir por dentro a Goa; e achando que bastariam, fez consulta dos officiaes e mais homens experimentados, chamando tambem o inquisidor e o padre Pedro Martins, e assentáram que se um pouco

de vento Ponente que então tinham, acalmasse e viessem Levantes antes de chegarem á altura de um baixo que chamam da Judia (porque o descobrio uma náo de um christão novo, a que elles dando o nome de seo dono chamavam a nao Judia, o qual baixo está em vinte e dois gráos) que tomassem o caminho por fóra, por ser já tarde e irem arriscados, se fossem por dentro a invernar em Moçambique: e deste acordo fizeram um termo que todos assignáram, tirando o padre Pedro Martins, que se tinha escuzado de votar, dizendo que não podia dar parecer naquelle negocio, por não ter experiencia de nenhum daquelles caminhos.

Nesta materia aconteceo um caso, que não sei se foi profecia, ou um muito grande e oculto juizo de Deos, como depois mostrou. Ha ordinariamente nesta viagem, que chamam por fóra, muitas doenças, inchações de pernas e gengivas, e tantas mortes, que dizem os homens da carreira, que em cada anno que a cometem, álem da grande fóme e sede que os pobres padecem, morrem mais de cem pessoas. Algumas pessoas da nao que levavam mercadorias para vender, receavam que como era já tarde, indo por dentro, invernassem em Moçambique, e por isso persuadiam, quando nisso fallavam em conversação, a ida por fóra; antepondo o que haviam de ganhar indo á India aquelle anno, ás vidas e saudes que na tal viagem os pobres haviam de perder.

Determinando pois a consulta que faltando o vento até á paragem daquelle baixo, voltassem por fóra, costumava dizer muitas vezes o padre Pedro Alvares, que receava muito que em castigo do dezejo que alguns tinham de ir por fóra, estimando mais o pouco interesse que por alli aventuravam tirar, que o muito dano que nas saudes e vidas dos pobres rece-

biam, os levasse Deos a Moçambique, e os fizesse alli invernar, para que os pobres vivessem, e os ricos perdessem mais, do que com suas mortes queriam ganhar. Invernáram em Moçambique os que por não gastar um pouco do muito que levavam o perderam todo, e começáram a passar o inverno na terra dos cafres, despidos, descalços, mortos de fóme, dezejando i-lo acabar a Moçambique.

O tempo em que se fez esta consulta, seria até quatro ou seis de Agosto, e como em todo o discurso da viagem tinham recebido muitas mercês de Deos, por intercessão da Virgem Nossa Senhora, e tiveram muita confiança que na festa de sua ida lhes havia de vir vento com que pudessem ir seo caminho; e assim no dia da Assumpção tirou o padre Pedro Martins uma imagem das de S. Lucas, a qual puzeram no altar no tempo da missa e prégação, que fez o padre João Gonçalves. A' tarde para a ladainha mandou o padre que tornassem a pôr a imagem no altar, e que se ajuntassem nove meninos dos mais pequenos da nao, que estivessem com suas vélas acezas todo aquelle oitavario, em quanto se cantava a ladainha, para que com estas couzas se despertasse mais a gente a pedir e esperar com maior confiança de por intercessão da Senhora alcançarem tempo prospero para continuar a sua navegação. Não ficáram ellas enganadas, porque ao segundo dia, depois da Assumpção da Virgem, lhes veio um vento em popa bem esperto, com que ficáram todos tão contentes, que começáram a tratar de tomar ainda Moçambique, para ahi se refazerem de refrescos e agoa.

Aos dezoito de Agosto, e tambem o dia antes, tinham visto uns passaros, a que os marinheiros chamam alcatrazes, os quaes não andam senão junto da terra, onde possam fazer o ninho. O piloto entendeo

que estavam perto do Baixo da Judia, aos dezanove tomou o sol, achou-se em vinte e dous gráos e um terço, que podiam estar do Baixo sete ou oito legoas pelo rumo do Nordéste, á que governava. Aqui discordam os officiaes da nao em contar o conselho que tomáram ácerca do que fariam nesta paragem, contando todos de diversas maneiras, pretendendo cada um tirar de si a culpa da perdição, e carrega-la sobre os outros; e eu que não sei o que elles passáram em sua consulta, e ainda que o soubera me pezára muito escrever couza que pudesse condenar alguem em materia tão grave; e porque na verdade cuido, que mais temos nesta parte que temer os occultos juizos de Deos, e louvar a secreta ordem com que sua Divina Providencia permitte todas estas couzas, que culpar os conselhos dos homens; deixando o parecer que cada um diz que deo, e as diligencias que fez de sua parte, contarei o dezastre da perdição da maneira que aconteceo.

Aquelle dia á tarde houve uma grande e geral alegria, cuidando que tinham já passado o Baixo, e assim como foram horas todos os que não haviam de vigiar se deitáram entre as camas muito alvoroçados para a bonança do mar, que dalli até Goa lhe diziam os marinheiros haviam de achar; senão quando estando todos na força do primeiro sono, a nao levando todas as vélas enfunadas, com um vento em popa, o melhor e mais esperto que em toda a viagem tiveram, por justos e occultos juizos de Deus, merecendo-o assim os nossos peccados, deo de meio através no Baixo, cegando Deus aos marinheiros que vigiavam do gorupés, e a vigia dos soldados que estavam pelas entenas, que não vissem a escuma do mar que rebentava no Baixo, e tapando-lhe os olhos e ouvidos, que na quietação da noite não ouvissem o

roncar das ondas que com tanta furia quebravam nas pedras, que a grandes duas legoas se podiam ouvir.

Deo esta nao, quando tocou, tres pancadas temerosissimas, e logo largou o fundo, que ficou no alto, por o baixo ser muito alcantilado, o qual depois as agoas lançáram sobre o arrecife: os altos foram dar sobre o Baixo: duas das cubertas viéram por elle feitas rachas, e duas com as velas todas com a força do vento vieram encalhar no arrecife; o que por todos foi julgado milagre irem duas cubertas de uma nao á véla sem o porão, e cavalgarem por onde nunca se cuidou que um pequeno barco passasse. Com a força que a nao levava rebentou o mastro cerce pela cuberta debaixo pelo tamborete; cortaram-lhe a enxarcea, e rebentou segunda vez, e assim cahio de todo. Isto é certo, que qualquer couza que o vento fora mais escaço, toda a gente da nao ia a pique ao fundo por espaço de um Credo. Das ilhas de Martim Vás até o Baixo, em que a nao tocou, a seguio (como já disse) um baleato, e o dia em que se a nao perdeu foi diante della, como que a guiava para alguma desaventura.

O que fez esta perdição mais medonha foi ser de noite, e tão escura, que mal se viam uns aos outros. A grita e confusão da gente era grandissima, como de homens que se viam sem nenhuma esperança de remedio, no meio do mar que bramia, com a morte diante dos olhos, na mais triste e horrenda figura que imaginar se póde em nenhum dos naufragios passados. O quebrar da nao, estalar da madeira, que se estava toda moendo, o cahir dos mastros e entenas, faziam então um tom e roido temerosissimo, tal que parece couza impossivel lembrar depois a quem o escreveo. Toda a gente não tratando já mais que da salvação das almas, por quão desenganada se vio da

dos corpos, pediam confissão aos religiosos que na nao iam, com muitas lagrimas e gemidos, com tão pouco tino e ordem, que todos se queriam confessar juntamente, e em vóz tão alta, que se ouviám uns aos outros, excepto homens fidalgos, e outra gente nobre, que se confessavam em segredo. Era a pressa tanta nas confissões, que um homem não podendo esperar começou a um dos religiosos que o ouvisse de confissão, e sem mais aguardar dizia suas culpas em vóz alta, tão graves e enormes, que foi necessario ir-lhe o religioso com a mão á bocca, gritando-lhe que se callasse, que logo o ouviria de confissão; o qual homem depois ne confessado, gritava de longe, perguntando ao padre se o absolvera? tão alienado andava com o accidente da morte?

Nesta tão grande afflicção fizeram muito fruito os padres que na nao iam, dando grande exemplo de paciencia a todos, e o padre Frei Thomaz Pinto recolhendo-se ao chapiteo da nao, foi ferido na cabeça de um aparelho da entena, que cahio, e tendo a mão pósta na ferida, com grandes dores assistia no officio das confissões. Antes de amanhecer se confessou toda a gente da nao, que passavam de 450 almas; e depois das confissões os religiosos fizeram muitas praticas para animar a todos a se conformarem com a vontade de Nosso Senhor. Houve ladainhas, fez-se confissão da Fé, e tudo o mais que necessario era ás consciencias. Assim se esteve até sair a lua, que seria duas horas antes da manhã, muito fermosa e resplandecente; e como até então esteve a gente em tal escuridade, que escaçamente se viam uns aos outros de muito perto, vendo a claridade e resplandor da lua, foi tão grande o aballo que na maior parte della isto fez, que começaram a levantar as vozes, e com lagrimas, brádos, e

gemidos chamávam por Nossa Senhora, dizendo que a viam na lua.

Começou a romper a manhã, e já muitos diziam que viam terra, e alguns affimavam ser terra firme, mas acabando de aclarar o dia se desenganáram de todo; porque o que parecia terra e arvores, eram os quarteis da nao em pedaços, pipas e caixões que as agoas leváram para aquella parte onde appareciam, e onde por ser mais baixo encalháram. Vio-se o Baixo, o qual estava lançado na fórma seguinte.

Este baixo é redondo, e lança mais alguma couza de Noroéste, Suéste, por onde vem a fazer uma figura como ovada; rebentava em flor do Noroéste até o Leste pela banda do Sul, tudo o mais dava jazigo. Dentro deste arrecife ha uma caldeira ou lagamar, que terá de travessa como duas legoas, terá a partes tres até quatro braças de agoa, a partes duas, e menos; o arrecife tomando-o donde começa até dar na caldeira, terá uma legoa, por onde o Baixo todo virá a ter quatro legoas de travessa e doze de roda pouco mais ou menos. Por cima do arrecife haverá dous palmos até tres de agoa de baixamar; de preamar na maior parte delle se não tomava pé duas legoas e meia da nao até tres escaças. Correm de Aloéste para o Norte muitos penedos póstos todos a fio, dos quaes para a banda do Nordéste se apartáram tres maiores, que vistos de longe parecem Ilhéos. Todo o arrecife e lagamar está cheio de muito coral branco, vermelho e verde; de branco se vai fazendo pardo, de pardo roxo, e depois vermelho, e nenhum é perfeito: o vermelho é tão molle, que em lhe pondo a mão logo se desfaz, ficando como sangue coalhado. Neste coral se ferio a gente toda, porque andar por cima delle era como por cima de vidro; as feridas eram peçonhentas, mostrando-se nellas a cor do mesmo

coral, e parece que a mesma agoa em que elle nasce é tambem venenosa.

Houve grande duvida se era este o Baixo da Judia, se outro. Não falta quem sustente ser este o Baixo da Judia. As razões que por esta parte ha, são as seguintes. Primeiramente dizem que o Baixo em que se esta nao perdeu está na mesma altura que o da Judia, em vinte e um gráos e meio, e que não ha tal Baixo como este situado nas Cartas antigas de marear, que agora por novo Baixo se quer escrever; nem ha piloto na carreira que o visse, ou tivesse noticia delle; e que o sol do piloto, e do sota-piloto; o dia da perdição não foi bem regulado; vinte e dous gráos e um terço escaço que o piloto tomou, vinte e dous gráos juntos que tomou o sota-piloto; porque houve marinheiros que tambem tomáram o sol em vinte e dous gráos e meio, que era o verdadeiro, e logo disseram que iam aquella noite encalhar no Baixo da Judia. E quanto a dizerem que o Baixo da Judia tem arvores e area, o que neste não havia, respondem que foi atégora engano de pilotos; porque as naos que de longe vem ver este Baixo, dos tres penedos grandes, de que atrás se fallou, fazem terra; das pequenas arvores e do coral branco que junto aos penedos ha, area; e com este engano da vista vem a parecer Ilha: no qual tambem cahio o mestre da nao Manoel Gonçalves, segundo depois dizia, com os mais que iam no esquife atravessando o Baixo de uma parte a outra, até que junto aos penedos se desenganaram, vendo o que era.

Presuppostas estas razões, dizem os que as dão que a causa da perdição desta nao esteve em duas couzas: a primeira na proa que o piloto tomou a noite do naufragio, porque tres vezes mudou a proa; a primeira a Nordeste, com a qual foi a nao a sangradura atrás, e se por este rumo fora sempre, se caçava de todo

o Baixo, ficando a Loéste por gilavento: a segunda ao Nordéste, e tambem assim se caçava o Baixo, que ficava por balravento da banda do Léste; e esta proa levava a nao á segunda feira, em que se perdeo, do meio dia até entrar a noite, em que o piloto tornou a mudar a via ao Nordéste, e á quarta do Norte, e ficou tomando o Baixo de meio a meio, proa e rumo em que se só podia perder. A segunda razão, por o piloto se não fazer em outra volta vindo a noite, já que entre dia não teve vista do Baixo. E dizem que é má desculpa fazer-se elle com o Baixo: porque a nao Tigre no anno de cincoenta e oito, capitão Pero Peixoto, houvera de dar neste baixo só por se fazer com elle passado; e no anno de sessenta e oito correo o mesmo perigo; e pela mesma razão a nao Reis Magos, capitão Felipe Carneiro; a não Tigre logo em anoitecendo, a nao Reis Magos no quarto da madorna; afóra outros pilotos que de dia se ach//áram enleados com elle.

Estas são as razões que por esta parte se dão. Os que dizem não ser este o Baixo da Judia, movem-se por razões mais urgentes, que são as seguintes. O dia antes da perdição da nao marcáram pela Agulha o piloto, sota-piloto e mestre, e todos fizeram uma só marcação, que foi tres quartos e uma oitava escaça, que era estar a nao mais de vinte legoas Léste do Baixo da Judia para a Ilha de S. Lourenço. Tomáram o sol ao meio dia, e ficáram em vinte e quatro gráos; daqui se governou a nao a Nórdeste. Vindo a noite entrou o vento em popa tão esperto, que pelo menos era vento de quarenta legoas de sangradura, navegou-se pelo mesmo rumo até ao outro dia ao tomar do sol, que por razão do abatimento da Agulha, e da agoa que corria teza para dentro, lhe dava o piloto a via do Nordéste. Tomou-se o sol, achou-se o piloto

em vinte e dous gráos e um terço, e o sota-piloto em vinte e dous gráos, que era estar Léste Oéste em o Baixo da Judia, ou pouco menos: por onde quando veio a noite com toda a proa se tinha o Baixo passado: quanto mais, que confórme a demarcação da Agulha sempre se ficava entre elle e a Ilha.

Apoz isto sabbado dezasete do mez de Agosto tres dias antes da perdição se viram muitas aves, guaraginhas, alcatrazes e garajáos; ao domingo se viram muitas mais aves destas; e á segunda feira, que foi o dia em que se a nao perdeo, quando veio o tarde, havia já muito poucas, havendo de ser pelo contrario, se este fora o Baixo da Judia, porque são tantas as aves nelle, que se não podem valer com ellas, e é certo crearem-se estas aves no Baixo da Judia: e neste em que a nao tocou havia muito poucas, que vinham de gilavento, e entrando a noite tornavamse para trás. Mas todos dizem que o Baixo da Judia tem area, praia, terra, e arvores; e neste Baixo não se vio nada disto: e houve nao que passou já tão perto do Baixo da Judia, que aos que iam nella parecia que estariam legoa delle, e que viram conhecidamente arvores e area; e o mesmo se vio da nao Chagas no anno de sessenta e oito, tornando do Cabo a invernar a Moçambique, vindo nella Vice-Rei D. Antão, piloto Vicente Rodrigues, menos de legoa delle; e no anno setenta e quatro a pouco mais espaço de meia legoa se vio o mesmo de quatro naos juntas, Reis Magos, Capitania, Belem, Caranja, S. Matheus, capitão mór D. Francisco de Souza.

Finalmente vistas as informações que ha do Baixo da Judia, e cotejadas com o que se vio neste Baixo em que se a nao perdeo, não ha maior desproposito que quererem á força de contenção fazer de ambos os Baixos um só; porque quanto á altura, este em que

se a nao perdeo está em vinte e um gráos e meio: e o da Judia está em vinte e dous. Respondem a isto que é erro das Cartas, e que o Baixo da Judia está em vinte e um gráos e meio, o que parece engano de alguns pilotos, que tomáram vinte e um gráos e meio no Baixo da Judia: e que na verdade o Baixo a que tomavam a altura era este em que se a nao perdeo, que pelo não conhecerem o tiveram pelo da Judia. Porque André Lopes, piloto mais antigo desta carreira, affirmava que passára cingido o Baixo da Judia sete vezes, e duas tomára o sol, e que tomára vinte e dous gráos escaços e um seismo menos: e muito era de ambas as vezes este piloto tomasse mal o sol, e de ambas o erro fosse no seismo. Quanto mais, que o piloto Vicente Rodrigues na nao Chagas tomou vinte e dous gráos no Baixo da Judia no anno de quinhentos e setenta, e o mesmo sol dizem que tomou o piloto Francisco Sedenho.

Quanto ás mais confrontações, o Baixo da Judia pela banda da terra firme corre Nordéste Susuduéste, e tomada quarta do Norte Sul terá de comprido duas legoas e mais; pela banda da Ilha de S. Lourenço faz umas enseadas em que rebenta o mar, e umas manchas de area por cima, onde acaba. Lá para o Nordéste tem umas pedras grandes, em que tambem o mar rebenta: e nada disto confórma com o Baixo em que se a nao perdeo; o que facilmente se póde ver pela descrição que delle acima se fez, e pela sangradura da nao, confórme ao vento e proa que levou o dia da perdição: e pelo sol do piloto e sota-piloto no mesmo dia, e pelo que tomou João Dias no mesmo Baixo, passageiro natural de Oeiras, homem do mar, e que tinha bom conhecimento desta carreira; e se entende este Baixo estar pegado com o Parcel de S. Lourenço, trinta legoas da Ilha, em vinte

e um gráos e meio, como está dito. E nesta altura dizia Rodrigo Migueis sota-piloto da nao, que o vio apontado em uma Carta que achou muito antiga o dia da perdição. Prova-se ser isto assim, porque a nao Graça, em que o Vice Rei D. Constantino foi á India no anno de quinhentos e oito, vindo correndo perto da Ilha de S. Lourenço, por esta altura de vinte e dous para vinte e um gráos amanhecendo com este Baixo, e achando-se enleado o piloto; mostrou o sota-piloto uma carta, em que elle estava posto na mesma altura em que o viram, e já antes disto o mesmo sota-piloto se fazia encalhar nelle; mas foi tamanho o descuido de pilotos e carteiros, que já em tempo de D. Constantino não andava nas mais Cartas.

Resta agora responder ás razões em contrario. Que não sejam urgentes as razões dos que dizem ser este o mesmo Baixo que o da Judia, se mostra do que ácerca disto atrás fica dito; donde se vê claramente estarem estes dous Baixos em differentes alturas; e o não haver tal Baixo nas Cartas, differente do da Judia, foi descuido de pilotos e carteiros; posto que não faltam homens de credito que affirmam terem visto Cartas antigas em que o viram situado, referindo o que se contou da nao Graça. Quanto mais, que nem todos os Baixos estão descubertos, e cada dia se podem de novo descubrir muitos. Quanto ao sol dos marinheiros, que tomáram vinte e dous gráos e meio o dia da perdição, a isto se responde que mais credito se devia dar ao sol do piloto, homem velho e experimentado nesta carreira, e ao sota piloto, que tambem tem muito bom nome, que os de dous marinheiros não conhecidos. Quanto mais que nenhum delles foi avisar ao piloto ou algum outro official da nao, a quem o pudera dizer. Quanto ao engano dos penedos, que á vista parecem Ilha, e arvores, e o coral branco,

e area, viram este Baixo algumas naos tão de perto, que não podia ser enganarem-se. Sobre tudo não respondem ás razões das aves que no Baixo da Judia ha, não as havendo neste em que a nao tocou, senão muito poucas, que vindo a noite como está dito se recolhiam para gilavento, que era o mais certo sinal dellas virem do Baixo da Judia mariscar a este Baixo, e recolherem-se para o mesmo Baixo donde sahiam.

Na culpa que se dá ao piloto, parece que ha pouca razão; porque a derradeira proa que tomou foi tendo já o Baixo da Judia passado mais de dés legoas a pouco andar, pois ao meio dia estivera Léste Oéste com elle ou pouco menos. Se não disser que eram as correntes das agoas contra a nao tão grandes, que a tinham pela barba, o que nem foi por experiencias que nisso se fizeram, nem o piloto podia suspeitar que fosse; por ellas irem nesta paragem sempre em favor das naos, tão rijas, que quando parece aos pilotos que terão andado trinta leguas, acham terem andado cincoenta, e mais. Apoz isto o piloto, álem do resguardo que dava á nao nas dés leguas que podia andar do meio dia até a noite, mandou pôr muito boa vigia nella, de quatro ou cinco homens todos de confiança, entre os quais entrava o sota-piloto; e ao pôr do sol os avisou que atentassem para onde se recolhiam as aves; tiveram elles tento, e disseram que se recolhiam para gilavento da popa, e que não viam por proa nada, o que era próva de se ter passado o Baixo, pois as aves se recolhiam em anoitecendo por popa, e não se podia presumir recolherem-se a outra parte, que ao Baixo; por onde ficava claro ficar elle atrás: e não se lhe podia dar outro resguardo, porque virando a nao, como podia pôr a proa onde trazia a popa? Quando muito podia aportar para onde se recolhiam as aves, que era ir

buscar o Baixo, se atrás ficava. Aos exemplos que trazem das naos Tigre e Reis Magos, se responde que não correram nellas tão particulares razões como as que estão dadas. Quanto mais que podia muito bem ser que o Baixo que viram fosse este mesmo em que a nao deo, e que pelo não conhecerem o julgassem pelo da Judia, tendo-o já passado, como a cima se dlsse. Isto é o que se póde dizer deste Baixo, assim pelo que se vio e experimentou, como por informações que houve.

Tornando á historia do infelice naufragio desta nao: em as duas cubertas assentando sobre o arrecife, logo se fizeram em partes, formando de si um triangulo, popa, proa e costado; não cerrou de todo o triangulo, porque para a banda do Norte ficou uma pequena aberta por onde depois sahiram algumas jangadas. Recolhiam estas tres partes da nao dentro em si um grande tanque, que de preamar cobria um homem, por grande que fosse: de baixamar dava pelo giolho. Botou-se logo o esquife ao mar, em que se meteram o capitão mór Manoel Gonçalves, mestre da nao, Manoel Rodrigues, e Vicente Jorge passageiros, Dinis Ramos barbeiro da nao, o mestre dos calafates com alguns marinheiros, que por todos eram dezanove, e entre elles um menino de nove annos, filho de Vicente Jorge, que se escondeo dentro do esquife por industria do pai; diziam que iam descubrir o baixo, e ver se achavam terra, e que logo haviam de tornar. Tambem se meteo no esquife o padre Frei Thomás Pinto, levando uma Agulha de marear na mão, mas o capitão mór lhe pedio que se sahisse, promettendolhe com muitos e graves juramentos que elle tornaria por elle, que não ia a mais que a sondar o Baixo, e ver se havia terra. O padre Frei Thomás Pinto se sahio, dando credito aos juramentos do capitão

mór, e por atalhar as desordens e motins que em tal occasião podiam succeder. Muitos homens fidalgos e outra gente nobre que estava para entrar no esquife, não cometteram entrar nelle, vendo que delle se sahia o padre Frei Thomás Pinto.

Indo-se com tudo o esquife, e vendo-se a gente em tanto desamparo entre bravas ondas, que de todas as partes bramiam, sem ver mais que ceo e mar, e o destroço e ruina de tão fermosa maquina, como era a da nao, então acabáram de entender quão grande erro fora deixarem ir assim o esquife sem mais consideração; porque se o tiveram, com elle e com o batel que depois se concertou, tomáram os homens mais animo, e fizeeram-se mais jangadas, melhores, e com mais ordem, e pudera-se salvar mais gente. O esquife não tornou, posto que se sabe que o capitão mór pedira com muita instancia ao mestre da nao e aos mais companheiros que tornassem, mas não quizeram, posto que muito o sentisse o capitão mór, á quem tambem conveio obedecer pelo transe em que se via.

Neste tempo olháram pelos que faltaram, e achou-se que seriam mortos como dés ou doze homens, que ficaram dentro dos camarotes, e por baixo entre as cubertas, e outros feitos em pedaços dos aparelhos que cahiram sobre elles: outros tantos morreriam nesta mesma manhã sahindo-se da nao por cobiça em busca do fato que viam estar em seco, e dos quarteis da nao que appareciam, para delles fazerem jangadas; mas era tão grande a resaca que tirava para o mar, que os levava para fóra, e os afogava. Quebrava esta agoa com grande furia no arrecife, e sahia logo mui teza para o Nordéste, para onde as agoas alli parece que corriam.

Houve esta manhã muitas lagrimas, com grandes

demostrações de contrição e arrependimento de culpas, disseram-se as ladainhas, pediam todos misericordia a Deos, houve muitos que se davam grandes bofetadas com grandes móstras de sentimento e dor, outros traziam alguns retabolos de Nossa Senhora, mostrando-os de algum lugar mais alto, donde melhor se pudessem ver, punham-se todos de joelhos, e com grandes gritos e muitos soluços e lagrimas, que eram continuas, chamavam pela Senhora que lhes valesse em tão espantosa affliçâo, e já lhe não pediam outra cousa mais que remedio para as almas, que da salvação dos corpos estavam todos desconfiados.

A' vista destas calamidades um moço cativo de Manoel Rodrigues passageiro, começou a fazer muita festa, alegrando-se e comendo dos doces que não faltavam, saltou com muito contentamento na agoa dentro no tanque, que a nao em si recolheo, onde nadando dava muitos mergulhos, zombando dos mais, e dizendo que já era forro, que não devia nada a ninguem: tão seguro, e sem medo, como se nadára no rio de Lisboa. Donde se vê que os mesmos effeitos obra ás vezes nos barbaros a bruteza, que nos bem instruidos a lição e filosofia; porque naquelle estado para se não mostrar muita tristeza e sentimento, era necessario que fosse um homem ou piloto, ou bruto.

Ia esta nao, como todos diziam, a mais rica e prospera que havia muitos annos sahira do reino: estava o chapiteo alastrado de moedas de oito reales em grande quantidade, afóra muitos sacos que se botáram mutrados ao mar: estava o dinheiro debaixo dos pés tão pouco estimado, que não havia naquella occasião quem olhasse para elle, posto que com alguns poucos da gente commum póde a cobiça tanto, que encheram as sacas de reales, as quaes pretendiam levar e salvar nas jangadas que faziam.

No primeiro e segundo dia depois da perdição, não se fez caso do batel, posto que muitos tratavam de o concertar; porque os mais cuidavam que se havia alguma esperança de salvação, poderia ser por meio das jangadas que se ordenavam. Neste tempo andavam todos cingidos com duas tres cordas para se atarem ás jangadas, e depois de darem muitas voltas com as córdas pela cintura para andarem mais léstes, davam com ellas outras tantas pelos pescoços. Era tão triste o espectaculo que pareciam todos assim com os baraços nos pescoços condenados á morte. Neste mesmo dia abrio a nao pelo costado, e a modo de parto lançou de si o batel com um terço menos: lançaram-no as agoas para o mais baixo do arrecife, e encalhou tres tiros de espingarda da nao: o primeiro que se lançou a elle foi um genovez, homem nobre, chamado Scipião Grimaldi. Foram-no ver alguns homens do mar, disseram que não tinha nenhum concerto; com tudo outros se deixaram ficar nelle, e com uma bandeirinha faziam sinal aos da nao, dando-lhe a entender que se fossem para lá, que ainda podia o batel prestar. Assim o fizeram muitos, entre os quaes foi Duarte de Mello, natural de Baçaim, Diogo Rodrigues Caldeira irmãos. O piloto e outros elegeram todos de commum consentimento por seo capitão a Duarte de Mello, fidalgo digno por certo de outras maiores honras.

Feita a eleição determináram-se muito de proposito ao concerto do batel, e de taboas de caixões calafetadas com camizas, com uma ponta de faca, e queijo de framengos amassado em breu, lhe fizeram a popa, e com o mesmo panno e queijo calefatáram muita parte delle: porque estava mal, que quasi por todas as partes fazia agoa. Deram-lhe tambem cinco ou seis arrochos de cabos de arretaduras do mastro, e nem

assim bastava para vedar a agoa, e era necessario a dous baldes lança-la de contino fóra com muito trabalho da gente, e isto em quanto o batel esteve no Baixo para se poder ter em nado, que depois que se fez viagem sempre houve quatro gamotes vivos, revezando-se a elles todos os que estavam para isso.

Os que estiveram no batel em quanto se concertou, passáram muito trabalho de fóme e sede, porque não bebiam mais de duas vezes ao dia, cada um sua vez de vinho puro, sobre talhada de marmellada ou de queijo, e dormiram a primeira noite com agoa pela cinta: a segunda muito apertados no batel, porque erm muitos, ainda que com menos agoa; alguns estiveram de fóra do batel encostados a elle com agoa pelos peitos. Nesta obra se occuparam de terça feira á tarde até á quinta. O padre Frei Thomás Pinto, levando comsigo Jeronymo da Silva contramestre do nao, foi ver o batel para ver se devia antes fiar-se delle, que das jangadas, entre as quaes havia algumas bem feitas; pareceo a ambos que mais seguro era o batel; deo logo Jeronymo da Silva ordem com que da nao viessem mantimentos, agoa, vinho, biscoüto, queijo, marmelladas, e algumas conservas. Ordenou-se nelle a cevadeira de um lançol e de uma teada de panno de linho, o mastro se fez de uma barra de cabrestante, a verga de dous piques, o mastro da cevadeira de tres piques, a verga de dous. Depois se emendou a verga do mastro grande, e fez-se de outra barra, e os laes de duas pontas de piques, a enxarcea se fez de linha de pescar, e de fios, e a amarra de doze balços de marinheiros com mais uma peça de linho de trinta e oito varas, torcida a modo de corda; a fatecha de seis cunhas de braços com mais um saco em que iam mil e trezentos cruzados; serviam de léme duas pás, com que se teve muito trabalho.

Aguardou-se pela maré, e muita gente da nao vendo que se ia della o padre Frei Thómás Pinto com o contra-mestre, veio-se para onde estava o batel, e como era muita temeram-se os que nelle estavam que houvesse ao embarcar algum grande trabalho, como em taes occasiões acontece, o qual para se evitar foi grande remedio pedir então o capitão Duarte de Mello ao padre Frei Thomás Pinto, que por algum bom modo houvesse as armas daquella gente, dizendo-lhe que pelo muito respeito que lhe tinham lhas entregariam, para assim se atalharem as desaventuras ordinarias nos naufragios. O padre Frei Thomás Pinto com muita brandura lhes pedia as armas, as quaes muitos lhe entregaram, posto que alguns houve que as não quizeram entregar; mas tinha tanta authoridade o padre Frei Thomás Pinto entre toda a gente da nao, que alguns recuzando dar as armas, pondo-lhe o padre brandamente a mão nellas, lhas entregavam. Isto foi parte para mais a salvo e pacificamente se poderem embarcar os do batel; porque sem duvida gente que se via sem nenhum modo de remedio, deixada no meio do mar para se afogar em menos espaço de meia hora, se se vira com as armas na mão tudo acomettera.

Neste tempo era já crescida grande parte de agoa, e cinco jangadas que se fizeram se chegáram ao batel, no qual se embarcáram os que se nelle pretendiam salvar, com muito trabalho, defendendo-se a embarcação aos mais que a vinham a demandar, á espada, porque não havia outro remedio: algumas mulheres que na nao iam, se ferravam ao batel, ás quaes os que nelle estavam feriam, como aos homens que o intentavam. Foi o espectaculo deste dia o mais triste e lastimoso que se podia ver. Estava todo o arrecife cheio de gente, a qual não queriam recolher, nem os

do barco, nem os das jangadas: a maré vinha enchendo, e elles não podiam tomar pé; por onde logo se começaram a afogar todos os que não sabiam nadar, e os que sabiam tambem se afogavam, dilatando com tudo um pouco mais a morte. Andava grande quantidade de homens nadando, uns para as jangadas, e outros para o batel, e assim se afogaram todos, e duas mulheres que iam para se meter nas jangadas, em que iam muitas outras. Um moço de quinze annos nadou quasi meia legoa, e chegou ao batel afastado de toda a mais gente que nadava; puzeram-lhe uma espada diante, a qual elle naquelle conflito não temeo, mas antes, como se lhe fora dado cabo, pegou della, e não se desapegou della sem o recolherem, a troco porém de uma grande fenda na mão. Os que assim navegando no batel olhavam para as ruinas e quarteis da nao, viam que nelles ainda estava muita gente, e que toda andava de barretes vermelhos, com toucas, e umas sobre-vestes a modo de couras segadoras, feitas de peças de escarlata, que na nao havia, e de algumas sedas de cores, dando fermosa vista para tempo mais alegre. As jangadas tambem iam muito para ver, porque pareciam fustas com vélas de damasco verde, carmezim, e de outras cores.

Seguindo o batel sua via, foi ter por noite duas legoas e meia donde partira, junto aos penedos de que atrás se fallou: indo assim caminhando cuidavam os do batel, por bom espaço, que os tres penedos maiores eram ilhéos, até que de muito perto se divisou que eram penedos: estavam estes penedos cheios de gente, que da nao a elles se recolheo, com intento de acabar antes nelles que na agoa: quando aqui chegou o batel era noite, e tão fria, que ella só bastára para acabar a todos, e trás esta se seguiram outras frigidissimas. Aqui se vio o mais horrendo espectaculo de

todos os do naufragio; porque assim os das jangadas como os que estavam nos penedos esperando ter algum refugio no batel se sahiram delles, e se vinham nús com agoa pelos peitos, estando toda a noite em um perpetuo grito, por razão da frieza da agoa e incompativeis dores: não se ouviam outras vozes mais que ais, gemidos, e grandes lastimas: bradavam pelos do batel, que lhe valessem, nomeando a muitos por seus nomes, e lembrando-lhe o estado em que se viam: entre estes um dos que mais gritava era D. Duarte de Menezes, primo com irmão do capitão mór Fernão de Mendoça; mas não foi ouvido, nem Ruy Mendes de Carvalho homem fidalgo; recolheram ao condestabre da nao com uma só palavra que disse.

Ao outro dia pela manhã, que foi sexta feira trinta e tres do mez, estando os do batel para se partir, pareceo ao piloto em sua consciencia, e ao contra mestre, e a alguns homens do mar, communicando o primeiro com o capitão Duarte de Mello, que o dito batel não estava para poder navegar com tanta gente, e que como tivesse mais de quarenta e seis ou quarenta e sete pessoas, que se não atrevia a navegar; e mandando-se contar a gente que nelle estava por Antonio Gonçalves, guardião da nao, que era muito bom homem, e muito bem inclinado, e dizia que não chegava a quantia da gente áquella com que o piloto se atrevia a navegar; e todavia parecendo a algumas pessoas que se tinham apoderado do batel que o guardião não contára bem a gente, por o batel estar pezado, assentáram entre si que se lançassem ao mar algumas pessoas; e elles sómente consultavam e determinavam quaes haviam de ser estes condenados. Os desta parcialidade deram conta a Duarte de Mello do que o piloto dizia, e da diligencia que se mandára fazer pelo guardião, e mostrando Duarte de

Mello capitão muito sentimento christão, não sabendo como se podésse escusar a execução de tão cruel obra, se mandou ver por quatro ou cinco pessoas a gente que no batel estava; leváram as espadas nuas nas mãos, para assim mais facilmente poderem executar as sentenças, e miseraveis sórtes dos condenados.

Lançaram fóra do batel dezasete pessoas, entre as quaes entrou Jorge Figueira, homem fidalgo e conhecido por tal, que trabalhou no concerto do batel como se fora um grumete, do primeiro dia que se nelle entendeu até á hora em que partio: e em se determinando que fosse ao mar fuão, o botavam logo os executores, deixando-o todavia fallar a Duarte de Mello, se o requeria, mostrando nisto alguma humanidade, com que em parte se moderava o rigor da sentença: e estando já botadas ao mar onze pessoas, disse um dos do batel, que se não nomea por evitar escandalo, que não era justo, que quando se lançava tanta gente ao mar, que se salvassem dous irmãos, os quaes eram Gaspar Ximenes, e Fernão Ximenes, homens honrados, naturaes de Lisboa. Isto que esta pessoa disse foi mui estranhado, porque Gaspar Ximenes e Fernão Ximenes, por serem pessoas honradas e de bom procedimento, tinham muitos amigos no batel: posto que não faltou quem dissesse que dizia bem aquella pessoa; e consultando os que davam a sentença se mandou que um delles fosse lançado ao mar, e pegando logo os que davam á execução em Gaspar Ximenes, que posto que mais velho era menor de corpo que seo irmão, e mais delgado de carnes; e sendo Gaspar Ximenes levado pelo ar destes diligentes ministros, saltou seu irmão Fernão Ximenes donde estava, e com o amor fraternal com que o amava o tirou das mãos de todos, puchando por elle pela roupeta, e dizendo que o dei-

xassem fallar com Duarte de Mello, o qual com ambas as mãos pegadas em seu irmão, sem o largar, se virou para Duarte de Mello, e lhe disse: Ah Senhor Duarte de Mello, não ha remedio senão ir um de nós ao mar? Duarte de Mello lhe não respondeo mais que chorando pelos olhos, e levantando os hombros, como quem lhe queria dizer que não podia al ser. Respondeu Fernão Ximenes com muito espirito, que Deus lhe devia dar, porque o que fez parece mais obra sua, que de homem:—Que já que não podia ser outra couza, que ficasse seu irmão que era mais velho que elle, e pai de suas irmãs, e que o lançassem a elle ao mar; e em dizendo isto o lançaram, ficando com tanto animo como se o botáram em uma praia de gente amiga, sendo golfão de mar de mais de eento e vinte legoas da primeira terra; lembrando-se mais este generoso mancebo da obediencia que devia a seu irmão mais velho, que elle conhecia por pai; e do bem e remedio de sua mãi e irmãs, do que convinha á sua vida, tendo esperança na misericordia de Deus Nosso Senhor, que se lembraria de sua alma.

Foi esta fineza bem digna de se perpetuar, e nunca esquecer na memoria dos homens, onde no amor ficou mais levantada que na amorosa contenda de Pilades e Orestes; porque se devia ver poucas vezes com tanto animo dar um irmão a vida por outro, como este fez: mas como foi obra tão subida e de tanta caridade, não deixou Deus Nosso Senhor a paga para muito longe; antes no mesmo dia lha pagou, porque indo-se todos os que lançaram fóra do batel a recolher a uns penedos altos, e dizendo estes a Fernão Ximenes se queria ir para lá? Respondeu que alli havia de esperar sua ventura: o qual pondo-se em cima de um pequeno penedo, onde lhe dava a agoa quasi pelo pescoço, e abaixo do penedo era muito alcantilado, e

vendo como o batel começava de se desamarrar e fazer-se á véla, tendo duas camisas vestidas (como quasi todos fizeram) querendo-as despir para se pôr em feição de nadar, e tendo a cabeça toda dentro nellas, vindo por baixo um mar grande lhe furtou os pés do penedo, em que os tinha, e assim ficou no pégo do mar com a cabeça dentro nas camisas; e vendo-se daquelle modo, segundo depois contava, no conflito e accidente da morte, estrabuxou com tanta furia e força os braços, por ser mancebo robusto, que abrio as camisas por diante até baixo, com o que ficou livre da cabeça, ficando-lhe as camisas vestidas nos braços. Tornou-se nadando ao penedo, onde as despio de todo, e se lançou atrás do batel, o qual seguio nadando por espaço mais que de tres horas, rompendo grandissimas correntes das agoas, dando muitos e lamentaveis brádos por Jesu Christo Nosso Senhor, e pela Virgem Sacratissima sua Mãe, que quizessem valer-lhe naquelle tão grande conflito. E seo irmão Gaspar Ximenes estava tal no batel, e tantas lastimas dizia, vendo o trabalhoso transe de seu irmão, de quem pouco antes tal beneficio de amor tinha recebido, não lho podendo pagar mais que a troco de lagrimas e gemidos, de modo que um amigo seo se chegou a elle, e lhe disse manso, que se callasse, que estavam todos tão molestados de o ouvirem, que diziam que o deitassem tambem ao mar pelo não ouvirem mais. Pelo que conveio a Gaspar Ximenes callar-se, chorando sómente no coração, e pedindo misericordia a Deus, encomendando-se com muita devoção á Virgem Nossa Senhora dos Prazeres da freguezia de S. Christovão de Lisboa, onde ambos se haviam creado.

Permittio Nosso Senhor chegar a hora em que queria pagar a este mancebo tão grande obra de caridade como fizera: andando já que se não podia bo-

lir do trabalho de nadar, os mesmos que o condenáram que fosse botado fóra do batel requereram da parte de Deus que o reeolhessem, e que sendo necessario á navegação do batel botarem-no fóra, que se faria; e chamando-o que viesse entrar, foi necessario deitarem-lhe um pique para se pegar nelle, o que elle fez, e puchando-se do bater por elle o meteram dentro, o qual vinha já inchado da agoa, e virando o com a cabeça para baixo, deitou grande quantidade della; o qual vendo-se livre da morte, dando muitas graças a Deus e á Virgem Nossa Senhora dos Prazeres, á qual tinha grandissima devoção, se poz a dar ao gamote no batel, com os mais que o faziam, no qual trabalho foi continuo até o dia em que se tomou terra. Afóra Fernão Ximenes se tomaram outros dous dos que estavam lançados fóra do batel. Nestas execuções que se fizeram não se intrometeo nenhum dos religiosos que no batel iam, vendo o decreto do capitão, e dos mais de sua parcialidade, posto que muito o sentissem, por ser negocio mui alheio de suas profissões: e deviam os do conselho entender bem isto, porque a nenhum proposito falláram nesta materia com os religiosos, pelo que lhes conveio callarem-se.

Indo assim navegando o batel pelo Baixo onde a nao se perdeu, se via na agoa (que estava muito clara, tanto que pareciam no fundo as mais pequenas pedrinhas) um fermosissimo prado de coral, e pela maior parte verde, entresachado algum vermelho. Via-se uns montezinhos baixos de dous tres palmos de róda, com umas folhas de comprimento de um dedo, e de largura de tres, de um verde finissimo, que pouco alegrava em tão espantoso infortunio. Aconteceo aqui, que querendo botar ao mar o tanoeiro de sobre-celente, o qual tinha trabalhado mnito bem no

concerto do batel, e vendo o pobre homem que não tinha nenhum remedio, pedio que lhe déssem uma talhada de marmellada; deram-lha, e sobre ella bebeo uma vez de vinho, e assim se deixou lançar ao mar, indo-se logo a pique ao fundo, sem mais apparecer.

Entre os que lançaram ao mar, foi tambem botado um moço, o qual vindo nadando muito espaço pela esteira do batel, fazia muitas instancias que o recolhessem, sem se querer apartar do batel, dizendo que Nossa Senhora lhe apparecera e lhe dissera que se havia de salvar o batel, pedindo por tão boas novas como dava o quizessem tomar; e tanto importunou e soube dizer, que movidos a piedade os que por então mandavam tudo, o recolheram a elle e á um marinheiro, e levando ferro para se partirem daqui, se achâram no batel cincoenta e sete pessoas, cujos nomes se aqui põem. O padre Frei Thomás Pinto, e seu companheiro, Frei Adrião de S. Jeronymo da Ordem dos prégadores; e da Companhia de Jesus, o padre Pedro Martins, o padre Pedro Alvares, o padre João Gonçalves, o padre Sapata, o irmão Manoel Ferreira, o irmão Manoel Dias; e fidalgos Duarte de Mello, D. Fadrique de Larcão, D. Rafael de Noronha, Ruy Pereira, João de Mello de Lima, Gaspar Ximenes, Fernão Ximenes seo irmão, de que atrás se fez larga menção, Diogo Rodrigues Caldeira, Fernão Rodrigues Caldeira, Henrique Pinto, Antonio de Abreu, Scipião Grimalde genovez, Jorge Soeiro, Jeronymo de Castilho, Pedro Vás Lobato, Manoel do Basto escrivão da nao, Affonso Gomes que ia despachado por capitão-mór da Cósta de Melinde, Duarte Gomes, Diogo do Couto, Gaspar Gonçalves piloto da nao, Jeronymo da Silva contra-mestre, Antonio Gonçalves guardião, Luis de Caminha cirurgião da nao, Manoel Ferreira condestabre, João Dias feitor de Fernão de Mendo-

ça, Manoel Pinhão soldado: marinheiros Silvestre Vicente, Simão Paes, Gonçalo Preto, Bento Lobato, Diogo Dias, Antonio Vás, Diogo Vieira, Gonçalo Fernandes, Manoel de Araujo, gajeiro, o despenseiro do feitor da nao, Marcos Alvares, carpinteiro da viagem, Antonio Ferreira carpinteiro de sobre-cellente, Manoel Sobrinho, Agostinho de Almeida, Salvador Borges, e Salvadorinho moços do piloto; e Pedro Telles criado de Duarte de Mello.

Teve-se por milagre chegarem a terra cincoenta e sete pessoas em dous terços de batel, arrochado com córdas, fazendo tanta agoa por todas as partes, que a quatro gamotes de dia e de noite se não estancava, atravessando nelle cem legoas de golfão ou mais. E se se attribue a milagre (como na verdade o foi) ir o batel á terra, tambem pudéra ir por milagre, mediante a misericordia de Deus, com os que lançaram fora delle ao mar. Mas deixada esta materia, e tornando ao fio da historia; dous dias depois da partida se ordenaram ao batel umas falcas de veludo verde e carmezim, que foram muito necessarias para a navegação. O mantimento que havia se entregou ao padre Frei Thomás Pinto para o repartir todos os dias pela gente, dando-lhe um marinheiro bom homem que o servisse neste tão importante ministerio. Dava-se de regra cada dia a cada pessoa, de biscouto quanto cabia na mão, uma talhada de marmelada, e um cópo de vinho bem agoado; a agoa como era muito pouca, não se dava senão a um doente. Com isto se passava: a sede todavia era grandissima, porque o vinho aos que não eram costumados a elle, não lhes mitigava a sede, e alguns diziam que mais lha accrescentava. Iam todos tão apertados no batel, que nem mover-se podiam, uns por cima dos outros: o frio da noite era insoportavel, e de dia ardiam todos com calma. O

descuido dos marinheiros que iam ás escotas da cevadeira era tal, por andarem alcançados de sono, que não era possivel pode-los ter de noite acordados, e assim tomava o batel a cada passo de luva. O padre Frei Thomás Pinto com muita vigilancia espertava sempre os marinheiros, e aos dos gamótes, por que nestas duas cousas, depois de Deos, parecia estar a salvação do batel. Todos os dias se rezavam as ladainhas, e todos se encomendavam de contino a Deos, pois só nelle havia esperança de salvação. Nesta agonia, e em meio de tão evidente perigo não faltavam escandalos entre a gente do batel, indo no estado como fica dito, que só a misericordia de Deos lhe podia valer, com a morte todas as horas diante dos olhos. Havia grandes juramentos, e muito extraordinarios, differenças e ruins palavras, e ameaços para a terra, que tão distante estava, e tão mal merecida por esta desordem.

Desta maneira se caminhou oito dias, fazendo sempre a via do Nornoruéste. A quarta feira vinte e oito do mez de Agosto vio-se a agoa amassada, que parecia de fundo; lançou se o prumo, acharam-se quinze braças, e logo doze, e oito, e seis, e em seis se deo fundo sem se ver ainda terra. Ao outro dia pela manhã, quinta feira vinte e nove do mez, se vio claramente a terra, e se encalhou ás tres horas depois do meio dia: com tudo não se pôde tomar sem perigo, porque como a terra por alli é mais baixa, que a agoa, não viram que rolava o mar, senão quando já se achâram dentro do mesmo rolo; as ondas eram muito grandes, e vinham de longe encapellando, e quebrando a muita distancia da terra; o batel era o que está dito. Parecia neste trabalho que não havia mais que fazer, que cruzar os braços, e entregarem-se de todo á morte: julgavam este por maior perigo, que todos os

passados. O piloto e contra-mestre de todo desconfiavam, chamando por Nossa Senhora, e não sem lagrimas; os máres davam todos por popa no batel, que a tomarem no atravessados, nenhum remedio de salvação havia. Logo se lançáram do batel dous homens confiados em saber nadar, aos quaes dava a agoa por cima dos peitos, e assim foram tirando para terra, com o rolo, que era grande, mas tomaram-na sem perigo. Nisto veio-se chegando o batel até de todo encalhar; e assim sahiram todos os que nelle vinham sem perigo.

Sahidos destes trabalhos do mar, começáram a experimentar os da terra, que os estavam esperando; porque no mesmo dia que desembarcáram déram alguns cafres sobre elles, e os despiram a todos, dando duas azagaiadas ao padre Frei Thomás Pinto, e ferindo num olho a um marinheiro; e esta foi a boa hospedage que na terra tão desejada de todos acháram, livres dos perigos do mar. Os cafres depois de fazerem o assalto, levavam comsigo por força a Jorge Sueiro, e a Fernão Rodrigues Caldeira: os mais que ficáram tomáram a praia contra o nascente, sem saberem onde estávam, nem para onde iam; depois se soube que encalhára o batel entre Luranga e Quizungo. Nisto anoitecia já, o frio era muito grande, e todos estavam nús, sem terem abrigo algum. Era lastimoso theatro ver gente em tal estado, religiosos tão graves e doutos, e tantos homens fidalgos e nobres, e outra mais gente em tanto desamparo, em uma praia de barbaros, vendo de uma parte o már, de cujas furiósas ondas ainda estavam assombrados, da outra, terra de inimigos tão crueis como estes cafres são.

Desta maneira caminháram tres horas da noite, mas o frio, que era insofrivel, fóme e sede de tantos dias, e cançaso, os debilitáram de modo, que não po-

dendo dar mais passo se recolheram a um monchão que a praia fazia, onde metidos em cóvas que fizeram, e cubertos de area passáram a maior parte da noite, e em rompendo a manhã, sexta feira trinta do mesmo mez, tornáram a caminhar pela praia acima com grande fóme e sede, sem poderem descubrir agoa, nem couza que comessem, salvo umas favas do mato, que nasciam junto com a area, as quaes alguns não comeram, tendo-as por venenósas; com tudo, muitos apertados da fóme comeram dellas, mas pagavam-no logo com trabalhósos vómitos, e outros accidentes que lhes sobrevinham. Em sahindo o sol esperavam ter algum refrigerio do frio passado, mas tudo era sahir de neve, e entrar no fogo; porque a poucas horas o sol era tão quente, que os assava; assim esfollou a todos pelos braços e hombros, ficando taes, que nem a propria mão soffriam porem nelles.

Foram assim caminhando até ás dés horas, que sahiram a elles alguns cafres, e diante delles vinha uma negra, mulher de dias, mas muito alegre, que por acenos, com bom rosto os convidava a seguirem-na. Aos negros se déram alguns barretes que ainda levavam, mas elles são taes, que mal contentes do que lhes davam, os despojavam ainda de alguns pedaços de pannos que o dia dantes pudéram salvar. Foram-se atrás dos cafres pela terra dentro, e a pouco caminho déram em um paul de agoa malissima, mas não deixaram todos de se meter nelle. Tão lastimados iam de sede, e bebendo muitos mais terra que agoa, lhes parecia que bebiam agoa fria do Rio Douro, ou Minho. Os negros por acenos gritavam, que não bebessem, dando a entender ser a agoa peçonhenta, mas nenhum deixava por isso de beber, porque tal era a sede, que nem ás pancadas os puderam tirar.

Partidos daqui chegáram a umas aldeas, que cha-

mavam Paté no distrito de Quizungo, rio conhecido dos nossos : a menos de legoa deste rio achâram uma aldea, em que os cafres os meteram, e nella estava um negro muito velho, que era cabeça sua, marido daquella negra que o primeiro dia que desembarcáram lhes appareceo com os negros. Este negro os recebeu bem, e depois de assentados lhes mandou pôr diante um ramo de figos verdes dos da India, os quaes comeram assádos : apoz estes figos vieram farellos de milho, que em tal tempo sabia tudo muito bem. Entretanto cozia-se milho, e em quantidade, e alguns cuidavam que seria o seu jantar dos cafres ; mas déram-no a todos, e assim ficáram bem hospedados com esta iguaria, tendo-se por banquete ; mas dahi por diante lhe foram estreitando a regra de maneira, que em mui poucos dias vieram a todo extremo de fóme ; porque muitos dias houve que cada um não comia mais que um figo peqneno, e verde, ou, fallando mais proprio, em leite. Comiam neste tempo cascas de patecas, e farellos de milho, dos quaes algumas vezes faziam bolos, que por serem pegajosos e se ajuntarem mal, era necessario fazerem-nos com folhas de figueiras, envóltos nellas ao modo de requeijões do reino, e assim os assavam nas brazas, e meios assados os comiam ; que a tanto chegava a ancia da fóme ; e quando destes farellos cabia a cada um seu bolo, ainda que pequeno, tinham-se por ditosos no jantar.

Aqui passáram grandes fómes, em tanto, que do milho cozido não davam a cada um mais que duas colheres delle para todo o dia, vedando-lhe os negros que não fossem ao mato buscar fruta para comerem, nem buscar hervas ; porque os tinham dentro de um pequeno circuito entre umas figueiras, como prezos, e se algum se afastava um tiro de pedra dos outros, faziam-no logo tornar á prizão, dando-lhe algumas

vezes pancadas. O gazalhado da noite era incompativel, porque tem estes negros algumas choupanas sobre estacas de um covado de altura, as quaes lhe servem de celleiros; debaixo de duas destas se recolhiam todos os do batel de noite, e ficando sempre alguns de fóra, estavam tão apertados, que muitos por esta causa não podiam dormir toda a noite; a cama era de herva tão aspera, que ficava toda estampada no corpo: assim passávam nús, e por ser ainda inverno nesta terra, o frio era grande; valiam se nesta occasião do fogo toda a noite, porque nesta terra havia muita lenha, e tão boa, que a verde ardia melhor que a seca de Portugal; mas como traziam o frio nas medullas e ossos, se de uma parte se aquentavam, da outra se sentiam enregelados; onde se experimentou quão errados vão os que dizem (na Zona torrida não ha frio) o que parece se deve entender nos que habitam junto á Linha equinocial: e nesta terra não durava mais o frio que até uma hora depois do sol sahido, e todo o mais dia até o pôr do sol era a calma insoportavel. Por duas vezes cometteram sahirem-se dalli, mas os negros os faziam tornar sahindo-lhe ao caminho concertados com suas azagayas e arcos, com grandes gritos, tarnando os a despir de algum pedaço de camiza ou gibão, que alguns dos roubos atrás esconderam.

Estando nesta miseria veio um dia ter alli um negro com um chapeo de tafetá preto na cabeça; foi isto causa de tanta alegria em todos, que lhes parecia que viam a algum portuguez; sahiram-no todos a receber; o negro tirou o chapeo, e com semblante triste, como homem que tinha lastima de os ver naquelle estado tão miseravel, fallou-lhes em portuguez, dizendo-lhes que se nāó agastassem, que eram couzas de Deos, mostrando que sentia muito ve-los em

tal afflicção: que a elle lhe chamavam Banno, e era sobrinho do Xeque Banno de Luranga, que lhes trazia cartas de Fernão Rodrigues Caldeira, e de outro portuguez, e ordem para os tirar dalli: então lhes deo as cartas, uma vinha para Diogo Rodrigues Caldeira irmão de Fernão Rodrigues, e outra para todos; nellas diziam, como os negros que forçadamente os levåram quando encalhåram com o batel, ao outro dia logo os levåram a Luranga, que era dali perto, onde foram bem tratados do Xeque, e que acabaram com elle que mandasse aquelle seo sobrinho em busca delles, com recado bastante para os levar comsigo.

Começou este negro de tratar logo do resgate de todos elles, mas desta vez não acabou nada com os cafres que os tinham. Tornou-se este negro sem lhes fallar, e segundo depois se entendeu fez isto, porque como determinava de tornar com melhor aviamento, não quiz ouvir lastimas desta triste gente, posto que todos ficåram muito desconsolados pela auzencia deste negro, que não sabia se tornaria. Mas o padre Frei Thomás Pinto animava a todos a esperarem pela tornada do negro, pelo bom conceito que delle tinha, e assim o sustentava; com tudo pareceo bem a todos, visto como sabiam já para onde Luranga estava, e ser o caminho breve, mandar lá um par de companheiros a descubrir terra, e tratar com o Banno de seo resgate. Foram para isto eleitos Affonso Gomes, que ia provido por capitão mór da Cósta de Melinde, e um marinheiro chamado Gonçalo Francisco; e porque elles depois de partidos tardåram em mandar recado do que passava, devendo tornar um delles com novas do que achasse, como entre todos ficára concertado, despediram outros dous, que foram o padre Frei Adrião de S. Jeronymo da Ordem dos Prégadores companheiro do padre Frei Thomás Pinto, e Manoel

Ferreira Irmão da Companhia de Jesus, e com elles se foi tambem Manoel do Basto escrivão da nao; uns e outros iam fugidos, porque os cafres não davam licença. Tinham-se antes delles idos pelo mesmo modo D. João de Menezes filho de D. Francisco de Menezes, e Manoel da Silva marinheiro.

Apoz o padre Frei Adrião se foram na mesma noite nove ou dés, no que fizeram má obra aos que ficavam; porque os negros cahidos na conta do que passava, ao outro dia depois delles idos, vieram com muita colera gritando, meteram a todos os que ficáram em um curral, como gado, dentro de uma pequena choupana, na qual nem assentados cabiam, e era forçado estarem em pé, até cahirem de fraqueza; os que estavam encostados ás paredes, como estavam nús, e ellas estavam mal retocadas, magoavam-lhe as pedras muito a carne; este foi um dos grandes trabalhos que nesta desaventura padeceram: porque entre elles havia homens de muito entendimento, que se persuadiam terem-nos alli os cafres para porem o fogo á caza, e assim queimarem a todos juntos: ajudava esta presumpção ouvirem gritar um marinheiro que ficou fóra que o afogavam, isto com vózes muito lastimosas; e o caso era que dous moços cafres lançaram uma corda ao pescoço do pobre homem, e pretendendo mais espanta-lo que matarem-no, o arrastavam puxando por elle; mas como o marinheiro tinha as mãos soltas, pegava do laço, e desta maneira se defendia delles; e como a tenção dos cafrinhos era de zombar, acabou-se o jogo em lhe darem muitas pescoçadas.

Em quanto assim estiveram davam-se todos á oração o mais do tempo, e a praticas espirituaes. Faziam-se promessas de differentes votos, quaes nestes conflitos da morte se soem fazer: pediam uns

aos outros perdão, amigando-se todos os que estavam em odio e differenças, que ainda em tão triste jornada não se fallavam, porque tal é a fraqueza humana, que ainda á vista da morte não perde ponto em materia de honra.

O padre Frei Thomás Pinto depois de persuadir a todos, em uma pratica que fez, as razões que havia para se todos conformarem com aquelle estado, de que Deos fora servido, mostrando os proveitos da alma que de tal consideração se seguiam, lhes dizia que em nenhum tempo houvera melhor occasião de estarem consolados, e com esperanças de remedio das vidas, tão desejado de todos, como no prezente, em que se viam; porque estarem todos os portos tomados por onde lhes podia vir, era o mais certo sinal e argumento que se podia ter de Nosso Senhor haver de acodir com sua misericordia, por ser este o tempo em que elle mais costumava usar della, como quem era: e foi assim, que estando tão desconfiados de remedio, naquelle dia á tarde chegou um negro de Luranga com uma carta do padre Frei Adrião, e do Irmão Manoel Ferreira em que diziam como eram chegados a Luranga, e que nas cóstas do portador ia Banno o moço com bastante recado para resgatar a todos, e leva-los comsigo.

Não se pòde exprimir a alegria que em todos causáram tão boas novas, estando já entregues á morte. O Banno veio com tres negros concertar-se com os cafres em córte de corja e meia de roupa por resgate de todos. E assim sahiram de Quizungo uma quinta feira á meia noite doze de Setembro. Caminhou-se o que restava de noite, e ao outro dia ao meio dia treze do mesmo mez chegáram a Luranga, distancia de oito legoas donde sahiram. Em Luranga foram bem recebidos do Banno: seria este negro de perto de

oitenta annos, grande de corpo, e de boa prezença. Toda esta terra é sujeita a elle, e a seus irmãos e sobrinhos: é gente nobre: são os mais bem dispostos negros e gentis homens de toda esta terra: são muito temidos dos visinhos, por se não atreverem com elles; contenta-se com o que possue, por onde vive em muita paz e quietação.

O seo principal trato e comercio com os portuguezes é de marfim, e mantimentos, que são muitos e muito bons. Os portuguezes levam-lhe pannos de que se elles vestem, estanho e contas: a terra é tão abastada e fertil, que tudo dará se a cultivarem: as fazendas são grandes, grangeam-nas mulheres com mais cuidado, que entre nós os homens: ellas roçam, cavam, semeam e colhem as novidades; èlles comem, passeam, conversam. Daqui vem serem por toda esta terra algum tanto as mulheres escaças, e os homens muito liberaes. Dá-se nesta terra muito arroz, milho aventajado ao de Portugal, painso, feijões, gergelim, e inhames; tem palmeiras, e muitos cocos, dos quaes não sabem tirar outro proveito que beberem-lhe a agoa e comerem as lanhas, e do suco fazerem seo caris. Tem pouca creação, e assim de gallinhas, como de gado, posto que a terra seja de muitos bons pastos; mas como é gente de pouco trabalho, dada mais ao ocio de bailes e festas, que a grangearias, contentam-se com o comer ordinario de arrôz, milho e legumes. Comem tambem ratos, cobras, que elles estimam muito, e zombam de as nós não comermos: caçam algumas vezes, e tomam bufaras, merus, gazellas; e se alcançam bogios e tigres, tambem os comem. Alguns dos portuguezes houve que provaram a carne do tigre, e disseram que não era de máo sabor. Ha por aqui muitos tigres, onças, leões, alifantes, e tantos gatos de algalia, que muitas vezes cheiram a elles os matos, nos quaes se viram

muitas hervas com flores de cheiro suave, como mosqueta, madresilva, e outras hervas cheirósas, que os fazem muito alegres.

E o rio de Luranga muito aprazivel, tem uma barra ou enseada muito boa, deve ter pescado, mas os negros não pescam, e quando o fazem é no rio em covos, em que tomam sómente peixe miudo; e em uns esteiros, que pela terra entram, pescam as negras com uns panos, que metem pela agoa, em que tiram uns peixinhos pequenos, de que fazem seos caris com que comem o milho e arroz. Esta gente no que toca á religião, adoram um só Deos, crem a immortalidade da alma, não negam a providencia de Deos: crem que ha demonios: são grandes blasfemos, porque se lhes as novidades não respondem bem, ou lhes succede couza contra seo gosto, dizem mal de Deos, e que faz o que não deve, e palavras outras semelhantes. Nesta terra falleceo um sobrinho do padre Frei Thomás Pinto, e alguns negros principaes, querendo-o consolar, lhe diziam que o fizera Deos muito mal com elle, e que se não fiasse delle, que era máo. O padre Fr. Thomás Pinto, ainda que muito anojado, acodindo pela honra de Deos, lhes dizia o que em tal materia convinha, e facilmente os convenceo, porque não são homens de muitas repostas, nem replicas.

As ceremonias de que usam são com os defuntos em seos enterramentos. Quando morre algum negro destes, a primeira couza que se faz é esta. Sahe-se um dos parentes mais chegados da caza do defunto, e começa em vózes altas a prantea-lo: a estas vózes acode toda a aldea, homens e mulheres, dando grandes gritos, e começam um pranto mui sentido em vózes entoadas, tanto que lastimava aos portuguezes, e provocava a tambem chorarem; um dos principaes é o que entoa o pranto, e a este respondem os outros; e

respondem sempre uma couza como cabo de verso: dura o pranto perto de hora; entre tanto se amortalha o defunto, quasi ao nosso modo, em um bertangil azul, cingido por muitas partes com tiras do mesmo bertangil: enterram com elle suas armas todas, arco, frechas, azagaias; os que o acompanham tambem levam suas armas: dentro na cova lhe lançam milho, arroz, feijões e outros legumes: em cima da cova põem o leito em que elle dormia, e as tripéças em que se assentava.

Queimam logo a caza do defunto, e juntamente com ella todo o movel que tinha, porque não sómente não pódem ter couza sua, mas nem toca-la, e se acaso a tocam, não podem entrar em suas cazas até se primeiro não irem lavar ao mar, ou ao rio: tudo o que tocam, antes de se lavarem, não póde mais servir, e de necessidade se queima: a cinza da caza que se queimou, com alguns páos que não acabáram de arder, põem em cima da sepultura do defunto, e arvoram nella uma haste com uma bandeirinha branca, que dura por alguns dias.

O defunto se prantea por espaço de oito dias continuos, começam da meia noite por diante, entoando primeiro um sempre o pranto, a cujas vózes se começam os outros pouco a pouco a levantar, e assim vão proseguindo na fórma que atrás disse. Se em alguma aldea perto está algum parente mui chegado ao defunto, este só sahe de noite nos oito dias, e só faz o pranto. O que o padre Thomás Pinto, e Duarte de Mello notáram estando da outra banda do rio hospedes de um filho do Banno, porque dormindo em sua casa uma noite, elle se ergueo, e fez um pranto tão lastimoso, que lhes cortou a alma ouvi-lo. Entre dia se vão á sepultura do defunto, e dizendo algumas palavras lhe lançam ao pé milho, feijões ou farinha, da

qual põem por cima de um olho, de maneira que lhe toma parte da face. Perguntou-se a alguns mouros que era o que rezavam ou diziam quando faziam esta ceremonia? Responderam que encommendavam suas sementeiras, e tudo o mais que possuiam ás almas de seos defuntos, que criam que nisto lhes podiam valer.

Estas são as ceremonias que usam com os defuntos. Quanto aos casamentos tem de ordinario duas mulheres, e alguns se são nobres tem mancebas. A donzella que se ha de casar, em se concertando o casamento se sahe da aldea, como posta em degredo, e nella está um mez inteiro, em pena da honra que hade perder; póde todavia de noite ir dormir a caza, e póde ser visitada entre dia de todos. Acabado o mez começam logo pela manhã duas ou tres negras a bailar, a estas se vão ajuntando outras, de modo que quando vem ao meio dia tem feito um grande côro; tangem-se entre tanto muitos atabales, e tudo o que se hade offerecer á noiva se lança primeiro por cima do pescoço dos tangedores, e todos os que se acham prezentes lhe offerecem arroz, milho, feijões, painso, figos, e muita farinha, todos em competencia de quem primeiro chegará, e da farinha põem pelo rosto, de modo que fique enfarinhado boa parte delle com o olho esquerdo : acaba-se por noite a festa, leva o noivo para casa a esposa, e fica tida por sua legitima mulher.

As negras são bem dispostas, posto que muito as afea trazerem as faces furadas, e os beiços debaixo, por onde as ricas metem pedaços de chumbo redondos do tamango de um tostão, e as pobres em lugar de chumbo uns tacões de páo, que parecem espelhos de odre, com que ficam feissimas.

As suas festas são muitas. Tem tambem suas su-

perstições, porque guardam, como por cerimonia, não comerem nellas couza alguma, sómente bebem todo o dia e noite, ainda que o principal da festa é mais de noite, de modo que da hora em que se a festa começa até que se acaba, sempre andam bebados. Bailam, tangem, escaramuçam uns com os outros, fazem tantos ademaens e vizagens, andando todos enramados como Satiros, que parecem soldados de Bacco quando triunfava da India. O seu vinho é de dous modos: o mais ordinario é de milho com certos cozimentos; tem outro melhor que fazem de uma fruta, a que chamam pudó, que em verde toca de azeda, que lhe dá bom gosto, e madura é doce e saborosa. Portuguezes houve que beberam de um e outro, que diziam não serem de mao sabor. E' gente que dá muito credito a seus feitiços e sortes; o que parece tomaram dos mouros, que são grandes feiticeiros; as sortes tem conhecidamente alguma especie de geomancia. Tambem para se descubrirem alguns furtos costumam um certo baile de muitas negras juntas, com certas palavras que vão cantando: e tanto bailam, até que movidas de um foror diabolico parecem doudas, ou endemoninhadas; no fim disto dizem que entra em uma dellas o demonio, e descobre o que fez o furto.

O governo destes negros é de pouco estrepito; tem em cada aldea uma cabeça a que chamam Fumó; estre determina verbalmente as differenças, quê são muito poucas, e se entre os Fumós se movem algumas duvidas, o Banno as determina com conselho dos mais Fumós, que para o caso ajuntam em um pequeno terreiro defronte da caza do Banno. São homens de grandes comprimentos, e em suas visitações usam de tantos, que primeiro que comecem a fallar do negocio a que vão se gasta bom espaço de tempo em cortezias de uma e outra parte. São de boa condição, muito

brandos, e mostram-se compassivos dos trabalhos dos portuguezes. Isto é o que se póde saber da religião e costumes destes negros. Em quanto os portuguezes estiveram entre elles lhes deram do seo, os primeiros dias com mais largueza, tanto que nem em Portugal os poderam agazalhar com mais amor e caridade, sendo cincoenta e sete pessoas; depois como eram tantos os portuguezes, não podiam acodir-lhes com todo o necessario, mas sempre davam do que tinham. Repartiram os portuguezes entre si, alguns acertaram com hospedes ricos, outros não tiveram tão boa sorte.

A maior parte desta gente veio adoecer, e como não havia outras mézinhas nem beneficios mais que remedio das sangrias, canjas de arroz ou milho, e estas não com abundancia, achavam-se muitos mal, e morreram onze pessoas, tres padres e um Irmão da Companhia de Jesus, o padre Pedro Alvares, o padre Sapata, o padre João Gonçalves, o Irmão Manoel Ferreira, Antonio de Abreu sobrinho do padre Frei Thomaz Pinto, Antonio Gonçalves guardião da nao, e tres marinheiros, e o despenseiro do feitor da nao, Manoel da Costa, sobrinho do guardião. Neste trabalho deo grandes mostras de caridade Luis de Caminha nas curas que fazia, e os religiosos nas confissões e outras obras de serviço de Deos e do proximo; em particular o padre Frei Adrião da Ordem dos Prégadores, que levou ás costas e enterrou quasi todos os que falleceram.

Neste tempo estando todos em Luranga com muito aperto de mantimentos, por serem pobres os negros e os portuguezes muitos, tratou Jorge Sueiro Doria com uns mouros Xalifaqué, e Xequé Malveira, que moravam em uma aldea chamada Mòambalá, tres legoas de Luranga, se queriam levar comsigo seis ou sete pessoas para lhes darem de comer, que lho

pagariam muito bem, em vindo pangaio, ou em Calimané, terra de portuguezes? Responderam os mouros que sim, do qual Jorge Sueiro deo logo conta a Gaspar Ximenes, por serem muito amigos; e vendo-se ambos com os mouros assentáram que iriam dés pessoas: as quaes sustentariam até haver ordem de se irem para terra de portuguezes: e assentado o dia, e preço dos mantimentos, se fez o concerto com Gaspar Ximenes, e elle deo escrito seo, que o cumpriria, que foi escrito com sangue de um companheiro dos doentes. Os que entravam nesta conta eram Gaspar Ximenes e Fernão Ximenes seo irmão, Jorge Sueiro Doria, D. Duarte de Mello, D. João de Menezes, Scipião Grimaldi, Ruy Pereira da Silva, Diogo Rodrigues Caldeira e Fernão Rodrigues Caldeira seo irmão, e Duarte Gomes.

Alli estiveram sendo bem tratados dos mouros e dos seos, donde mandavam algumas vezes mantimentos aos que estavam em Luranga, pela falta que delles tinham. Apoz elles se foi um marinheiro chamado Manoel da Silva, o qual não foi ter a Moambalá, nem se soube mais delle; presumio-se que se afogaria em algum rio, ou o comeria algum bicho, por naquella terra haver muitos; os que ficáram todos estavam doentes, e padeciam muitas necessidades; os que se foram para Moambalá, desejando sua liberdade, e vendo que tardava pangaio, assentáram com os mouros qne um delles levasse a dous dos portuguezes a Calimané, os quaes eram Gaspar Ximenes, que com muito cuidado e amor solicitava o remedio e liberdade de todos, e Diogo Rodrigues Caldeira: e estando para se partirem a negocio de tanta importancia, assim para os de Moambalá como de Luranga, foi Deos Nosso Senhor servido que viesse a Luranga um pangaio, do qual foram logo avizados os que estavam

em Moambalá, donde se partiram com os mouros seos amos ou hospedes, e chegando á praia de Luranga achãram já o pangaio aprestado para se partir, o qual fizeram deter; Gaspar Ximenes pagou aos mouros o que lhes devia, confórme ao escrito do concerto, por si e por seu irmão Fernão Ximenes, Jorge Sueiro, D. Duarte de Mello, Scipião Grimaldi e Ruy Pereira, tudo á sua custa do dito Gaspar Ximenes sómente, e os mais pagáram o que deviam, e além da paga contentáram aos mouros dando-lhes algumas péças, com que ficáram muito satisfeitos.

O pangaio veio a Luranga sabbado primeiro de Novembro dia de todos os Santos, que foi o dia de maior alegria que em toda aquella desaventura houve: nem mostráram menos contentamento os negros, assim por causa dos portuguezes, como porque tambem cuidavam que vinha o pangaio a resgate, que elles muito desejavam. Embarcaram-se todos, e sahiram pela barra fóra. Em Luranga estiveram mais de mez e meio, porque, como fica dito, entráram em Luranga a treze de Setembro, e em sete de Novembro sahiram pela barra fóra de Luranga. Pagaram-se primeiro aos negros tres corjas de roupa, que Duarte de Mello tomou á sua conta, e não foi isto com titulo de resgate, porque nunca os negros consentiram esta lingoagem, nem os tiveram em conta de cativos, dizendo que portuguezes em toda a parte ficavam em sua liberdade; nem quando se delles apartaram lhes pediam roupa por conta de resgate, sómente diziam que lhes pagassem corja e meia de roupa que pelos portuguezes deram aos negros de Quizungo, que se lhes quizessem dar mais alguma couza pelo amor com que os tratáram, que isso deixavam em sua vontade. Esta roupa se deo em commum por conta de todos, que em parti-

cular se satisfez bastantemente a cada um dos negros o que se tinha obrigação.

Sahiram de Luranga com tão bom tempo, que ao outro dia sabbado do mesmo mez chegáram a Cuamá á barra de Luabo, que são trinta legoas de Luranga: na viagem fallecêram dous homens, Antonio Ferreira, carpinteiro sobre-celente, e Salvador Borges criado do piloto. Lançando ferro veio a bordo de uma almadia em que vinham, Simão Rólim e Alvaro de Ornellas seo irmão, dous fidalgos da ilha da Madeira, com outros, que se tinham por perdidos, porque nunca se creo que alguma das jangadas que se fizeram da nao se pudesse salvar; delles então, e de Rodrigo Migueis sota-piloto depois em Sena se soube o successo da sua jangada, e dos que nella se salvaram.

Simão Rólim e seo irmão Alvaro de Ornellas, quando a nao tocou se sobiram em uma entena, depois metidos em uma jangada com Rodrigo Migueis sota-piloto em dous pedaços da coberta da nao, amarrados um ao outro, foram ter aos penedos, de que atrás se fallou na descrição do Baixo, terça feira vinte de Agosto, um dia depois que a nao tocou, e nestes penedos fabricaram uma jangada o melhor que souberam; as vélas fizeram de linho que acháram em um escritorio, e dentro de uma gaveta delle acharam uma cruz, que no vão tinha o Lenho Sagrado, que em tal occasião foi para elles mais certa guia que astrolabio ou agulha de marear, porque como todos affirmavam, por virtude desta Sagrada Reliquia foram a salvamento, metidos em quatro taboas, atravessando tantas distancias de golfão; trabalharam na jangada de quarta feira até á quinta ao meio dia vinte e dous de Agosto, em que desamarráram quasi em preamar: e porque carregou muita gente sobre esta jangada, havia muitos que a nado a iam demandar,

como fizeram Simão Rólim e seo irmão, que a nado a tomáram : lançou-se tambem a ella Antonio Caldeira feitor da nao, mas como não sabia nadar, afogou-se logo em perdendo o pé, sem os da jangada lhe poderem valer : e foi tal a préssa, que o sota-piloto não poude tomar na jangada dous filhos seus, deixando um nos penedos, e o outro na nao.

Partiram nesta jangada desaseis pessoas, Simão Rólim, Alvaro de Ornellas seo irmão, Rodrigo Migueis sota-piloto, e os mais da gente cummum da nao : não levando na jangada mais mantimentos que um almude e meio de vinho, um almude de agoa, seis barris pequenos de conserva, oito caixas de marmelada, das quaes algumas consumio o mar. Comiam uma só vez, que lhes durava vinte e quatro horas, fazendo tal provimento, por serem tantos, e os mantimentos tão poucos : não fazendo bem a conta em a embarcação, que por ser o que fica dito, não se podiam esses poucos mantimentos preservar de corrupção ; o que se dava a eada pessoa era uma pera em conserva, ou uma talhada de marmellada, e uma pequeda vez de vinho, como a quarta parte de quartilho. Sahiram-se governando sempre ao Nordéste, de dia por um relogio de sol, de noite pela estrella do Sul, que anda entre duas malhas brancas, ficando-lhe sempre ao lado direito : dando com tudo resguardo ás muitas correntes de aguas que por esta paragem ha : e a mesma jangada, por não ser bem feita, andava mais atravessada, que para diante. Tomaram esta prôa, porque o sota-piloto, que mandava a via, estava persuadido não ser o Baixo da Judia o em que a náo tocou, como se mostrou que não era, cuidou que podesse tomar uns seis ilheus que lhe demoravam a este rumo, metidos no Parcel, e pela sua conta doze leguas do Baixo.

A primeira noite remaram-na toda com remos de

aduéllas de pipas, quando veio a manhã acharam-se tão cançados, que se não atreveram a remar mais: iam sempre com agoa pela cinta, quando menos, sem nunca poderem tomar sono, porque se algum adormecia, vinha a onda, e dando-lhe no rosto o fazia estar sempre esperto: começaram todos a desanimar, uns com tudo mais que outros. Vindo o sabbado vinte e quatro do mez, que havia tres deitados gritando por agoa, da qual se lhe não dava senão uma pequena vez á tarde, como aos mais, até que se ella de todo acabou. Com todo este trabalho diziam todos os dias as Ladainhas encommendando se a Deos com grandes vótos e proméssas de emenda da vida, se elle fosse servido salva-los. Na noite do sabbado para o domingo lhes deo uma aguagem tão rija, que lhes parecia que se sovertia a jangada; a qual não governava, por onde foi necessario tomar-lhe o traquete, e ficarem com a véla grande á trinca: atáram-se todos o melhor que pudéram á jangada; porque os máres todas as vezes que vinham os cobriam todos, com risco de os levarem atrás de si.

Desta maneira passáram o domingo, até que por noite abonançou de todo o tempo, e déram todas as vélas, e desconfiados já de poderem tomar os ilhéos que buscavam, mudáram a proa ao Norte, guiando todavia sempre para o Nordéste, receósos de os lançarem as aguagens para o Cabo das Correntes. Quando veio a segunda feira, já quatro estavam de todo tresvaliados da muita fóme e sede, e não dormirem em todo aquelle tempo: o que mais os molestava era a sede: com este tresvalio, gritando sempre por agoa, se lançáram ao mar um soldado e um china, mas foram logo tomados. A' terça feira antemanhã se tornou o china a lançar ao mar, gritando por agoa, e afogou-se sem lhe poderem valer. Na tarde do mesmo

dia se tornou o soldado a lançar ao mar com a mesma contina de agoa; e querendo-lhe acodir, fugia de maneira da jangada, que o não pudéram tomar. Ao dia seguinte quarta feira de noite se lançou Estevão mulato, com a mesma sede de agoa, e tambem se afogou. A quinta feira morreo o trombeta da nao á pura sede com os canos tapados. Neste mesmo dia começou o sota-piloto a tresvaliar, não perdendo com tudo o tino do governo, que foi grande mercê de Deus. Já neste tempo Alvaro de Ornellas estava em seo perfeito juizo, Matheos de Freitas despenseiro da nao, e outros dous iam já deitados.

A' sexta feira trinta do mez, entrando a noite, disseram que ouviram uma muzica suavissima, como de vozes de meninos, que claramente se deixava entender, e cantavam: *Todo o fiel christão é mui obrigado a ter devoção á Santa Cruz.* Isto contaram depois os que se salvaram da jangada aos religiosos, e em especial ao padre Frei Thomás Pinto, que com mais diligencia o inquiria delles, attribuindo-se o milagre ao preciosissimo Lenho da Santa Cruz que elles comsigo levavam, como fica dito, cujos louvores os Anjos cantavam, e em cuja virtude o Senhor foi servido salvar esta gente; porque vendo-se elles em tanta afflição e perigo, com muita confiança e fé deitáram as Reliquias ao mar por popa em um cordel, e este foi o mais certo governo da jangada. A muzica continuou-se cinco noites arreio até os pôr em terra, e com a muzica desapareceram as Reliquias. Ao Sabbado derradeiro do mez falleceo Manoel Pires marinheiro, tambem com os canos tapados de que todos iam mal tratados, pela grande sede que padeciam, ainda que na boca levavam chumbo para humedecerem os canos, vencendo tão grande mal tão pequeno remedio. Affirmava o sota-piloto que metendo na

boca uma veronica, que trazia de perdões, nunca mais sentira grossura nos canos.

Ao domingo primeiro de Setembro, acharam-se só com vinho para aquelle dia, que a agoa estava já acabada. Com isto ficaram muito desconsolados, porque nem viam terra, nem tinham agoa que beber. Neste dia falleceo Matheus de Freitas dispenseiro da nao. Ao dia seguinte segunda feira dous do mez, se viram todos muito trabalhados de sede: desfundáram o barril, que fora de vinho, e deitando dentro nelle agoa salgada e conserva que tiráram de um barril de peras, e destas tres misturas, enxaugando por vezes o barril, fizeram uma calda de que beberam aquelle dia, sobre uma pera cada um. Neste dia viram a agoa branca como de fundo, e dous grajáos pequenos, e uma balea, que eram sinaes de terra.

A' terça feira em amanhecendo deu-se a regra costumada, e nella se acabaram as peras, e a calda. Neste estado ficaram estes homens no meio do golfão, metidos nestas taboas, botados nellas com a agua pelos peitos, morrendo á pura fome e sede: e indo assim com muitas lagrimas e gemidos, preparando-se para a morte que se lhes vinha avizinhando, foi Deus servido acodir-lhes com misericordia, porque Villas-Boas começou a bradar: Terra, terra pela proa; e logo apoz Villas-Boas a divizaram outros, e dahi a pouco espaço se deixou claramente ver. Levantaram as mãos ao ceo com muitas lagrimas de contentamento, dando graças a Nosso Senhor por tal mercê, e pelas mais que até alli lhes fizera, consolando-se uns aos outros, e diziam que não queriam mais que verem-se em terra, e morrerem ao pé de uma arvore com conhecimento de suas culpas.

Chegaram junto á terra já noite; houve conselho se varariam nella, ou se esperariam a manhã? rezolve-

ram-se em varar em terra, determinação de gente desesperada; porque era de noite, e não conheciam a terra, e podia haver baixos, ou rolos do mar, em que se afogassem todos: e assim era, que logo ouvirám rebentar os mares, e pegando-se bem á jangada, quiz Deus que viesse um mar muito grande por popa, o qual com impeto e força que trazia, pôz a jangada em terra. Correram logo á proa, e a toda a pressa saltaram na praia, onde prostrados de joelhos com os olhos no ceò, reconheceram esta mercê ser da mão de quem lhe tinha feito tantas outras. Encalharam em terra terça feira treze de Setembro ás onze horas da noite; puzeram em chegar a ella treze dias, porque partiram do Baixo a vinte e dous de Agosto, e encalharam nella a trez de Setembro. E como iam tão sequiosos, cavaram logo junto a um medão de area, e acharam alguma agua de que beberam, e querendo dormir o que restava da noite, não podiam, por respeito do frio, que era grande, e elles repassados da agoa da jangada, e feridos nas pernas do coral do Baixo, em que a nao tocou. Assim que batidos de taes tres inimigos, como são, fóme, sede, e frio, passaram em continua vigia acordados toda aquella noite, e deitados na area com lastimosos gemidos.

A' quarta feira pela manhã, quatro do mez, não se atreveram a caminhar, por estarem tão mal tratados dos pés, que se não podiam ter nelles. O mestre dos calafates vinha sem narizes, corrompeu-se todo, e falleceu. Estando assim indifferentes no que fariam, viram vir contra si muitos negros praia acima. Sahiram a recebe-los Rodrigo Migueis, e outros, e abraçando-os com muitas lagrimas, que era a linguagem com que os podiam abrandar, lhes puzeram alguns barretes vermelhos nas cabeças. Vieram-se os negros dara onde estavam os mais, e deram-lhes algumas

frutas do mato, que traziam. E porque entenderam que eram portuguezes, por modo de consolação, lhes nomeavam Sena, Calimané, e Meirinho, dando a entender como podiam, que tinham perto potuguezes, e em Calimané estava Francisco Brochado, a quem os negros chamam Meirinho. Com estas novas se alegraram todos, dando graças a Deus quando ouviram nomear Meirinho, entendendo desta palavra que havia perto portuguezes.

Déram estes negros ordem, com que se foi buscar agoa, e foi com elles Rodrigo Migueis: chegáram ao lugar da agoa, e por Rodrigo Migueis não poder pôr os pés no chão, das feridas e fraqueza, deixáram-no os negros neste lugar, e trouxeram a agoa aos outros companheiros. Apoz estes negros acodiram outros com um Fumó seo, que assim chamam aos que os governa, e chegando aos portuguezes os roubáram e despiram a todos, levando-os comsigo para uma aldeia onde Rodrigo Migueis foi ter tambem, despido pelos negros que o encaminháram para o lugar da agoa: chegáram á aldea a hora de vespera, onde foram agazalhados com uns poucos de feijões que lhes déram para a cea; quando veio a noite meteram-nos em uma caza palhaça muito pequena, que foi a sua pouzada, em quanto alli estiveram. Aqui passáram muita fóme, porque os negros eram pobres, ainda que já não eram mais que oito vivos, de desaseis que se meteram na jangada. Assim estiveram este dia e o seguinte, e á sexta feira foram visitados de negros de outra aldea, que lhes acabáram de confirmar as boas novas que tinham de portuguezes estarem perto, nomeando claramente estes negros Brochado, que como está dito era Francisco Brochado, que estava em Calimané, de quem ao diante se tratará,

dando-lhe os louvores que merece pelas obras que fez aos que se salvâram do naufragio.

Foram-se logo ao Fumó os portuguezes muito alegres, e por acenos lhe prometeram roupa, pedindo-lhe quizessem deixar ir algum delles onde o Brochado estava, e que os mais ficariam em refens. Tomou o Fumó seu conselho, porque nada fazem sem elle, senão roubar e despir. Ao sabbado lhes disse que queria mandar tres delles com alguns negros seos: estes foram Rodrigo Migueis, Bastião de Villas-Boas e Pero de Araujo. Partiram no mesmo dia a tempo que foram ainda dormir ao Rio de Linde, dalli duas legoas. A este lugar veio ter á meia noite um negro de Francisco Brochado, o qual por via dos negros da terra soube como estavam alli portuguezes; mandava-lhes dizer que tomassem almadias, e que fossem ter com elle. Esta carta com o negro mandou Rodrigo Migueis aos companheiros que ficavam em refens, e foram-se tambem com elle Bastião de Villas-Boas, e Pero de Araujo, porque os negros que os levavam houveram outro conselho, dizendo que não haviam de levar comsigo mais que um, este foi Rodrigo Migueis, o qual se embarcou em Linde, que é um esteiro que vai sahir meia legoa de Luabo.

Ao outro dia domingo oito do mez chegou a Luabo, onde Francisco Brochado estava, que o recebeo com aquelle amor e gazalhado com que recolheo assim todos os mais que escapáram deste naufragio, com mais acolhimento de pai que de amigo. Daqui mandou logo Francisco Brochado dous negros, um a Sena a buscar roupa para o resgate dos que ficavam em Linde, outro com mantimentos e provimento necessario para os que estavam em Linde, com que guarneceram de forças. E porque de Sena lhe tardavam com a roupa, os tornou a prover de mais mantimen-

tos. Vindo a roupa maudou logo por elles, e chegáram a Luabo a vinte e dous de Setembro, alegres de se verem com liberdade, e em companhia de portuguezes. Agazalhou-os e vestio-os Francisco Brochado, fazendo-lhes muitos regalos, como todos elles publicavam. Então se soube que encalhára a jangada duas leguas de Linde entre Calimané e Cuama a Velha. Este foi o successo da jangada do sota-piloto, e da gente que se nella embarcou. Das outras jangadas que se fizeram se não soube mais, que presumir-se se perderiam, ou acabariam todos os que nellas se meteram á falta de mantimeutos, porque nenhuma veio á terra.

Tornando aos que se salvaram no batel, desembarcáram em Luabo, onde foram rocebidos de Francisco Brochado com muito amor, em cuja caza estavam tambem parte dos que se salvaram no esquife com Fernão de Mendoça, piloto e mestre da nao, dos quaes logo se tratará o que lhes succedeo em sua viagem. Partido o esquife do Baixo, como fica dito, e não achando terra, os que nelle iam houveram seu conselho, e ainda que contra vontade de Fernão de Mendoça se determináram todos em um corpo de não tornar á nao, mostrando Fernão de Mendoça disso muito sentimento, e desejando de tornar á nao para se fazerem as jangadas com melhor ordem, e com sua presença poder animar e consolar aquella miseravel gente: mas como só não podia resistir á furia de tantos, em tal occasião conveio-lhe calar se. Esta foi a causa de fazerem sua viagem com poucos mantimentos e agua, e sem apparelhos para poderem navegar: levavam algumas caixas de marmellada, alguns barris de conservas e queijos, um frasco com duas canadas de agua de flôr, sem mais outra agua, nem vinho; todavia indo correndo o Baixo tomáram mais

um barril de vinho, um pique e um remo, e com mais dous outros que levavam, e um lençol, se enxarceáram o melhor que poderam: de um remo fizeram o mastro, do pique verga, do lençol véla, cozendo-lhe alguns pedaços de pannos; enxarcea e driça fizeram de uma linha de pescar. E assim se sahiram do Baixo; depois ordenáram traquete, o mastro delle fizeram de um remo, a verga de espadas, a véla de camizas: e porque o mar lhes entrava pelos bordos, fizeram arrombadas de um pedaço de panno de côr, que tomáram no Baixo; o leme ordenaram de taboas que tiraram das tilhas. Levavam uma agulha de marear, e por ella com vento Sueste governando a Nornoroeste, que era como elles cuidavam atravessar, e ir demandar a mais proxima terra; porque o esquife ia tão aberto, que a dous baldes não podiam vencer a agua. A regra que tiveram foi uma talhada de marmellada e meio quartilho de vinho por dia: o vinho era misturado com agoa salgada, que de contino entrava no batel.

Dois dias navegaram com o vento que se disse, que foram terça e quarta feira, com o mar muito grosso. A' quarta feira se lhes mudou o tempo, e vento Nordeste e Les-Nordeste, com que o fez ir ao Noroeste; mas acalmou logo de todo. Desemmastearam o esquife, e armaram tres remos com que foram picando com grandes correntes que havia. A' sexta feira viram muitas baleas, por onde entenderam que estavam no parcel de Sofala; e tambem por a agoa ser de fundo; não no tomaram comtudo, por não terem mais que dez braças de linha. Ao sabbado vinte e quatro do mez em amanhecendo tomaram fundo em nove braças; quando veio ao meio dia viram terra, e dantes não na terem visto foi por causa de um grande nevoeiro que havia, porque descobrindo o dia viram toda a costa

com muitos fumos de queimadas. Alguns diziam que se tomasse logo terra, e que fariam a guarda, que por haver cinco dias que navegavam sem beber agua, sómente um pouco de vinho misturado com agua salgada, padeciam grande sède; mas o mestre como tinha experiencia e èdade, foi de parecer que corressem ao longo da costa para ver se podiam tomar as ilhas primeiras, donde lhes ficava facil ir a Moçambique, e não ficarem á cortezia dos negros; e tambem entendia que se desembarcassem que se havia logo o esquife de desfazer com o rolo do mar, como se desfez.

Depois deste conselho foram correndo tres dias, e vindo a noite escasseava-lhes o vento, e iam correndo até dar em fundo de tres braças, e logo surgiram com um frasco cheio d'agua salgada, que sendo de cobre lhes servio de ancora, e de amarra uns pedaços de cabo que se desfizeram em cordões, amarrados uns em outros. Mas não bastando isto, desemmastreavam, e estavam toda a noite remando de modo que podessem sustentar a ponta, por não irem dar a través.

Nestes quatro dias que vieram ao longo da costa, andaria o esquife mais de quarenta leguas, por ir sempre com vento esperto em popa muito aviado.

Ao terceiro dia, que foi terça feira, vindo a noite começou a engrossar o mar com vento Sueste, que nesta costa é travessão, e mettia grande baga; por onde receando que os podia de noite commetter o mar, determinaram encalhar; disseram primeiro as ladainhas como todas as noites atrás tinham feito, e mareando o esquife com a prôa para onde lhes pareceu que o mar dava mais jazigo, commetteram a terra com perigo das vidas, por ser baixamar, e o parcel grande, o vento travessão, os mares grossos, e quebrarem muito longe da terra. Dizia o mestre da náo, homem esperto nas cousas do mar, que esta desembarcação fô-

ra milagrosa; porque o mar era grande, e vinha todo rebentando em flôr, e parecia que a mais pequena onda era poderosa para desfazer um grande navio, quanto mais um tão pequeno esquife tão mal concertado. Affirmavam os que nelle vieram, que em chegando os mares perto delle se desviavam a uma parte, de modo que nunca por onde foram o mar quebrou, e assim tomaram a praia sem perigo, e tiraram o fato em terra. O intento de encalharem o esquife em terra, era para que abonançando o mar, e feita a sua agoada tornassem outra vez a demandar as ilhas primeiras.

Sahidos em terra encheram um barril de agua, que acharam em cóvas em uma campina pela terra dentro, e vindo-se com ella para a praia, acharam um negro que trazia algum peixe miudo, posto que pouco, que lhe resgataram por um barrete, e mandaram com o negro á aldea Alvaro Rodrigues, que estava duas legoa da praia, para trazer fogo, e ver se achava lingoa que lhe dissesse onde estavam, para fazerem sua derrota. Os negros da aldea como viram homem branco, com muito alvoroço se vieram á praia, trazendo Alvaro Rodrigues ás cóstas por fraco, e cançado. Entre estes negros vinha um que fallava alguma couza em portuguez, a quem perguntaram por Calimané, e elle apontando com a mão para a banda do Nordéste, dizia que perto estava; e apontando para a parte do Suduéste, lhes disse que para alli lhes ficava Luabo, onde estava Francisco Brochado. Com estas novas ficáram mais consolados, por saberem já aonde haviam de caminhar.

O Fumó da aldea se offereceo logo a Fernão de Mendoça, dizendo-lhe que elle o levaria ás cóstas dentro a Calimané. Com taes novas ceáram do peixe, e dormiram: o capitão mór deitou-se dentro de um

caixão sem tampa, que viera no esquife, o que vendo os negros pegaram delle rijamente, cuidando que estava cheio de reales, mas vendo-se baldados do que esperavam o largaram. De noite acodiram muitos negros e negras das aldeas mais vizinhas, e toda a noite estiveram em differenças com os primeiros; devia ser sobre a repartição dos pobres despojos; roubáram as vélas e fato do esquife, e começáram a cavar a praia em differentes partes, cuidando que os portuguezes esconderam nella os reales, que já entre elles são estimados mais que prégos velhos, de que faziam ha pouco tempo tanto caso; e cavando na praia não acharam mais que algumas espadas desempunhadas que os do esquife tinham enterradas pela areia. Pela manhã alevantando-se o capitão mór do caixão, arremetteram a elle outros negros com grande furia e sede de reales, e não achando dentro nelle couza alguma pegáram todos delle e foi feito em pedaços de raiva de o acharem vazio.

Caminharam logo os do esquife praia acima para aquella parte onde os negros tinham apontado que ficava Calimané, o que vendo os negros saltaram com elles, e de pullo lhes levavam os barretes das cabeças: apoz isto os começaram a despir, e o que com toda a pressa não dava logo o fato, era mofino, pagando pelo corpo, andando á porfia de quem levaria melhor quinhão, trazendo muitas vezes ao pobre despojado pizado aos pés; o que lhes era facil, assim por elles serem muitos, como por os portuguezes estarem tão fracos que se não podiam ter em pé. Desta maneira nús camimháram para Calimané ao longo da praia, até darem na bocca do rio, e antes de chegarem a elle foram salteados de outros negros, que lhes levavam os pobres farrapos, até as contas que traziam aos pescoços.

Chegados á bocca do rio não viram remedio para o passar, e entendendo que da outra banda estava a povoação de Francisco Brochado, tomáram o caminho rio acima, até darem em um esteiro que sahia do rio, e um pedaço além delle houveram vista de um luzio, que é embarcação desta gente; os negros do luzio estavam fazendo lenha; não se atreveo nenhum a passar o esteiro e ir ao luzio, receando a agoa, que vinha muito teza. Nisto viram uma almadia, que andava no rio, fizeram-lhe sinal, mas os negros não acodiram a elle; então capeáram aos do luzio, que em vendo os portuguezes sahio o mocadão, e na almadia se veio a elles, e chegando lhes fallou em portuguez, e lhes perguntou donde vinham? Deram-lhe os portuguezes conta de si; respondeu que assim elle como os mais negros que no luzio vinham eram cativos do Muinha Sedeca, um mouro muito amigo dos portuguezes, que vissem o que queriam delle, porque tudo faria. Perguntaram-lhe os nossos por Francisco Brochado; respondeo que era em Luabo, que não tinha deixado em caza mais que algumas negras; então lhe pediram que os quizesse passar á outra parte do rio. Disse que sim; e logo meteram na almadia com elle o capitão mór e o mestre da nao; e o capitão mór deo ao negro, cuja almadia era, uns calções que ainda trazia cingidos, e o mestre deo um pedaço de panno de cor, que trazia na cabeça; porque sem estas pagas o negro os não queria passar.

Postos da outra parte do rio, sahio a elles um cavallo marinho, que pelo não terem nunca visto cuidáram ser Badá, e com o medo e pressa se metéram pela vaza, atolando-se até á cinta, no que passaram trabalho; porque o cavallo marinho dava mostra de os seguir, mas logo se tornou a meter no mar. Chegaram ao luzio, e feita a lenha tornáram com elle em

busca dos companheiros, tomáram-nos, e atravessando o rio, que teria meia legoa de largura, se passáram da outra banda; chegáram a caza de Francisco Brochado com duas horas de sol; as negras de caza vendo-os nús, qneimados, ou fallando mais ao certo, assados, e disformes, começaram a levantar um grande pranto, recebendo-os com lagrimas e amor, como se foram portuguezas; déram-lhe a cear do que tinham, arroz, e bredos, que para elles foi banquete. Dellas souberam como Francisco Brochado estava em Luabo esperando os pangayos de Moçambique, e que não tinha em casa fato nem mantimento. Desconsolados ficáram com estas novas, porque as negras como pobres não os podiam sustentar.

Dos negros entenderam que encalharam com o esquife entre Linde e Calimané, duas leguas e meia de Calimané. Mandou no mesmo dia Fernão de Mendoça um marinheiro no luzio em que vieram a Muinha Sedaca, que estava em um seu lugar chamado Menguanané, duas legoas da povoação do Brochado, mandando-lhe dizer como chegáram alli perdidos, que cumpria a serviço de Sua Magestade vir ter com elles, ou dar licença para o irem ver. E' este Muinha Sedaca um mouro nobre, natural de Quiloa, irmão de Muinha Mafemede, tyranno de Angora; vive neste rio de Calimané como vassallo d'El-Rei de Portugal, e é rico. Vindo a noite bateram á porta onde os portuguezes estavam, dizendo que abrissem, que estava alli El-Rei. Era este um mouro Xeque de uma aldea, a que os seus chamavam Rei; com elle vinha um seu irmão chamado Mocata, muito conhecido dos portuguezes, os quaes como souberam que não tinha dado á costa perto dalli a nao, trazendo o tino mais em roubar, que visitar, como fizeram na nao S. Luis, quando naquella paragem deu á costa, detiveram-

se muito pouco, fazendo muitos comprimentos fingidos.

Pela manhã chegou Muinha Sedaca com o marinheiro que fôra ter com elle. Trouxe vestido para o capitão-mór, camisa, calções, cabaya, sapatos, e dous caçopos de arroz para todos. Deu-se ordem com que partissem logo dous homens, um a Sena, outro a Luabo a avizar o capitão de Sena e a Francisco Brochado de sua perdição, pedir-lhes roupa e favor para estes homens irem. Deu Muinha Sedaca duas almadias, que logo partiram. Dahi a vinte dias chegou Manoel Brochado filho de Francisco Brochado em uma almadia para os levar a Luabo, dizendo-lhes da parte de seu pai que se fossem para Luabo, porque ao presente elle não tinha roupa, mas que tinha já despedida uma almadia a Sena a trazer um caixão com vestidos que lá tinha, com que os proveria a todos, e que entre tanto mandava a Fernão de Mendoça um vestido e um ferragoilo. Apoz o filho de Francisco Brochado chegou Martim Simões morador em Sena com recado do capitão da terra que se fossem para lá se lhes parecesse bem, ou esperassem em Calimané os pangayos de Moçambique, por Sena estar então muito doentia, e que se esperassem os pangayos, os proveria de fato para se vestirem, e camizas: e por entretanto mandou para todos um bahar de fato. O capitão-mór estava sangrado a esse tempo seis vezes, e por esse respeito quiz antes ir a Sena para se purgar.

Ao outro dia se partiram todos nas duas almadias, e chegando onde o rio se divide em dous braços apartáram-se Fernão de Mendoça, Martim Simões, com cinco mais dos da companhia para Sena; o mestre com os mais para Luabo em companhia de Manoel Brochado; onde chegados, Francisco Brochado os ves-

tio logo e agazalhou com o amor com que tambem recolheo aos da jangada, como fica dito. Salvaram-se no esquife dezoito pessoas, Fernão de Mendoça, capitão-mór, Manoel Gonçalves, mestre, Manoel Rodrigues, passageiro, Diniz Ramos, barbeiro da nao, Vicente Jorge, criado de Fernão de Mendoça, Vicente moço de nove annos, Antonio Gonçalves Estrinqueiro, doze marinheiros, Alvaro Rodrigues Negrão, André Martins, Antonio Neto, Balthezar Vicente, Lazaro Luiz, Luiz Gonçalves, Manoel Rodrigues, Miguel Falcão, Bento Ribeiro, Manoel Gonçalves, Pero Franco, Pero Carvalho, que depois falleceo em Sena. Este foi o successo do esquife e dos que nelle se salvåram. Em Luabo estiveram todos, assim os do batel, como a maior parte dos do esquife, e os da jangada oito dias muito bem tratados de Francisco Brochado, do qual é bem se diga alguma couza, pela magnificencia e largueza com que se houve com todos os portuguezes que escaparam do naufragio da nao Santiago, merecendo certo pelas grandes obras que lhes fez seus devidos louvores, e avantajadas mercês de Sua Magestade.

Francisco Brochado é natural da Villa de Amarante, da honrada familia dos Brochados, foi criado do Infante D. Luiz, ha trinta annos que está neste rio de Cuama, do qual é guarda-mór, e traz todo o maneio e fabrica delle, porque todas as embarcações que nelle ha são duas, excepto alguns couches de negros mui pequenos; está concertado com os capitães de Sofala no frete dos seos navios, que são dezeseis, a um tanto por monção; tem grande caza, e familia de escravos, com todos os officiaes que lhe são necessarios, cativos seus; reside confórme as monções, em Luabo, e em Calimané, e em ambas as partes tem cazas e povoações suas; podera ser um homem muito rico, mas é tão bom e largo de condição, que não é pos-

sivel ajuntar fazenda. Em todas as perdições de naos deu sempre do seu liberalmente aos que dellas escaparam, achando todos nelle grande acolhimento e favor. Nem ha capitão de Sofala ou Ormuz que com tanta largueza de condição acudisse e remediasse as necessidades que lhe represntassem, como elle; porque elle foi o que vestiu e deu todo o mais necessario aos da jangada do sota-piloto, e os resgatou á sua custa; assim se houve com os do esquife, que se foram para elle, e não vestiu aos que se salváram no batel, porque em Luranga, estando ainda no rio sobre ferro, houve quem os vestio a todos, que foi um dos que se salváram do naufragio, o qual como nisto não pretendeu mais que o serviço de Deos, e em outros gastos que fez com a mesma gente, quiz por sua modestia que delle neste tratado se não fizesse menção.

Continuando os louvores de Francisco Brochado, elle sustentou a todos em sua caza, dando-lhes meza explendida de tudo o que na terra podia haver; havia dia que mandava matar cincoenta gallinhas: os enfermos mandou curar com tanto amor e cuidado como se foram seus filhos ou irmãos, soffrendo com grande brandura os remoques dos doentes, que são nelles mui ordinarios, e de taes doentes, como aquelles que tinham passados os trabalhos que se contaram. Aconteceo que desejando um enfermo uma talhada de lombo de vacca, elle mandou logo comprar uma a um mouro, a troco de duas que lhe ficou de dar em Sena, só por acudir ao desejo do enfermo, fazendo-lhes outros regalos e mimos que se não particularisam.

De Luabo se partiram a maior parte dos que alli se acharam para Sena, domingo dezaseis de Novembro, ficando com os que não foram Manoel Brochado

para os agazalhar, e levar comsigo a Calimané em um pangayo que alli estava, porque de Sena haviam de ir a Calimané, e dahi a Moçambique. Partiram em duas embarcações com que se neste rio navega, a que chamam luzios: são do comprimento das barcas de Cascaes, mas muito razas, tem no meio armada uma caza, em que vai metida a fazenda que se leva para Sena; sobre esta caza se arma outra, em que dorme e se agazalha o portuguez que vai no luzio. Cabem neste camarote duas e tres pessoas; desta camara de cima sahe uma varanda, em que vão dous marinheiros, que tem cuidado das escotas, e nella estão tambem os portuguezes: como a calma passa é aprazivel estancia, porque della vão vendo o rio, e tomando o fresco de tarde e manhã; tem estas embarcações uma só vela redonda; é de esteira, que elles tem por melhor que a de panno, de que usamos: da caza para a popa se rema com quatro e cinco remos por banda, ou vão ás varas: na proa vai sempre o mocadão, que é o arraes da embarcação, com uma vara nas mãos, assim para endireitar e botar o luzio, como para espantar os cavallos marinhos, que lhe não cheguem.

Este rio, a que os portuguezes chamam Cuama, é um dos famosos da Ethiopia, e que pelas notaveis cousas que em si tem póde competir com os tão celebrados rios Ganges e Nilo: não se lhe sabe principio e nascimento; dizem alguns que nasce das fontes de que corre e sahe o Nilo; entra no mar com dous braços: o do rio a que chamam o Grande, é Luabo, que está dezanove gráos escassos da banda do Sul: o do pequeno é Calimané, que está em dezoito gráos menos um quarto. Pela terra de Luabo sahe com tanto impeto a agua, que affirmam que sete ou oito legoas ao mar se toma muitas vezes agua doce nas vazantes: nas enchentes não entra por elle a agua salgada mais

que por espaço de cinco leguas : começa-se a dividir nestes dous braços trinta legoas das barras nas terras de Quipango. Entre estes dous braços do rio ha uma ilha chamada Chingomá, e assim se chama tambem um senhor que possue a maior parte della. Pela barra de Luabo se navega de verão e de inverno; pela de Calimané, que é o rio Pequeno, só de Fevereiro até Julho : todo elle se navega para cima a Les-Noroeste, inda que por razão das voltas que vai dando, muitas vezes a Sudueste, e a Noroeste. O fundo é de areia com muitos madeiros, e mui grossos cravados nella: este é um dos maiores perigos que este rio tem, porque como é de grandes correntes, vem por elle abaixo as embarcações muito aviadas, e dando muitas vezes nestes madeiros, que a agua escaçamente cobre, soçobram : o rio tem bastante largura, e no mais estreito um terço de legua : tem de uma e outra parte muito arvoredo silvestre : as suas maiores cheias são em Março, Abril, sem neste tempo haver chuvas nem neves que se desfaçam ; por onde se presume que vem de muito longe, e se lhe dá a mesma causa que attribuem ás enchentes do rio Nilo.

Criam-se neste rio muitos cocodrilhos, que são os lagartos aquaticos, muito maiores dos que se criam no Nilo ; e alguns, dizem os negros, que são tão grandes que parece incrivel, por onde senão escreve aqui sua grandeza. E' bicho cruelissimo, na caça muito sagás quando quer tomar algum negro ; porque em Sena acontece ás negras que vão lavar ou tomar agua ao rio não nos verem nem sentirem (tão agachados e cozidos estão com a areia) e dando com o cabo subitamente cingem a preza, levando-a atrás de si ; e depois de se mergulharem abaixo tornam outra vez a surgir com ella, e mostra-la de algum penedo ; e depois de estarem assim um pouco tornam-se a mer-

gulhar com ella; e os negros dizem que os lagartos fazem isto para os mais magoar. Os negros tomam alguns pequenos nas redes, que logo matam e comem com muita festa, em vingança dos danos que delles recebem. Na terra ha outros lagartos grandes, de cinco, seis, oito até dez pés de comprido, que vão beber ao rio, e dizem os negros que teem ajuntamento com os aquaticos e terrestes. Vindo pelo rio abaixo de Sena para Calimané tomou Francisco Brochado um vivo, e o levantou pelo cabo no ar, e depois o mataram os negros: tem estes da terra a lingua negra e farpada, o que os cocodrilhos não tem: os cafres tambem comem estes. Ha neste rio muitos cavallos marinhos muito grandes, e de feio aspecto; tem os pés tão grandes como de elefantes, as pernas curtas, o corpo disfórme, e que ao longe parece de badá; tem a bocca muito grande e rasgada, a côr é parda, que tira a preto, como a de lobos marinhos; só de cavallo tem o pescoço, com grande cacho, orelhas, e rincho. Arremetem ás embarcações, e muitas vezes as viram; por onde o mocadão vai sempre com muito tento batendo a agua com uma vara para os espantar, e desta maneira os afasta da embarcação.

Tem este rio muito pescado, sessenta leguas pela terra dentro se comem cações tão grandes como os de Portugal; os de Cuama são melhores e mais gostosos, e tão sãos, que se dão a doentes, ainda que estejam com febres; os portuguezes lhe chamam violas, e tem umas espinhas ou ossos largos de um palmo, de dous de comprimento, como espadas, que lhe sahem das cabeças, com que se encontrarem a qualquer outro peixe, não ha duvida que o atravessem da outra parte. Sobem estes cações como cento e vinte leguas pelo rio acima até Theté, e dizem os negros que passam de Theté.

Ha em Sena e por todo o rio outros peixes que chamam cabozes, pouco menores que pescadas, tambem se dão a doentes, e são de melhor gosto que pescadas. Todo o outro pescado pela maior parte se parece mais com o do mar, que com o dos rios. E' mui povoado este rio, assim da banda do Bororó, que é da parte direita rio acima, como da banda do Motonga, que é a parte esquerda: as terras que são regadas deste rio, são fertiles e mui abundantes de arroz, milho, feijões e outros legumes que se por alli colhem: tem muitos figos como os da India, muito gado e gallinhas, e tão baratas, que por um panno que val dous tostões, dão pelo menos dez gallinhas, e muitas vezes doze e quinze. Tem muita caça, assim ao longo do rio, como pela terra dentro, de patos, adens, e outras aves, bufaras, gazellas, merûs. Criam-se por aqui muitos elefantes, leões, tigres, e muitos outros animaes, e bichos, tantos, que andam em bandos pascendo.

Metem-se neste rio outros muitos caudaes: dez léguas antes de Sena se mete o Chiri, braço de Suabo, rio celebre na costa: na bocca do Chiri se começa a ilha de Inhagoma; é muito plana, e muito abastada de mantimentos, terá dez leguas de comprido, e no mais largo legua e meia. Outras muitas ilhas ha neste rio, e em outros mais pequenos. A principal ilha destes é Chingomá, de que atrás disse. Daqui passa o rio por Sena, povoação dos portuguezes, sessenta leguas das barras de Sena corre ao reino de Mongas, dividindo pelo meio as serras de Lupatá. Entre Mongas e as nossas terras de Thetê, recolhe em si o famoso rio de Chireira, no qual tambem se mettem o Cabreze e Mavoso, rios em que se acha muito ouro, por cujo respeito são muito nomeados; daqui vai a Thetê, povoação e forte dos portuguezes; e cento e vinte leguas

como farinha, azeite, conservas, roupa, é a pezo de ouro, e o vinho muito mais.

No tempo que aqui chegáram os portuguezes do naufragio da nao Santiago, sendo monção, em que as couzas valiam mais baratas, se vendia uma canada de vinho por cinco meticães, que são seis cruzados de ouro, e por esta conta vinha a valer a pipa de vinho mil e oito centos e dois cruzados de ouro. Valia a canada de uraca, ainda que muito má, a dous meticães, que sahia a pipa por setecentos quarenta e nove cruzados de ouro. Valia um barril de farinha de seis almudes, corrompida, e de máo cheiro, trinta meticães, que fazem trinta e seis cruzados. Os doces custam tanto, que é incrivel. De Sena partíram para Calimané a vinte e sete de Dezembro a segunda oitava do Natal; puzeram no caminho quinze dias, chegáram a Calimané a dez de Janeiro, onde estiveram vinte e tres dias esperando tempo. Em Calimané se embarcaram quarta feira tres de Fevereiro, chegaram a Moçambique a vinte e um do mesmo mez. Sahidos em terra foram todos de joelhos em procissão a Nossa Senhora do Baluarte, que assim o tinham promettido por voto, que os do batel fizeram; acompanhou-os o povo todo, o vigario da igreja matriz, e os padres de S. Domingos, onde postrados por terra com muitas lagrimas deram as devidas graças a Deos e a Nossa Senhora, que de tantos perigos os salvaram.

RELAÇÃO
DO
NAUFRAGIO DA NAO S. THOMÉ

Na terra dos Fumos, no anno de 1589

E dos grandes trabalhos que passou

D. PAULO DE LIMA

Nas terras da Cafraria até sua morte

ESCRITA

POR

DIOGO DO COUTO

Guarda mór da Torre do Tombo

A rogo da Senhora D. Anna de Lima

irmã do dito D. Paulo de Lima no anno de 1611

Naufragio da nao S. Thomé na terra dos Fumos, no anno de 1589

GOVERNANDO o estado da India Manoel de Souza Coutinho, partio de Cóchim Estevão da Veiga na nao S. Thomé em Janeiro de 1589 e tomou a derrota por fóra dos Baixos, e indo demandar a ilha de Diogo Rodrigues, que está em vinte gráos do Sul, onde lhe deo o vento Sueste tão rijo, que logo levantou os mares de feição que indo correndo a nao á vontade do vento, com o trapear que fez abrio por prôa pela botecadura, por onde lançando fóra a estopa do calafeto começou a fazer alguma agua, a que logo acudiram e remediaram muito bem; e abonançando-lhe o vento foram sua derrota até a altura da Ponta da Ilha de S. Lourenço, em altura de vinte e seis gráos, de noventa para cem leguas da terra, onde tornou a abrir outra agua em maior quantidade que a primeira, por outro lugar mais perigoso, que foi por popa abaixo das escoas ás primeiras picas, onde é mais difficultoso de se ella tomar, que em toda a outra parte: e acudindo os officiaes despejaram a nao por aquella parte, e deram com a agua,

que era muito grossa, por cuspir as estopas e as pastas de chumbo que se pregáram por cima, o que tudo nasceo do calafeto, por cuja causa se perdem muitas naos, no que se tem muito pouco resguardo, e os officiaes muito pouco escrupulo, como se não ficassem á sua conta tantas vidas e tantas fazendas como se metem nestas naos.

Achada a agua viram que era um torno tamanho, que se um official mettia a mão a força della lha tornava a rebater para fóra. E porque se não podia tomar sem cortarem as picas, o fizeram contra o parecer de muitos; e todavia tendo cortadas algumas tornaram a sobrestar, por ser aquelle lugar o em que se fecha toda a nau, e nella não ia pregadura para se tornar a remediar, porque as mais ou todas estas naos andam a Deos misericordia, por pouparem quatro cruzados; e com facas, prégos grandes, e outras cousas entupiram o melhor que poderam aquelle logar, e com muitos saquinhos de arroz que metteram entre as picas, e liames para que fizessem pegamaço, ordenando-lhe por cima uma areia que sustentasse estes saquinhos de arroz para baixo, e os não podesse a agua suspender.

Com isto ficaram alguma cousa alliviados, e a agua começou a ser menos na bomba, e assim foram seguindo seu caminho com bom tempo até altura de trinta e dous gráos e meio do Sul, cento e cincoenta leguas da Bahia da Alagoa, e oitenta da mais chegada terra do Natal. Nesta paragem lhe saltou o vento ao poente da parte do Sudoeste, sendo já onze dias de Março; com o que tomaram as velas, ficando só os papafigos, com que se fizeram na volta do norte, e com o trabalho do vento e dos mares, a agua a abrir pelo mesmo logar tão apressada, que em pouco espaço havia já seis palmos no porão, e toda a gente

se metteu em grande revolta, e se começou a alijar ao mar todas as cousas do convés, para ficarem as escotilhas lestes; e com os aldropes das bombas nas mãos, sem descançarem, passáram toda a noite, e sendo já mais dous palmos de agua, que cresceo sobre o lastro do porão, começou a cobrir as pipas, e o páo preto, que por cima já andavam nadando de bordo a bordo, dando no costado da nao tamanhas pancadas, que abalava toda a nao. E porque a agua crescia, atravessáram os officiaes algumas entenas por cima das escotilhas da popa e de prôa, pelas quaes ordenaram muitos barris de seis almudes, que desciam e sobiam com facilidade, aos quaes se repartiram todos os da nao, sem haver excepção de pessoa, sendo D. Paulo de Lima, que nella ia com sua mulher, o primeiro, e assim Bernardim de Carvalho, o capitão Estevão da Veiga, Gregorio Botelho sogro de Guterres de Monroy, que levava alli sua filha para seu marido, que estava no reino, e outros cavalheiros e religiosos que na nao iam, que todos de dia e de noite trabalharam nas bombas e aldropes dos barris, sem se apartarem delles, nem para comer; porque os padres andavam pelo convés com biscouto, conservas e agua, consolando a todos, assim corporal, como espiritual. E com toda esta diligencia a agua era cada vez mais, com o que se determinaram a ir buscar a terra no mais perto, para vararem nella, para onde viraram com o traquete de prôa e cevadeira, e não ousaram de bolir na vela grande, por não largarem os aldropes e bombas das mãos, porque qualquer espaço que o fizeram, bastára para se submergirem.

E indo demandar a terra, sendo já quatorze de Março, se acabou de encher o porão de agoa, e as bombas de se entupir com a pimenta que foi ao porão, por onde já deixavam de laborar, e os homens a des-

corçoar; mas aquelles fidalgos, religiosos, e cavalheiros honrados, com grande coração e animo trabalhando sempre, esforçavam os mais ao trabalho, persuadindo a não largarem os aldropes das mãos, porque isso os sustentava. Os officiaes gastáram aquelle dia em desentupir as bombas, forrando os trépes com folha de Flandes por se não tornarem a empaxar. E porque tambem era necessario alijarem ao mar tudo o que podessem, encomendáram este negocio a certas pessoas, que foram deitando todas as riquezas e louçainhas de que a nao ia riquissima, ganhado tudo com tanto suor de uns, e com tanto encargo de outros.

Ao outro dia, que foram quinze do mez, estava já a cuberta de sobre o porão chea de agoa, e o vento era Suduéste, e de quando em quando vinha com uns salseiros de agoa muito rijos, que lhe davam outro trabalho de novo. Emfim tudo era contra elles, até o léme da nao deixou de governar, por cuja causa ella ficou atravessada, sem vélas, por serem todas rotas, não acodindo os da nao a nada, por não largarem as bombas das mãos, porque nisso estava algum remedio, se o havia. Toda esta noite passáram com grandes trabalhos e desconsolações, porque tudo quanto viam lhe reprezentava a morte; porque por baixo viram a nao chea de agoa, por cima o ceo conjurado contra todos, porque até elle se lhe encobrio com a maior cerração e escuridade que se vio. O ar assobiava de todas as partes, que parecia lhe estava bradando morte, morte; e não bastando a agoa que por baixo lhe entrava, e de cima, que o ceo lançava sobre elles, parecia que os queria alagar com outro diluvio. Dentro na nao tudo quanto se ouvia eram suspiros, gemidos, gritos, prantos, e misericordias, que se pediam a Deos, que parecia que por alguns pecca-

dos de alguns que iam naquella nao, estava irado contra elles.

Ao outro dia em amanhecendo, que se viram todos sem nenhum remedio, tratáram de lançar o batel ao mar, para o que foi necessario largar os barrîs para se abrir a nao, na qual entre as cubertas parecia que andavam todos os espiritos danados, com o estrondo das couzas que nadavam e davam umas nas outras, e que corriam de bordo a bordo, de maneira que aos que abaixo desciam se lhes reprezentava o ultimo juizo. Os officiaes e outros homens déram pressa ao concerto do batel, a que fizeram suas arrombadas, e o que lhe mais pareceo necessario para a viagem, o que tudo se fez com grande trabalho pelos grandes balanços que a nao dava, por andarem os marés cruzados, os quaes lhes entravam pelo portaló, que estava aberto, para por elle alijarem tudo ao mar; o que era causa de se acabar de alagar a nao. Já neste tempo iam governando ao Noroéste, porque se fazia o piloto muito perto da terra, e assim o estavam tanto, que aquelle dia ao por do sol affirmou um marinheiho que a vira, e bradou de cima da gávea: Terra, terra. E por não saber o piloto se naquella parte haveria arrecifes onde se a nao encalhasse, e se perdessem todos, pareceo-lhe bem desviar-se e governar ao Nordéste, para como fosse de dia a ir demandar, para se poder salvar toda a gente, que toda aquella noite passou na maior afflicção de espirito, e no maior trabalho do corpo, que se podia imaginar.

Ao outro dia, tanto que amanheceo, não viram terra, e lançáram o batel ao mar com muito trabalho, porque indo no ar sobre os aparelhos, se lançavam os homens a elle como doudos, sem D. Paulo de Lima, que se tinha metido dentro com uma espada na mão, lhe poder valer, porque se quiz segurar dos ma-

rinheiros, que se não fossem nelle, e o deixassem; e sem embargo de cutiladas e crisadas, que se déram em muitos mui despiadosamente, não deixou de se lançar nelle tanta gente, que em chegando ao mar se houvera de soçobrar; e com muito trabalho tornou D. Paulo de Lima a fazer sobir alguns para cima, promettendo-lhes que todos os que coubessem, se haviam de salvar nelle. E ficando o batel em bom estado, se foi pôr por popa da nao para tomar pela varanda as mulheres que alli iam, os religiosos e os homens fidalgos, porque a nao dava grandes balanços, e houveram medo que metesse o batel no fundo; afastou se um pouco para fóra, e dalli se deu ordem para que as mulheres se amarrassem em peças de caça, pelas quaes dependuradas as calavam abaixo; e o batel chegava a tomal-as, mergulhadas muitas vezes, com muito trabalho, lastima, e magoa de todos.

Nesta obra andava na nao Bernardim de Carvalho, sobre quem descarregáram todos os trabalhos daquelle negocio, e de toda a nao; porque D. Paulo de Lima, como era bom christão e temente a Deos, havia que aquelle castigo era por seos peccados; com o que andava tão acanhado, que não parecia ser aquelle que em tão grandes riscos e perigos, como os em que se vio, nunca perdeo um ponto de seo esforço e animo, que aqui lhe faltou de todo. Tomáram-se desta maneira: a mulher do mesmo D. Paulo, D. Marianna mulher de Guterres de Monroy, e D. Joanna de Mendoça mulher que fora de Gonçalo Gomes de Azevedo, que ia para o reino meter-se em um mosteiro, desenganada do mundo, sendo ainda moça, e que se podia lograr delle, dona muito virtuosa, e que em toda esta jornada deo a todos um admiravel exemplo de sua virtude, como em seos lugares tocaremos; a qual levava comsigo uma filha de menos de dous an-

nos, com quem ella estava abraçada, com os olhos nos ceos pedindo a Deus misericordia, e para a amarrarem foi necessario tira la dos braços, e entrega-la a uma ama sua. Apoz ellas se embarcáram os padres, e Bernardim de Carvalho, e o derradeiro de todos o mestre e contra-mestre, que andáram fazendo prestes alguns barris de biscouto, e agoa que lançáram no batel, e com elles se entulhou o batel, e se foi afastando.

Vendo D. Joanna de Mendoça que lhe ficava a filha na nao, a qual via estar no cólo da sua ama, que de lá lha mostrava, mostrando-a com grandes prantos e lastimas, foram tantas as mágoas e couzas que disse, que moveu a todos a chegarem á nao, e pedirem a menina á ama, dizendo-lhe que a amarrasse a uma caça, e a lançasse abaixo, o que ella não quiz fazer, dizendo que tambem a tomassem, senão que a não havia de entregar; e nunca a pudéram persuadir a outra couza, por muito que sua senhora lho pedio com lagrimas, e piedades, que pudéram mover um tigre, se tivera a criança em seos braços. E porque nisto houve detença, e a moça estava emperrada, e a nao dava uns balanços cruelissimos, foi forçado afastarem o batel, porque se não metesse no fundo, o que foi com grande compaixão da triste mãi, que estava com os olhos na filha, com aquella piedade com que todas as costumam pôr nos seos, que muito amam. E vendo que lhe era forçado deixa-la, tomando ella antes ficar com ella, e em seos braços, que a entregar áquellas crueis ondas, que pareciam que já a queriam tragar, virou as cóstas para a nao, e pondo os olhos no ceo offereceo a Deos a tenra filha em sacrificio, como outro Isaac, pedindo a Deos misericordia para si, porque sua filha era innocente, e sabia que a tinha bem segura. Este espectaculo não deixou de causar

em todos gravissima dor naquelle estado, em que cada um tinha bem necessidade de compaixão alheia, se alli houvera animos livres para a poderem ter dos males d'outros.

Afastando o batel um pouco, ficáram esperando de largo pelo padre Frei Niculao do Rozario da Ordem dos Prégadores, que se não quiz embarcar no batel sem confessar quantos ficavam na nao; porque não quiz que pois a tanta gente lhe faltavam todas as consolações do corpo, lhe faltassem as da alma; e assim confessou e consolou a todos com muita caridade, chorando com elles suas miserias, e absolvendo os, assim em particular como em geral. E porque não era possivel chegar o batel a toma-lo por força, porque estava apostado a se deixar ficar na nao para consolação daquella gente, mas tanto lhe disse D. Paulo de Lima, e tantos protestos lhe fez com todos os que mais iam no batel, que se houve de lançar ao mar, e a nado se recolheo no batel, onde foi mui festejado de todos por sua virtude e exemplo que em toda aquella viagem deo, pelo qual era mui amado e reverenciado de todos. E depois de ser recolhido foram governando para terra.

Os da nao vendo partido o batel, e não lhe ficando outra esperança de remedio que a que Deos e elles ordenassem, fizeram algumas jangadas, o melhor que pudéram, que já ficavam a bordo da nao, quando o batel se afastou; mas como Deos Nosso Senhor tinha escolhido aquelles para acabarem naquelle lugar, todos se sumergiram, e o mesmo fizeram duas manchuas que iam arrisadas por popa da nao. E certo que devia de ser aquelle castigo de Deos, porque facilissimamente se pudéra salvar toda a gente desta nao, se os do batel não quizeram tratar de si sós; porque bem pudéram dar primeiro ordem a grandes

jangadas, em que se toda a gente recolhera com a agoa e mantimentos, as quaes o batel fôra guiando até terra, que estava tão pertò, que ao outro dia se vio, tendo para isso tanto espaço de tempo, que durou a nao vinte e quatro horas sem lhe darem á bomba, nas quaes se puderam ordenar todas as jangadas que quizeram, pois levavam entenas, mastros, e vergas, e tanta madeira, que lhe sobejava. Porque mais difficultosa foi a perdição da nao Santiago no Baixo da Judia (como na decima Decada fica dito) e fizeram-se muitas jangadas, de que algumas chegáram á terra sem favor do esquife, nem batel, durando a viagem oito dias. Mas as pessoas a que nesta nao se pudéra ter respeito, e que podiam mandar ordenar isto, eram D. Paulo de Lima, que tinha perdido aquelle nunca vencido animo com se ver com sua mulher naquelle estado; e outro Bernardim de Carvalho fidalgo muito honrado, e muito bom cavalleiro, mas de natureza tão branda, que por ver nos officiaes todos uma grande alteração, dissimulou com couzas que entendia bem, por se não perder tudo; porque esta gente do mar, em um caso como este, não tem respeito a nada, nem elles depois foram castigados por excessos que cometteram nestas viagens.

E tornando ao batel, tanto que cometteo sua viagem, acháram-no os officiaes tão pejado, por ir muito carregado, e com todo o grosso debaixo da agoa, que fizeram grandes requerimentos, que se lançassem algumas pessoas ao mar para se poderem salvar as outras; o que aquelles fidalgos consentiram, deixando a eleição dellas aos officiaes, que logo lançáram ao mar seis pessoas, que foram tomadas nos ares, lançados nelle, onde ficáram sumergidas das crueis ondas, sem mais apparecerem. Este piedoso sacrificio levou os olhos dos que o viram, tanto atrás de si, que ficá-

ram pasmados, sem saberem o que viam, ou como couza que se lhes reprezentava em sonhos: e posto que estas seis pessoas se despejáram, ficaram ainda no batel cento e quatro. E indo sua viagem não pudéram surdir ávante, porque a agoa os ia lançando da terra para o mar, porque nem os homens iam para remar, de cançados dos trabalhos passados, nem o batel ia para se marear, de mui pezado; e sendo meia noite se acháram da nao ao mar um bom espaço: pelo que tomando o remo se tornáram a chegar a ella, e viram dentro muitos fógos, que eram vélas acezas, porque toda a noite os da nao passáram em procissões e ladainhas encomendando-se a Deos Nosso Senhor com vózes e clamores tão altos, que no batel se ouviram.

Em amanhecendo se chegou o batel bem á nao, e falláram com os de dentro, animando os a fazerem jangadas, offerecendo-se a esperarem para os acompanhar; os de dentro responderam com grandes gritos e prantos, pedindo misericordia em vózes tão profundas e piedosas, que metiam medo e terror; porque como a manhã não era bem clara, fazia parecer aquillo mais medonho e espantoso. Descuberto o dia tratáram de irem algumas pessoas á nao a tomar espingardas e mantimentos, ao que se lançáram a nado tres ou quatro marinheiros, que em sobindo acima acháram já a cuberta da nao chea de agoa, e a gente toda como alienada com o temor da morte que esperavam, e todavia tinham no chapitéo da popa um fermoso retabolo de Nossa Senhora, ao redor do qual estavam todas as escravas descabelladas em um piedoso pranto, pedindo áquella Senhora misericordia, estando diante de todas a ama de D. Joanna com a menina nos braços, donde nunca a largou, cuja idade lhe não deixava conhecer o perigo em que es-

tava; e ainda que o sentira, lho fizera sua innocencia estimar em pouco, porque não ha couza que faça parecer a morte mais temerósa, que o receio da salvação. Os marinheiros lançaram ao mar alguns barris de agoa, e biscouto, e um de vinho, que se recolheram no batel, que desejou de chegar á nao a despejar inda de algumas pessoas, porque não estava para navegar. Os marinheiros se recolheram sem trazerem a menina de D. Joanna; porque os mais destes homens são deshumanos e crueis por natureza.

E porque não pudéram chegar á nao para fazerem aquelle despejo, se afastáram, e deixaram aos officiaes fazer seo officio, os quaes foram deitando ao mar algumas pessoas, que foram um Diogo Fernandes bom homem, e muito apoucado, que acabára de ser feitor de Ceilão; e um soldado chamado Diogo de Seixas, e Diogo Duarte mercador, e Diogo Lopes Bayão, que andára muitos annos no Balagate, onde o Idalxá lhe tinha dados tres mil cruzados de renda, por ser homem de industria e invenções, o qual tratava em cavallos de Goa para lá, e lhe levava todos os avizos, e ainda se suspeitava que era duvidoso na Fé, pelo que o mandavam para o reino (do qual na nossa decima Decada demos larga conta) porque foi o que teceu as meadas de se passar á terra firme Çufucão, que o Idalxá desejou de haver ás mãos para o matar, por lhe pertencer o reino, e assim desta vez o acolheo por ardis deste Diogo Lopes, e lhe mandou tirar os olhos. Este Diogo Lopes, quando o tomáram para o lançar ao mar, entregou ao padre Frei Niculao um bizalho de pedraria, que diziam valer dez ou doze mil cruzados, encomendando-lhe que se o pudésse salvar o entregaria a seos procuradores se fosse a Goa, ou a seos herdeiros, se Deos o levasse ao reino. E com estes homens lançáram tambem no mar alguns

escravos, que todos logo foram sumergidos daquellas crueis ondas.

Feita esta aboveminal crueldade por mãos destes officiaes do mar, os quaes permittio Deos que pagassem mui cedo, com todos ou os mais delles morrerem em terra por aquelles matos com grandes desconsolações, começou o batel a tocar o remo para terra, e sendo afastados da nao, ás dés horas do dia lhe viram dar um grande balanço, e apoz elle esconder-se toda debaixo da agoa, desaparecendo á vista de todos como um raio; de que elles ficáram como homens pasmados, parecendo um sonho, verem assim uma nao em que havia pouco iam navegando, tão carregada de riquezas e louçainhas, que quasi não tinha estimação, comida das ondas, sumergida debaixo das agoas, enthezourando nas concavidades do mar tantas couzas, assim dos que nella iam, como dos que ficavam na India, adquiridas pelos meios que Deos sabe. Pelo que muitas vezes permitte se logrem tão pouco como estas. E posto que este espectaculo foi mui temeroso a todos, á desconsolada de D. Joanna de Mendoça foi de maior dor e paixão, porque via sua filha tão tenra e mimósa sua, manjar de algum monstro do mar, que pôde ser, que ainda bracejando a tragasse; mas como ella tinha offerecido já tudo em sacrificio a Deos, como elle praticou dentro em seu coração suas lástimas, a que elle não podia deixar de acodir com alguma consolação espiritual, porque na paciencia, virtude, e exemplos que neste negocio mostrou, se podia isto suspeitar.

Ao batel déram uma véla que se lhe ordenou; e com o vento, que era Levante, foi demandar a mais proxima terra pelo rumo que leváram, da qual houveram vista sobre a tarde aos vinte dias de Março, e com grande alvoroço (se o podia haver em corações

que tantas mágoas viram havia tão pouco) se foram chegando a ella; e por lhes anoitecer tomáram a véla, porque não fosse encalhar em parte onde se afogassem todos, já que Deos alli os levára. E certo que é couza muito para ponderar a perdição desta nao e a morte da gente que nella ficou; porque em muitas couzas se vio ser aquillo um juizo de Deos muito evidente; porque se aquella noite que o marinheiro disse que vira terra, acertára de pela manhã, ou o piloto não se desviára de noite della, em nenhuma fórma pudéra perecer aquella gente; porque estariam, quando muito, della oito legoas, e a nao deo muito largo espaço para o batel lançar aquella batelada de gente em terra, e tornar pela que lhe ficava: e ainda pudéram fazer mais, que fora virem com a nao até encalhar, que ainda que fosse duas legoas da terra, ficava-lhe mais perto para se levar toda a gente no batel; e ainda que o não tiveram, em jangadas, que alli fariam todos com grande alvoroço á vista da terra, se poderiam salvar. Mas os peccados tapáram os olhos a todos para não entenderem isto, e se perderem aquelles que nascéram para aquillo.

Ao outro dia pela manhã se chegáram bem á terra, e surgiram na quebrança do mar, por ser alli tudo limpo, e lançáram alguns marinheros fóra para irem ver se havia algumas povoações, os quaes de cima de uns medãos de area enxergáram fogos, e indo-os demandar déram em umas palhoças, em que moravam alguns cafres, que em vendo aquelles homens lançáram a fugir, mas tornando a conhecer serem portuguezes, pela comunicação que com elles tinham por causa do resgate de marfim que todos os annos alli vão fazer, tornáram logo a elles mui domesticos, e em sua companhia foram até á praia, sem se entenderem, porque não fallava nenhum delles nossa lin-

goagem. Ventava neste tempo Ponente, pelo que assentáram todos de se irem de longo da costa até o rio de Lourenço Marques; e recolhendo os marinheiros começáram a navegar, mas como o vento fôf crescendo, o fizeram os máres de feição, que lhes foi forçado vararem naquella praia, por não irem depoisa faze-lo em outra em que perigassem.

Encalhando o batel pozeram-se todos em terra com algum biscouto que levavam, e prepararam as espingardas e armas para alguma necessidade; aquella noite passaram entre uns medãos de areia, onde fizeram seus fogos; e passáram com muito boa vigia. Era isto aos vinte é dous de Março, e ao outro dia puzeram fogo ao batel para lhe tirarem ą pregadura, por ser couza estimada entre os cafres, para com ella fazerem seo resgate, e fizeram alforge de cotonias para o caminho, e fazendo algumas borrachas de couros (que a caso se lençaram no batel) para levarem agoa para o caminho: e fazendo resanha da gente, acharam-se noventa e oito pessoas, com mulheres, das quaes nomearemos as de que tivemos noticia: o capitão Estevão da Veiga, D. Paulo de Lima, D. Beatriz sua mulher, Gregorio Botelho, sua filha D. Marianna, mulher de Guterres de Monroy, D. Joanna de Mendoça, mulher que foi de Gonçalo Gomes de Azevedo, Bernardim de Carvalho, Manoel Cabral da Veiga, Christovão Rebello Rodovalho, Nicolau da Silva, Diogo Lopes Leitão, um irmão da mulher de D. Paulo de Lima, Francisco Dorta, feitor da nao, Antonio Caldeira, filho de Manoel Caldeira, o contador das naos, o padre Frei Nicolau do Rosario da Ordem dos Prégadores, o padre Frei Antonio, capucho leigo, Marcos Carneiro, mestre da nao, Gaspar Fernandes, piloto, Diogo de Couto, que se tinha perdido na nao Santiago no baixo da Judia, e outros mariuheiros e grumetes. As armas

que se acharam foram cinco espingardas, outras tantas espadas, um barril de polvora, alguns murrões; e dos remos do batel fizeram hasteas de lanças, e por ferros lhe puzeram verrumas dos carpinteiros, e o biscouto se repartio por todos, a dous, tres punhados cada um e encheram as borrachas de agua. E este foi o provimento para o caminho que determinavam fazer.

Aos vinte e tres de março começaram a caminhar, indo deante de todos o padre Frei Antonio, capucho, com um crucifixo arvorado, e ordenaram das velas do batel dous andores amarrados em alguns remos para aquellas mulheres camiuharem, as quaes haviam de levar ás costas os marinheiros e grumetes, a quem D. Paulo de Lima prometteu uma quantidade de dinheiro. As mulheres, a de D. Paulo e Guterres de Monroy levavam jubões brancos, calções compridos até o chão, e barretes vermelhos; só D. Joanna de Mendoça ia vestida no habito de S. Francisco, porque como ia com tenção de se metter freira em algum mosteiro de Santa Clara, quiz vestir alli o seu habito, porque se morresse naquelle caminho, fosse nelle, e assim lhe ficassem seus desejos cumpridos em parte: e depois o cumprio bem, porque já que na India lhe faltou mosteiro de Santa Clara, em que se mettesse naquelle habito seu, que nunca mais largou, se recolheu para Nossa Senhora do Cabo, onde fez uma cazinha, ou uma cella, em que se foi agazalhar, por estar perto dos padres Capuchos, que alli fazem vida santa, e ella não menos que elles, e assim vive com tanto recolhimento e abstinencia e oração, que em nenhuma clausura pudera ser mais, e sua vida e exemplo tem consolado esta cidade de Goa.

Primeiro que continuemos com o caminho que estes perdidos fizeram por esta Cafraria, nos pareceo

bem fazer uma breve descripção desta parte, porque de todas as mais a temos feita na nossa nona Decada, onde tratámos da conquista das Minas do Ouro, que por alli andou fazendo o govervador Francisco Barreto, e Vasco Fernandes Homem, e agora faremos desde este logar onde o batel encalhou até o Cabo das Correntes, onde chegámos, com a outra descripção dos reinos de Monomotapa, e de todos os mais daquelle sertão, e maritimo desta Ethiopia interior.

A esta parte, em que este batel encalhou, chamam os nossos mareantes commummente Terra dos Fumos; e assim está nomeada nas nossas Cartas de marear; o qual nome lhe foi posto pelos nossos que por alli primeiro passáram, pelos muitos fumos que de noite viram em terra; mas os cafres naturaes lhe chamam Terra dos Macomates, por uns cafres assim chamados que vivem ao redor daquellas praias. Encalhou este batel em vinte e sete gráos e um terço, adiante de um rio, que nas nossas Cartas anda sem nome, que está em vinte e sete gráos e meio, ao qual os nossos que navegam de Moçambique para o rio de Lourenço Marques ao resgate de marfim, chamam de Simão Dote, por um portuguez deste nome que a elle foi ter em um pangaio, o qual rio é pequeno, e capaz só de embarcações pequenas, e será cincoenta legoas afastado da bahia de Louernço Marques para o Sul.

Toda esta terra dos Fumos é do Rei chamado Viragune, que se estende mais de trinta legoas para o sertão, e pela banda do Sul parte com outro chamado Mocalapapa, que se estende até o sertão do rio de Santa Luzia, que está em altura de vinte e oito gráos e um quarto até a primeira terra do Natal, aonde se ajunta com outro reino do Vambe que corre para o Sul, aonde tambem os nossos vão fazer resgate de marfim. E deste reino que toma muita parte da terra

que chamam do Natal até o Cabo de Boa Esperança não ha Reis, e tudo é possuido de senhores, que chamam Ancores, que são cabeças e regedores de tres, quatro, e cinco aldeas. E tornando do reino de Viragune, que é toda aquella terra dos Fumos, vai o reino do Inhaca correndo ao Nordéste, o qual se estende até á Ponta da Bahia de Lourenço Marques da banda do Sul, o qual nas nossas Cartas de marear se chama o rio de S. Lourenço, que está em altura de vinte e cinco gráos e tres quartos, e ainda senhorea duas ilhas que estão na mesma ponta, uma chamada Choambone, que é povoada e tem sete aldeas, que será de quatro legoas, e tem muitas vacas, cabras, e gallinhas, a outra se chama Setimuro, que é despovoada, e será de duas legoas, na qual os nossos que alli vão ao resgate de marfim se apozentam, para estarem mais seguros dos negros da terra, porque o maior commercio que tem é com este Inhaca. Tem esta ilha muito boa agoa, muitos pescados e tartarugas, ainda que a casca não presta para nada.

E porque temos chegado a esta bahia, que é famósa, e das principaes de toda a terra, a que os geografos chamam Africa, faremos della uma demonstração, para se verem melhor os Reis, que vivem derredor della. Finjamos uma borboleta, que faz duas pontas, esta do Inhaca que dissemos, e outra da banda do Norte, onde está o reino do Manhiça, de que logo falaremos; e será distancia de uma boca a outra de seis legoas, e de fundo da boca para dentro catorze braças. No meio da bahia faz uma ilha, a que os nossos puzeram nome dos Passaros, pelos muitos que alli ha, tão grandes como patos, e tão gordos, que de suas inxundias fazem azeite para as candeas e bitacolas dos navios. As azas desta borboleta, a da banda do Sul é o rio, que vai cortando ao Suduéste, sobre o qual de

uma e outra parte se estende o reino de Belingane, e assim se chama o rio; a outra aza da banda do Norte vai tirando direito a elle, é o rio do Manhiça, do qual o reino toma o nome, o qual rio é o maior de todos os que alli vem esbocar, e um dos que dissemos na nossa oitava Decada na descrição do reino Monomotapa, que sahia da alagoa grande, juntamente com o Nilo, e outros; o qual rio se vai meter naquella parte a que chamam commummente Bahia Fermosa, que é o proprio Rio do Espirito Santo. Aqui fazem os portuguezes resgate de marfim, e tem alli sua feitoria, onde residem quatro mezes do anno, que dura esta monção. O cabo desta borboleta, que se divide em duas farpas, são dous rios que da mesma maneira do cabo farpado vão meter-se naquella alagoa, que é o corpo desta borboleta; e sobre a farpa da banda do Norte jaz o reino do Rumo, que foi o em que Manoel de Souza Sepulveda, quando por alli passou com sua mulher, largou as armas, como na sexta Decada escrevemos, e onde elle e seus filhos morreram, e onde o mesmo Manoel de Souza desappareceo, metendo-se de mágoa de ver a mulhrr e filhos mortos pelos matos, onde parece foi comido das féras. Este mato dahi a alguns annos o mandou aquelle Rei cortar e roçar para aproveitar aquelles campos, no qual dizem os cafres naturaes que acháram dous anneis ricos de pedraria, que o Rei tem e mostra ainda hoje aos portuguezes que alli vão resgatar; e de alguns sabemos estas couzas, e nos affirmáram que viram estes anneis, os quaes verisimelmente se tem serem do mesmo Manoel de Souza, que os levaria comsigo nos dedos.

A outra farpa do cabo da borboleta da banda do Sul é um reino a que chamam Anzete; e ha-se de saber que entre estes cafres tanto que um succede no

logo se hão de appellidar do nome do reino em ...ccede. Parte este reino com umas grandes ser... de mais de vinte legoas, tão asperas, intrataveis ... por natureza, que não tem entrada senão por ... passos muito difficultosos, e em cima se esten... muito largas campinas, as quaes são de um se... chamado Monhimpeca, o qual por nenhum caso ... abaixo, nem communica com os vizinhos, por... ...dos, uns e outros são muito grandes ladrões. ...tas serras infinitos elefantes, e este senhor tem ... covas cheas de seos dentes, os quaes nunca ...gatar com os portuguezes, porque se recea ...andando abaixo lhos tomem os vizinhos. Vive ... em cima muito seguro de tudo, e sem ha... ...ter ninguem, porque a terra lhe dá em cima ... que lhe é necessario para passar a vida. Tem ... destas serras a mesma lingoa dos vumos e ... seos vizinhos, e são todos commummente, as- ...mens como mulheres, tamanhos de corpos que ... gigantes.

... dous rios que fazem as farpas do cabo da bor... dous dias de caminho donde se metem lá em ... formam outro rio, que atravessa do Anzete até ..., e vai cortando aquella farpa pelo meio so... qual vive um Rei chamado Angomanes, cujo ... se estende para o Ponente; e corre este rio pe... de umas serras a cuja fralda estão algumas po...; e um portuguez nos disse, que indo por es... acima ao resgate em uma embarcação, fora dar ... gentes destas povoações que andavam pescan... barcos pequenos, os quaes vio que quando que... alguma couza da terra chegavam com seos bar... parte que os podiam ouvir, e davam certos sil... apitos, aos quaes lhe acodiam os da aldea com ... o que queriam; porque por aquelles assovios se

entendem, mas não deixam de ter lingoa propria, e muito differente de todas as mais daquelles reinos.

E tornando á boca do Rio do Espirito Santo, que é o focinho desta borboleta, ao Rio do Manhiça, delle corre um esteiro que vai tirando ao Suduéste e corta aquella ponta que fica em Ilha, a que os nossos puzeram nome do Mel, da qual vai correndo a costa direita até o rio dos Reis, a que hoje os nossos chamam do Ouro, que está em altura de vinte e cinco gráos, sobre o qual da banda do Ponente se estende um reino que chamam do Inhapula, e da outra banda o de Manuça, que é vassallo do outro. Daqui vai encurvando a Cósta até o cabo das Correntes, tanto que faz uma mui penetrante enseada, de que nas nossas Cartas de marear se não faz demonstração, a qual quando os navios de Moçambique vão ao Rio de Lourenço Marques parece que atravessam um grande golfo, e de longo desta enseada vivem uns cafres chamados Mocrangas, grandes ladrões. No meio della anda lançado um rio nas nossas Cartas de marear em vinte e quatro gráos menos um quinto, a que chamam da Bazaruta, que alli não ha, nem por toda aquella cósta algum deste nome, só ha ilhas da Bazaruta, que estão em vinte e um gráos e meio, defronte da ponta que nas nossas Cartas se chama de S. Sebastião, que está em altura de vinte e dous gráos e um terço, do qual já temos dado conta na nona Decada na descrição que atrás dissemos que tinhamos feito de toda a Cafraria.

No sertão desta enseada dos Mocrangas ha dous reinos, o de Manuça, que já nomeamos, que fica na parte que dissemos, o outro do Inhaboze que vai até um grande rio que se chama Inharingue, antes do Cabo das Correntes, que é o mesmo que acabámos de dizer, que nas Cartas de marear se chama da Bazaruta, mas está mais chegado ao Cabo das Correntes do que

se vê nas mesmas Cartas. Sobre este rio da banda do Ponente está o reino de Pande, vizinho ao de Inhabuze, o qual parte com o reino do Monhibene, que corre delle ao Norte de longo do mesmo rio, o qual vai partir com outro reino que chamam do Javara, que fica para o sertão sobre este rio, e da outra banda ha outros dous reinos, o de Gamba mais para o mar, e o Mocumba ao sertão. Todos estes reinos desta descrição são mui conhecidos dos portuguezes que vão de Moçambique resgatar marfim áquelles reinos. Com o que concluimos aqui com elles. E porque não era fóra de proposito tratarmos tambem dos barbaros costumes e leis destes cafres, o não trato aqui porque é fóra de minha tenção, e só quero dar noticia do que aconteceo á gente da perdição no caminho, até chegarem ao Rio de Lourenço Marques.

Postos os nossos perdidos ao caminho, como atrás dissémos, foram de longo da praia muito devagar, por causa das mulheres, comendo do pouco biscouto que levavam, e bebendo da pouca agoa das borrachas, que a maior parte della se lhe tinha ido pelas costuras. E assim desta maneira, fazendo pouzos, foram até noite que se recolheram a uns medãos de area, onde se agazalháram, buscando em todo este caminho sempre um lugar separado para as mulheres, e alli fizeram suas fogueiras e dormiram sobre a dura area, que não tinham outros colchões, nem outros cobertores, mais que o ceo. Ao outro dia tornáram a seo caminho, sem levarem já que comer nem que beber, e pela praia foram tomando alguns cranguejos que comiam assados, indo as mulheres já mui cançadas, e sobre todas bem desconsolada D. Joanna de Mendoça, que as outras duas, uma levava seo marido, e outra seo pai, que as iam ajudando e consolando o melhor que podiam; só esta dona ia desabrigada e magoada, porque não le-

vava entre toda aquella gente uma pessoa de sua obrigação que em um tal trabalho a pudesse soccorrer. Mas como Deos Nosso Senhor tinha os olhos nella, por ella levar todo o seo coração posto nelle, quiz elle que se compadecesse della Bernardim de Carvalho fidalgo de muita virtude, o qual vendo-a só e cançada se chegou a ella a lhe dar a mão, com tamanha honestidade como se devia a uma mulher, que tanto se tinha morta ás cauzas do mundo, que o proprio dia que poz os pés em terra vestio o habito de S. Francisco e cortou seos fermosos cabellos, fazendo delles sacrificio ao mesmo Deos, deixando-os por aquellas partes entregues aos ventos, que os levåram; e assim por todo o caminho em quanto durou deo tal exemplo de si, que levava admirados a todos. E este fidalgo a foi servindo com tanto amor e resguardo, por ver nella aquella mortificação, que esquecido dos seos trabalhos tomou tanto os outros á sua conta, que não sei pai nem irmão que mais o pudéra fazer. Assim foram caminhando com grande trabalho das mulheres, que já levavam os pés empollados e feitos chagas, o que foi cauza de irem tão devagar, que ao terceiro dia da jornada tratáram algumas pessoas de se adiantarem por não se atreverem com caminho tão vagaroso e tão falto de tudo, que não comiam senão cranguejos e alguma fruta do mato, e algumas couzas poucas, que foram resgatando com os cafres.

A esta desordem dos que se queriam adianiar acodiram o capitão e D. Paulo de Lima, e com palavras de muita obrigação os persuadiram a se deixarem ir, affirmando-lhes que Deos os soccorreria; e assim dalli em diante leváram melhor ordem, porque se repartiram em duas esquadras, Paulo de Lima com a ametade da gente adiante com as armas, e o capitão Estevão da Veiga com a outra detrás, e as mulheres no

meio, que iam taes que cortavam os corações de todos: e assim se foram compassando com ellas. Já neste tempo, que era ao segundo dia, iam seguidos de alguns cafres, que seriam perto de trezentos, que parece levavam os olhos em alguns barretes, e naquella pouquidade que viam, e assim se foram chegando pouco e pouco até se desavergonharem a se atravessarem diante, e acometterem os nossos, fazendo suas algazarras e maneando suas armas, a que elles chamam pemberar. O capitão e D. Paulo de Lima vendo aquella determinação puzeram-se em um corpo, deitando pela banda de fóra as espingardas e lanças, levando sempre as mulheres no meio, e foram acometter os cafres que já vinham com grandes gritos e alaridos arremetendo com os nossos, deitando sobre elles muitos arremeços de páos tostados, a que chamam fimbos, que derrubam um boi se lhe acertam, dos quaes os nossos não receberam dano; e disparando nelles as espingardas, em ouvindo o estrondo houveram tamanho medo, que todos juntos se deitáram pelo chão, e de gatinhas, como bogios, em saltos foram fugindo para os matos; com o que os nossos ficáram livres delles, e foram continuando seo caminho.

No mesmo dia lhe sahîram por entre umas quebradas de umas serras outro magote de cafres, entre os quaes vinha um muito velho com a barba toda branca, e cuberto com uma pelle de tigre, e junto a elle uma cafra, que parecia sua mulher, e chegando muito domesticos aos nossos, lhes disseram por acenos que os seguissem, o que fizeram cuidando que era senhor de alguma aldea, e foram pelo mesmo caminho que elles trouxeram, pelo qual foram com trabalho, por ser um pouco aspero, até chegarem a uma povoação que estava ao longo de uma alagoa de mais de uma legoa de comprido; o cafre lhes offereceo

gazalhado, que elles aceitáram, aonde repouzáram o que ficava do dia e toda a noite sem inquietação alguma; e as cafras da aldea acodiram a ver aquellas mulheres como couza de espanto, e toda a noite lhes fizeram muitas festas e bailes, que lhe ellas perdoáram, porque com a matinada as não deixaram dormir, tendo bem grande necessidade de algum repouzo. Aqui lhes trouxeram gallinhas, cabras, peixe crú e assado, massa de farinha de milho, de que faziam bolos, que tudo lhes resgataram por pedaços de prégos e algumas camizas que para isso tiravam dos corpos. Passáram aqui até o outro dia naquella rustica recreação, e tomou o piloto o sol, e achou estar aquella alagoa em vinte e seis gráos e meio do Sul.

E' esta alagoa de agoa doce, mas entra nella a maré por um riacho, que de baixamar se passa pelo joelho, porque na boca faz o mar grande quebrança, e por esta causa a agoa da alagoa é um pouco salobra, mas ha naquella parte muitos poços de que bebem. Este dia foi de Ramos, e pelo muito gazalhado que aqui receberam puzeram áquelle rio o nome de Abundancia. Ao outro dia tornáram a buscar a praia, pela qual acháram algumas aduellas de pipas, e um páo de serra, e pedaços de taboas, e de outros páos. E os cafres que iam acompanhando os nossos lhes disseram que aquillo fora dos portuguezes que alli aportáram; pelo que pareceo a todos que seria alguma das jangadas da nao Santiago, que a corrente da agoa levaria áquella parte, porque algumas ficáram, mas não se soube mais que de duas. O mor trabalho que os nossos padecêram por este caminho da praia foi a sede, que os apertava tanto, que se tornáram a meter pelo sertão, ainda que fosse com mor trabalho.

Ao outro dia que partiram do Rio da Abundancia foram dar com outro riacho que ia meter-se em outra

alagoa não menor que a passada, a qual passáram de baixamar, e nelle tomou o piloto ao outro dia o sol, e achou-se em vinte e seis gráos e um quarto. Daqui por diante foram entrando pelas terras do Rei de Manhiça, de que na descrição atrás fallámos, o qual já tinha avizo daquella gente, e os mandou acompanhar por alguns homens seos, que os festejáram muito, e elles se alegráram em extremo com um cafre que lhe fallou portuguez muito claro, e lhe disse que havia menos de dés dias que se tinha partido do rio de Lourenço Marques uma naveta para Moçambique, da qual era capitão um Jeronymo Leitão, que levava muito marfim. Assim neste alvoroço chegáram á povoação, e á entrada della se assentáram á sombra de uma fermosa arvore, aonde acodio toda a aldea, assim homens como mulheres, a ver os nossos, ficando como pasmados de ver as mulheres, couza que nunca viram, e as cafras vendo-as tão cançadas e maltratadas, faziam mostras de compaixão, e chegando-se a ellas lhes faziam mimos e caricias, offerecendo-lhes suas cazas, e ainda as queriam levar logo comsigo. Não tardou muito El-Rei, que logo chegou acompanhado de muita gente: vinha nú, e encachado com um pano que lhe cobria as partes inferiores, e cuberto com um ferragoulo de pano verdozo que lhe o alferes mór D. Jorge de Menezes tinha mandado de Moçambique, sendo capitão D. Paulo de Lima. O capitão e todos os mais se levantáram e o receberam com grandes cortezias, e elle com o rosto muito alegre os abraçou e se assentou com elles ao pé da arvore, onde os nossos lhe contáram sua desaventura e trabalhos do caminho, e que todos vinham mui alvoroçados por chegarem a elle, porque sabiam quão amigo era dos portuguezes, e que nelle esperavam achar remedio para suas necessidades. El-Rei os ouvio muito bem e lhes mandou responder

humanamente condoendo-se delles, e lhes offereceo tudo o que houvesse em sua terra. E porque lhes pareceo razão darem a este homem alguma couza de prezente; porque estes homens sempre estão com os olhos nas mãos para verem se levais que lhes dar; buscando entre todos alguma couza para lhe darem acharam um panno lavrado de ouro, com que D. Marianna se cobria, e uma bacia de cobre, couza que elles muito estimam, e um pedaço de ferro grosso, e tudo lhe offereeeram, mandando-lhe dizer que lhes perdoasse, que não salváram mais que suas pessoas, como elle via, e que ainda aquelle panno tomavam áquella mulher; e assim lho lançaram por cima das cóstas; com o que ficou tão ufano, que olhava para si de uma e outra parte, e de alegre se ria para os cafres, havendo que aquelle era o dia de seo maior triumfo. E logo deo recado aos seos para que lhes trouxessem alguma couza de comer. Os quaes tornáram logo com dous balaíos de um legume a que chamam ameixoeira, e uma cabra, e lhes pedio ficassem naquella aldea, que nella os proveria como pudesse até para o anno vir o navio do resgate; e que era de parecer se não arriscassem por terra, porque de longo daquella bahia por onde haviam de passar viviam uns cafres grandes ladrões, que os haviam de roubar e matar, e que já seo pai avizára disso a Manoel de Souza Sepulveda quanpo por alli passára, e que por não seguir seo conselho se perdera: dizendo mais aos nossos que se não se haviam por seguros naquella aldea, que elle os mandaria pôr em uma Ilha onde achariam ainda as cazas em que os portuguezes viviam quando alli vinham ao resgate do marfim, e uma embarcação pequena para seo serviço, e que lá os mandaria prover do que houvessem mister. Elles lho tiveram em mercê e lhe aceitaram o conselho, pedindo-lhe que

os encaminhasse á Ilha, e licenca sua para logo ao outro dia se passarem para ella. El-Rei logo assim que se tomou tão apressada resolução, deixando-lhes pessoas para os acompanhar até os porem na Ilha, se recolheo, e os nossos se sahiram da aldea e foram passar a noite fóra do campo, com grandes atalaias e fogos, e alli fizeram seos bolos, e guizáram seo comer, e os cafres lhes leváram a vender gallinhas, grãos, feijões, e outras couzas.

Era isto em quinta feira de Endoenças, pela qual razão não se quizeram mudar dalli até dia de Paschoa da Resurreição, que cahio a dous de Abril. Este dia começáram a caminhar com mais folego, mas não sem trabalho; porque lhes choveo tanta agoa que os tratou mal, e a segunda oitava foram á vista da Bahia do Espirito Santo, e por ser tarde se alojáram aquella noite o melhor que pudéram, e ao outro dia se chegáram ao mar, e os cafres que os guiavam fizeram sinal aos da ilha, que estava perto, os quaes logo acodiram com duas almadias pequenas, em que passáram á Ilha naquelle dia, e no outro, e por ella caminháram uma legoa, achando-a toda cuberta de fermoso arvoredo e de pastos mui vistosos nos quaes se apascentava muito fermoso gado d'El-Rei, e lá no cabo da ilha sobre a bahia acháram algumas cazas palhaças em que se agazalháram, e ao outro dia passáram daquella ilha a outra de baixamar com a agoa pela cinta, a qual se chama Setimino, de que fallámos em outra parte, onde acháram mais de cinnoenta choupanaque os portuguezes do resgate deixáram feitas, e nellas se agazalháram como melhor pudéram. Aqui acháram duas embarcações pequenas, e vistas pelos officiaes da nao acháram que estavam mui boas para se poderem passar á outra banda da bahia, que era tão larga, que se não enxergava a terra de uma parte

para a outra, e alvidráram, que uma que era mais capaz, poderia recolher sessenta pessoas, e a pequena quinze, com o que todos ficáram alegres, porque haviam que como se vissem da outra parte teriam mais remedio para passar a Sofala; e assim começou o carpinteiro a concertar as embarcações, e mandáram pedir para isso licença ao Manhiça, e algumas peças de prata, das poucas que se salváram, o qual lha mandou, e foram preparando tudo para a passagem.

Tendo tudo prestes para a passagem, aos dezoito de Abril se começaram a embarcar em ambas as embarcações, cuidando que fossem capazes de levar todos; e tanto que a gente se começou a embarcar começaram ellas a encher-se de agoa, de feição que os que estavam dentro brádavam que os puzessem em terra, porque se iam ao fundo. Assim se tornaram a desembarcar todos molhados, e desconsolados, e a recolher nas choupanas, desenganados do remedio que cuidavam ter. Os marinheiros todos em um corpo pediram que lhes déssem as embarcações, que se queriam aventurar nellas, e que levariam recado ao Inhabane, onde póde ser se negociasse algum pangaio para os ir buscar. Sobre isto se começáram a alterar razões de parte a parte com gritos e demazias da parte desta gente, que nesta carreira é muito alterada; não querendo os nobres e soldados que lhes déssem as embarcações, assim por não ficarem desabrigados sem ellas, como por se não dividirem aquelles homens, porque a salvação de todos estava em irem juntos e unidos, sobre que houve tantas porfias e sobejidões, que parecia um labyrinto e confuzão, sem se acabarem de entender nem determinar.

Já a este tempo estava D. Paulo de Lima recolhido com sua mulher em uma choupana, porque como desconfiou de passar á outra parte, não quiz tratar de

nenhuma outra couza mais que de se encomendar a Deos, sem querer ver o que ia fóra, nem acodir a nada. O capitão e Bernardim de Carvalho, com os mais nobres, mestre e piloto, sabendo o modo de como estava, foram ter com elle, e lhe pediram os não quizesse desamparar de seo conselho, porque todos estavam apostados a não seguirem senão sua ordem, e o acompanharem, ou alli, ou por onde quer que fosse. D. Paulo de Lima como estava resoluto em se deixar alli ficar, e a se entregar nas mãos de Deos, para o que delle ordenasse, lhes pedio que o deixassem, que era velho e cançado, e que se via com sua mulher naquelles trabalhos, que estava determinado de fazer alli vida eremitica, e passar o que della lhe restasse em penitencia de seos peccados; que lá se aviessem, que só lhes affirmava que qualquer gente que se passasse da outra banda, e ainda que elle fosse de envolta, que tanto que se vissem da outra parte o haviam de desamparar e adiantarem-se; e que para depois se ver com sua mulher só por praias desertas e inhabitaveis, que antes se queria deixar estar alli até ver o que Deos tinha delle determinado: que quem se quizesse passar, o fizesse em boa hora, porque elle já não queria tratar mais que da salvação da alma, que para o corpo qualquer parte da terra lhe bastava. Estas palavras, que elle não disse sem lagrimas, que lhe corriam por suas venerandas barbas, magoáram a todos tanto, que se não pudéram ter não chorassem com elle, e assim entre ellas e soluços lhe pedíram aquellas pessoas a quem elle podia ter mais respeito que se quizesse consolar, e que se lembrasse daquelle seo tão grande animo com que em todas as couzas em que lhe Deos Nosso Senhor tinha feito tantas mercês e dado tantas vitorias, se assinalára tanto; e que pois elle com tanto esforço o dotára tambem de um mui-

to vivo e esperto saber e conselho, que naquelle transe em que lhe era mais necessario não se havia assim de entregar nas mãos da ventura, que seria tentar ao mesmo Deos, que de tantas partes o dotára; que elle, que o tinha guardado até alli, o faria até o levar á terra de christãos, onde melhor poderia satisfazer o seo pensamento; que quizesse para isso tratar do que convinha á sua vida e de sua mulher, pela qual a havia de poupar muito, porque se elle morresse de puro pezar, como não estava muito longe, que na outra vida lhe pediriam conta de ser unica occasião de a deixar no meio daquelles brutos desamparada e arriscada a uma desesperação: que todos os que alli estavam se lhe offereciam e davam sua fé de nunca já mais em nenhuma occasião e tempo o desampararem, e seguirem sua mesma fortuna, a qual por onde quer que o levasse a elle, os levaria a elles: e que fizesse conta com sua consciencia, e que visse que se punha a risco sua alma em se entregar assim á morte por sua propria vontade: que seria tentar a Deos, do qual parecia que desconfiava naquella parte, sabendo elle certo que sua misericordia não era limitada, e que se não deixasse assim vencer da fortuna, que sempre toda a vida trouxera debaixo dos pés.

Depois daquelles fidalgos lhe dizerem estas couzas lhe offereceo o mestre da nao, como cabeça de toda a gente do mar, em nome de todos, de nunca em nenhum trabalho o deixarem, e de sempre o acompanharem até perderem por elle a vida; e que os marinheiros mais sãos se lhe offereciam a lhe levar sua mulher em um andor, e de a servirem por todo o caminho por onde fossem, como era razão. A estas couzas não pode D. Paulo de Lima deixar de se mover, e de se entregar nas mãos de todos; e logo alli com seo parecer assentáram que passasse ametade da gente

na primeira barcada, com a qual fosse o capitão Estevão da Veiga, e que como ficassem da outra parte tornassem as embarcações pelos que ficassem, o que logo se fez; e o capitão com o piloto se embarcou na embarcação maior com quarenta e cinco pessoas, em que entravam o guardião, o sota-piloto Diogo Lopes Leitão, Francisco Dorta feitor da nao, e Antonio Caldeira: toda a mais gente era de mar. Na outra barca mais pequena se embarcou o mestre com quinze pessoas, em que entravam um filho seo, o padre Frei Nicolao do Rosario da Ordem dos Prégadores, e toda a mais gente da ordinaria, ficando na ilha trinta e seis pessoas, que eram os fidalgos e cavalleiros, que não quizeram largar a D. Paulo, com o qual ficáram tambem as outras donas.

Afastadas as embarcações da terra déram á véla e foram atravessando á outra banda, e ao pôr do sol ferráram nella terra, uma legoa do rio do Manhiça para Léste, o que souberam de uns cafres que alli encontráram. E porque o vento lhes acalmou, surgiram alli aquella noite, que este foi o erro desta viagem, e dos trabalhos que ao diante se verão, o que tudo nasceo de pouparem um pequeno de trabalho; porque se tomáram o remo na mão, facilmente pudéram entrar para dentro e ir buscar o rio do Inhaca, que lhe não ficava atrás mais de uma legoa. Em fim surtos alli passáram toda a noite, e tanto que amanheceo começou a ventar Ponente da banda do Suduéste, que lhes ficava contrario para tornarem ao rio, com o que houveram por melhor parecer irem correndo a cósta até o Rio do Ouro, que era dalli treze ou catorze legoas, e que como o vento se mudasse poderiam tornar pelos que ficavam na ilha, e assim foram correndo a cósta, que era muito limpa; mas sobre a tarde lhes foi o vento escaceando até se pôr em Sul Suéste, que

fica naquella cósta sendo travessão, com o qual foram rolando para a terra até os pôr na quebrança do mar; pelo que lhes toi forçado aos da embarcação grande virarem outro bordo, mas a mais pequena surgio, e por lhe quebrarem as córdas, que eram de hervas, tornáram a dar á véla, com que foram um pouco sem surdirem ávante, antes se acharem no rollo do mar; pelo que se afastáram, e se tornáram a marear melhor, e por boa industria do mestre, e Deos assim o ordenar foram metendo tanto de ló, que vingáram as pontas, e foram tomar a boca do rio do Inhaca já pela manhã, e em terra acháram por novas que na povoação em que El-Rei vivia, doze legoas pelo rio acima, estavam alguns portuguezes: e com este alvoroço tomáram o remo, e com assaz trabalho, por irem todos mui fracos, foram entrando pelo rio, e em dous dias chegáram á povoação, aonde acodio logo Jeronymo Leitão com alguns companheiros, que haveria um mez tinham partido do rio de Lourenço Marques, como atrás dissemos, com um pangaio carregado de marfim, com que tinham dado á cósta no Rio do Ouro, onde foram roubados, e se tinham passado para a povoação daquelle Inhaca, por ter conhecimento delle. E em se vendo, uns se abraçaram com muitas lagrimas e amor, danho-se uns aos outros conta de seos trabalhos, e dalli foram levados a El-Rei, que os recebeo bem, consolou, e mandou agazalhar.

E porque não sabiam que seria feito da embarcação em que ia o capitão, assentou o mestre, com parecer de Jeronymo Leitão, que se mandasse aquella almadia porque soubesse o que lhe tinha acontecido, porque não desconfiasse de todo; e elegéram tres pessoas para irem na almadia, duas da companhia de Jeronymo Leitão e outra do mestre, e mandáram dizer a D. Paulo que logo se passasse á outra banda, porque

a terra era boa, e que estariam mais á sua vontade até vir embarcação de Sofála, que logo mandáram pedir, porque juntamente com a almadia despedio Jeronymo Leitão um seo moço com um marinheiro mouro da naveta que se perdeo, com cartas ao capitão daquella fortaleza, em que lhe dava conta da perdição da nao, e da gente que della escapára, e de tudo o mais que lhe era acontecido, e assim da sua, pedindo-lhe mandasse logo um pangaio em que se fossem. E assim deixaremos uns e outros, por continuarmos com os que estavam na ilha. Os quaes vendo que as almadias não tornavam em sete oito e dés dias, não sabendo a que o attribuissem, mais que ao descuido do capitão, o sentio D. Paulo muito, e de apaixonado se destemperou contra elle, e não se sabendo determinar passou muitos dias em grandes malencolias, e o mesmo aconteceo a todos, que foram desconfiando de terem o remedio que esperavam nas embarcações para se tirarem daquella ilha, assim por faltar já o mantimento, como por irem adoecendo algumas pessoas. E sendo já passado quasi um mez, e que não havia novas da outra gente, tomando parecer todos entre si do que fariam, assentáram, que pois não podiam ter navio de Moçambique senão dalli a um anno, que caminhassem por terra, e rodeassem aquella Bahia; porque se alli haviam de ficar morrendo á fóme, e de doença, que menos mal era arriscarem-se aos trabalhos do caminho, encomendando se a Deos, que elle os guiaria.

Com esta resolução mandáram recado ao Manhiça daquella determinação, e a pedir-lhe os aconselhasse e lhes desse licença para se partirem dalli. A este recado lhes mandou responder que lhes não havia de aconselhar tal jornada, pelo grande risco que por aquelle caminho correriam, porque já agora estavam

divididos, e que se estiveram juntos (inda que não sem risco) então lho poderia aconselhar: e que se aquillo era porque lhes faltassem mantimentos, que elle os mandaria prover o melhor que pudesse, como sempre fizera; e que se todavia a elles lhes parecesse bem aquella jornada, a fizessem muito embora, que elle lha não havia de estorvar, porque se não dissesse que os queria reprezar em sua terra. Com esta reposta ficáram os nossos suspensos e atalhados, sem se saberem determinar no que fariam. Neste mesmo tempo chegou a almadia, que mandava o mestre e Jeronymo Leitão, a qual quando a viram vir pelo mar acodiram á praia, como se nella lhes viera todo o seo remedio: e desembarcados estes homens foram levados nos braços de todos com grandes lagrimas de alvoroço. Dalli foram a D. Paulo de Lima, que estava em sua choupana, e delles souberam o que succedera ás embarcações, e que da de Estevão da Veiga não sabiam dar novas, e lhas déram de tudo o mais que lhes tinha succedido; e que o mestre e Jeronymo Leitão lhes pediam se passasse logo da outra banda, porque álem da terra ser de um Rei amigo dos portuguezes, era mnito abastada de tudo.

Com estas novas ficou D. Paulo de Lima muito alvoroçado, e logo tratou de sua partida; mas porque não cabiam na almadia mais de catorze pessoas, fez eleição dos que haviam de ir e ficar, e na primeira barcada coube a sorte a elle com sua mulher e seo irmão, Manoel Cabral da Veiga, Christovão Rebello, e outras pessoas, que prefaziam o numero, ficando em terra para a outra barcada Bernardím de Carvalho, que estava muito doente, Gregorio Botelho, sua filha D. Marianna, e com ella D. Joanna de Mendoça, por se agazalhárem sempre ambas, por não terem maridos, e outras pessoas. Apartada a almadia da terra,

no mesmo dia foi tomar a boca do rio do Inháca, e por elle foram caminhando tres dias. E chegando ao lugar foram mui festejados d'El-Rei e dos portuguezes, e alli se agazalhâram todos em pobres cazinhas, sem mais alfaias que algumas esteiras, e outros palha seca. E tratando de tornarem a mandar a almadia, não houve entre todos quem quizesse ir nella, por estarem fracos, e começarem logo a adoecer de febres.

Os que ficáram na ilha aguardáram até o quinto e sexto dia pela embarcação, e como lhes faltou nelles andavam como pasmados sem se saberem determinar em nada, nem haver quem os aconselhasse e animasse: porque Bernardim de Carvalho, que o podia fazer, estava muito mal de febres, e como lhe faltáram os remedios e elle não tinha outro mimo que umas papas de ameixoeira, e o duro chão em que repouzava, cançou a natureza, e entregou-se nas mãos da morte, na qual hora elle deo mostras de muito bom christão, na grande paciencia com que por amor de Deos a soffria, e no arrependimento que mostrou de seos peccados.

Foi sua morte muito sentida e chorada de todos, por ser um fidalgo muito brando e de partes e qualidades mui esmeradas, e que em todos os trabalhos teve elle sempre o maior quinhão, acodindo a toda a hora a todos em suas maiores necessidades, principalmente a D. Joanna de Mendoça, que como dissemos, pela ver só, se chegou a ella, e acompanhou, e servio por todo aquelle caminho, com tanto resguardo, honra, e virtude, que fez pasmar a todos, principalmente naquella ilha, porque elle ia ao mato cortar lenha para ella, e a trazia sobre suas cóstas, ia á fonte acarretar agoa; a gallinha, quando se resgatava, elle a matava, depenava, e guizava, comendo della Gregorio Botelho, sua filha D. Marianna, e D.

Joanna de Mendoça, ficando a elle sempre o menor quinhão, e ainda deste guardava uma peça para D. Joanna para a noite, ou para o outro dia. E seguindo os mais da companhia, de puro trabalho morreo. E o que é mais para lastimar, que sua morte foi certamente do mais miseravel mal que podia ser, porque estava cuberto de piolhos, que o seo corpo creou da humidade do chão, e do suor dos trabalhos. Foi enterrado ao pé de uma Cruz, que alli tinham os nossos, nú, na terra nua, com um piedoso pranto de todos, principalmente de D. Joanna de Mendoça, que o sentio como se fora seo proprio pai, pelo muito que lhe devia, e pela falta que em seos trabalhos lhe havia de fazer; ficando muito desconsolada, sem lhe ficar quem della se condoesse senão Gregorio Botelho e sua filha D. Marianna com quem ella se agazalhava por honestidade.

Falleceram mais algumas pessoas, em que entrou o contra-mestre, e calafate. E porque totalmente lhes faltava com que resgatarem o de que tinham necessidade, passáram-se a outra ilha que era povoada, donde mandáram recado ao Manhiça do que lhes acontecera, e das grandes necessidades em que ficavam, pedindo-lhe os mandasse prover do necessario até vir o pangaio do resgate, donde se lhe pagaria tudo muito bem. E lhes mandou dizer que se fossem para a sua povoação, porque estando perto delle saberia do que tinham necessidade para se lhe dar, porque estando tão afastados não podia saber se lhe dariam o que elle mandasse. Com este recado estiveram abalados a se passarem para lá, ainda que alguns o contradiziam; e todavia deixáram-se por então ficar. E nós tambem o faremos aqui, por continuarmos com a outra embarcação em que ia o capitão Estevão da Veiga.

Agora continuaremos com esta embarcação que dei-

xámos com o vento travessão que lhe deo, com o qual se fizeram em outra volta, mas não pudéram vingar nada, antes se achåram sobre o rollo do mar, que os tratava muito mal. Pelo que se desenganáram e assentáram ser forçado dar á cósta, antes que a lua se puzesse, porque era isto de noite, que depois o poderiam fazer em parte em que todos perigassem: e assim foram encalhar em uma praia de area, onde se deixaram ficar o que restava da noite com fogueiras que fizeram, c com duas espingardas cevadas para se fossem necessarias.

Ao outro dia tanto que amanheceo foram seguindo seo caminho para o Rio do Ouro, seguidos já de muitos cafres, que logo acodiram e os foram inquietando, e acomettendo muitas vezes, até se desavergonharem tanto, que lhes tiráram os barretes das cabeças, e os alforges das cóstas, tudo de pullo, com uma ligeireza como de bogios, sem os nossos os poderem afastar de si por muitas vezes que os acometteram. E assim neste trabalho, e com grande cançasso do corpo chegáram ao Rio do Ouro tão cançados que não podiam dar um passo, indo a este tempo já com elles um cafre chamado Inhatembe de caza d'El-Rei, homem colnhecido dos portuguezes e que já tinha ido a Moçambique, que os guiou até a povoação, onde entráram com uma hora de noite, na qual pouzava o Rei Inhápula, de que na descrição desta terra fallámos, o quaos sahio a receber humanamente, e os mandou agazalhar a todos em uma caza grande, e lhes déram algumas couzas da terra para comerem, mas resgatando-as com pedaços de prégos.

Ao outro dia foram visitar o Rei e lhe déram conta de seos trabalhos, e pedîram os mandasse ocompanhar até Inhabane por alguma pessoa fiel, que alli achariam com que lhe pagar. El-Rei os consolou, e

lhes deo o mesmo Inhatembe, que com elles chegára alli, o qual era Xeque; em satisfação do que lhe déram um chapeo pardo, que elle estimou muito, e alli se deixaram ficar tres dias, nos quaes adoeceram alguns companheiros de febres; e por se acharem logo mal cinco ou seis, foi necessario deixarem-nos alli para que tendo melhoria se fossem a Inhabane, para o que mandáram pedir licença a El-Rei, que elle lhes deo. E assim se puzeram ao caminho, indo os mais delles em estado que se não podiam bolir, principaimente o piloto da nao Gaspar Gonçalves, que ia no cabo. Este dia foram ter a uma aldea do Xeque que com elles ia, que os agazalhou muito bem, e alli ficáram aquella noite.

No dia seguinte lhes chegou pela posta um cafre com recado d'El-Rei Inhapula, que logo tornassem á sua aldea e tirassem della um portuguez que morrera, e levassem os doentes, porque não queriam alli ver nenhum morto, porque o sol se enojou contra elle e se esconderia, e não deixaria chover sobre a terra, e que não daria fruitos nem mantimentos todo aquelle anno. Isto diziam, porque tinham para si que os portuguezes, porque os viam alvos e louros, eram filhos do sol. Estevão da Veiga ficou muito enfadado com aquelle recado, e foi necessario mandar alguns dos que estavam mais sãos que fossem áquelle negocio, os quaes chegando lá, querendo enterrar o morto não o consentiram, antes logo com muita préssa lho fizeram tirar da aldea quasi a rastos, e os doentes ás cóstas; e fóra no mato deixáram o morto cuberto com uma pouca de terra; e dos doentes souberam que tanto que os cafres os viram com a febre, que deo a todos como modorra, sem bolirem com pés nem mãos, que cuidando serem mortos lhes puzeram fogo nos pés para ver se boliam; e deixando o morto leváram

os doentes comsigo até a povoação, em que os nossos estavam.

Ao outro dia passáram o Rio do Ouro á outra parte, o qual seria de um tiro de espingarda de largura, em cuja barra quebra o mar todo em flor, e dentro não é capaz senão de vazilhas pequenas, e está em altura de vinte e cinco gráos, e á borda delle deixáram dous companheiros já no cabo com os derradeiros arrancos, dos qnaes se apartaram com grande dor e compaixão, acompanhando-os em quanto tiveram sentimento para lhes fazerem lembrança das couzas da alma, e lhes repetirem o Santissimo Nome de Jesus, Oh por quão bem afortunados se pódem ter aquelles que ficaram na nao, que todos os seos trabalhos se concluiram em um momento ! e por quão infelices se pódem julgar estes, que cuidaram ter melhor sórte em escaparem della ! porque seos trabalhos, riscos, perigos, e emfim morte, lhe veio tudo a ser mais penoso e de mais dura. E certo que cuido que por isso só respondeo aquelle filosofo a um que lhe perguntou que couza era morte ? dizendo-lhe assim : Morte é um sonho eterno, um espanto de ricos, um apartamento de amigos, uma incerta peregrinação, um ladrão do homem, um fim dos que vivem, e um principio dos que morrem. Porque tudo isto se achará nos desta perdição; porque que maior sonho e que maior espanto de ricos ha, que o que estes viram em si ? Um dia tão ricos e contentes, indo fazendo sua viagem com uma nao tão potente, tão rica, e cheia de louçainhas, e ao outro sumirse-ihes debaixo dos pés, e ir-se enthesourar tudo nas entranhas do mar. Que mais lastimoso apartamento de amigos, que o que aqui viram estes, deixando-os por aquellas praias acabando seo termo, sem outra consolação e companhia que a solidão daquellas barbaras areas ? Que mais incerta pe-

regrinação, que esta que por aqui vão fazendo, vendo-se cada hora em tantos riscos e perigos, e tudo, emfim, por esta maneira tão lastimoso, que se por aquellas areas houvera tigres e leões, certo que se pudéram compadecer mais delles do que o fizeram daquelle escravo Androdo, a quem um leão em Africa sustentou tantos tempos em uma cova por estar manco com um estrepe metido por um pé, o qual lhe o leão tirou, e lambendo a chaga com sua lingoa o sarou. Estas desaventuras e outras, que cada dia se vem por esta carreira da India, pudéram servir de balizas aos homens, principalmente aos fidalgos capitães de fortalezas, para nellas se moderarem e contentarem com o que Deos boamente lhes der, e deixarem viver os pobres, porque o sol no ceo, e a agoa na fonte não os dá Deos só para os grandes. Repetimos tantas vezes esta materia pelo discurso das nossas Decadas, porque as grandes deshumanidades e injustiças que cada dia vemos usar por essas fortalezas com os pequenos dellas, nos tem bem escandalisado; mas Deos é tão justo, que já que os Reis se descuidam com o castigo, o faz elle com mão tanto mais pezada, quanto é mór sua justiça, que a dos homens.

E tornando aos perdidos, depois de passarem o Rio do Ouro foram ter ao reino do Mamuça, que os agazalhou muito bem, e ficáram alli tres dias, nos quaes lhes morreram cinco ou seis companheiros da péssima agoa que acháram, que toda era limos e sugidade, cujos corpos os negros da aldea fizeram logo tirar fóra com tanta préssa, que á rastos os levaram até os deitarem entre uns bréjos, e entre estes foi tambem o piloto Gaspar Gonçalves, que escapou da perdição da nao Santiago nos baixos da Judia para vir a morrer nestas partes com a maior desconsolação que se podia imaginar.

Daqui se partiram os que ficáram, acompanhados de dous filhos daquelle Rei, que por aquelle caminho os livráram de muitos perigos e traições que os cafres lhe ordenáram. Neste dia deixáram outros dous companheiros estirados nos matos, por já não poderem caminhar de fracos e mortaes, dos quaes amigos se despediram com assás de lagrimas e desconsolações. Aquella noite chegaram a uma aldeia de um cafre chamado Inhabuze, onde se agazalharam, e dalli foram ter ao reino do Panda mais chegado ao Cabo das Correntes, a que os de Moçambique commummente chamam Imbane; e aquelle Rei os agazalhou muito bem, e os não deixou partir dalli senão ao quinto dia, por ser muito antigo costume seo fazerem alli deter os amigos para lhes mostrarem o amor que lhes tem, nos quaes os banqueteam e fazem muitas festas, como fizeram a estes perdidos; porque aquelle Rei é muito amigo dos portuguezes, pelo comércio e communicação que tem com os de Moçambique.

Dalli se partiram acompanhados de um filho d'El-Rei, e aos onze dias de Maio, dia em que cahio a Ascensão do Senhor, chegáram a outro rio tamanho como o do Ouro, que está em altura de vinte e quatro gráos e meio, o qual divide os reinos do Panda, e Gamba, e passando-se á outra banda foram ter á cidade deste Rei Gamba, que seria do rio legoa e meia, o qual por saber já de sua vinda os mandou receber e agazalhar muito bem. Este Rei e seos filhos eram christãos bautizados pelo padre Gonçalo da Silveira da Companhia de Jesus, que no anno de 1560 e 561 andou por aquellas partes entre aquelles barbaros prégando a Lei do Sagrado Evangelho, e ao Rei poz nome Bastião de Sá, assim em memoria d'El-Rei D. Sebastião, que reinava, como de Bastião de Sá, que era naquelle tempo capitão de Moçambique; e

aos filhos, a um poz nome Pero de Sá, e a outro João de Sá; e assim bautizou outros alguns cafres, que todos tomáram as alcunhas de Sás. E porque lhe era necessario passar-se ao reino de Monomotapa, onde o martyrio lhe estava aguardando, deixou alli com elles o padre André Fernandes seo companheiro, varão verdadeiramente apostolico, de grande doutrina e santidade, pelo qual dizia o seo padre mestre Francisco, que era um verdadeiro israelita; o qual padre André Fernandes esteve neste reino com grande exemplo de vida, e ameaçado cada hora do martyrio que sua alma dezejava padecer por Christo Nosso Senhor, que elle nunca recuzou, antes cada vez que lhe davam rebate que o mandavam matar, esperava por aquella hora com tanta consolação e alegria, que já lhe parecia cahia sobre sua cabeça aquella fermosa e resplandecente coroa que no ceo se dá aos verdadeiros Martyres. Este varão, a que com razão pósso chamar santo, pela innocencia de sua vida, viveo pois nesta cidade de Goa muitos annos com raro exemplo de virtude, e nella morreo homem de noventa annos, e foi daquelles que se recolheram na Companhia de Jesus em tempo do Beato Padre Ignacio seo fundador.

Muitas couzas pudéra dizer da virtude, vida, e morte deste varão, porque o communicámos muitos annos, e fomos muito seo devoto; mas porque o padre Sebastião Gonçalves da Companhia de Jesus no compendio que faz dos varões da sua Companhia que passáram a estas partes, trata delle e do padre Gonçalo da Silveira mais particularmente, o deixamos nós agora, por continuarmos com estes perdidos até os pôr em porto seguro.

Deste reino de Gamba se partiram aos vinte e um de Maio, que foi vespera do espirito Santo, e chegá-

ram ao Rio do Inhabane, aonde achāram um mistiço chamado Simão Lopes, filho de Sofála que alli estava fugido por couzas que tocavam á Fé, o qual os agazalhou o melhor que pode, por ser pobre, e já a este tempo não eram mais de trinta pessoas, de quarenta e cinco que partiram. Alli souberam de Simão Lopes que não podia vir pangaio de Moçambique senão em Novembro; com o que tomáram seo conselho e assentáram de caminhar por terra, por aquella ser muito doentia, por jazer debaixo do Tropico de Cancro; e depois de descançarem alguns dias se puzeram ao caminho, e em quatro chegáram ao Rio de Boene muito mal tratados dos cafres que por aquelle caminho os salteavam; e passado o rio á outra parte, foram caminhando até outro chamado Morambele, que por ser muito alto lhe foram buscar váo muito acima, e nestes caminhos foram acabados de esbulhar desse pouco que levavam.

Passado o rio foram ter a uma povoação chamada Sane, que está na ponta daquella terra, que nas Cartas de marear se chama de S. Sebastião, onde começáram a atravessar a enceada de Sane, que de baixamar espraia tanto, que a cinco e seis legoas se não vê o mar; e por ella caminhámos a maior parte do dia mui apressados, porque a maré os não atropelasse, e se puzeram da outra parte, tendo caminhado por ella mais de cinco legoas, e da outra banda repouzáram, e tornáram pela manhã a seo caminho, até um lugar chamado Fubaxe, onde acháram um portuguez com um luzio, que é embarcação daquellas partes, com que alli viera a fazer resgate, com o qual já estava o guardião da nao que Estevão da Veiga tinha mandado diante com recado a Sofála para ver se havia remedio para ir embarcação alguma buscar a D. Paulo de Lima, e aos que ficavam na ilha; e alli

estiveram todo aquelle dia com grande alvoroço, por verem que se iam chegando para terra de salvação: e logo se passáram á Ilha Bazaruta, onde estava um filho de Sofála chamado Antonio Rodrigues para elle os encaminhar até Sofála, a qual é povoada de mouros, que agazalháram a todos muito bem.

Dalli por ordem de Antonio Rodrigues se embarcáram para Sofála em embarcação que negociou, e as trinta legoas que ha até aquella fortaleza as andáram muito depressa, e sem trabalho; e aos quatro dias de viagem entráram pelo rio de Sofála dentro, e sem ninguem saber, desembarcáram em procissão, e foram á igreja de Nossa Senhora do Rosario dos padres prégadores, á qual se offereceram com muitas lagrimas, dando-lhe os agradecimentos das mercês que della receberam por toda aquella jornada.

Alli acodio o capitão daquella fortalesa com todos os casados, e os abraçáram a todos com muito amor, e cada um tomou o seo hospede, e assim se repartiram todos por aquelles moradores, que os agazalháram com muita humanidade, mandando-os lavar e fazer os cabellos, por irem quasi feitos selvages, e recreando se de tudo tão bastantemente, que em breves dias tornáram em seo ser, e já lhes parecia que estavam em outro mundo.

O capitão tinha já comprado um pangaio para mandar por D. Paulo de Lima, porque por uma carta de Jeronymo Leitão soube de sua perdição, e com a chegada desta gente se apressou mais, e mandou embarcar todas as couzas necessarias para os perdidos, e vestidos, e roupas para seo resgate. Este pangaio fez-se logo á véla, e em poucos dias chegou a Inhabane, aonde dos que ficáram doentes da companhia de Estevão da Veiga eram já mortos tres, e os mais convaleceram logo com os remedios que lhes foram

no pangaio. E porque lhes não era possivel passar ao Rio do Espirito Santo, por ser o pangaio pequeno, partio Simão Lopes por terra com a roupa, contas, e mais couzas, que tudo levou ás cóstas de cafres, e o pangaio se tornou para Sofála com os doentes que alli achou.

Havia quasi um mez que D. Paulo de Lima se tinha passado á outra banda do Rio de Lourenço Marques, sem haver quem quizesse levar a almadia aos que ficavam na Ilha, por estarem todos fracos e enfermos, trabalhando D. Paulo nisso tudo o que pode, até acabar com o mestre da nao, e Jeronymo Leitão que mandassem áquelle negocio os homens que estivessem mais para isso, e de todos elegeram tres, que a poder de braço se passáram á Ilha, onde acháram todos bem desconsolados e desesperados de poderem vir busca-los, e todavia alvoraçáram-se muito com a almadia, e se fizeram prestes para passar nella: e porque não era capaz de toda a gente, começou a haver entre todos grandes alvoroços, porque os que acertassem de ficar estavam arriscados a não tornarem por elles; mas os mesmos que trouxeram a almadia os seguráram com lhes prometterem e jurarem que não faziam mais que lançar aquella gente na boca do rio e tornar a voltar; e para maior segurança sua se deixou um delles ficar em refens, com o que se quietáram. E logo se embarcou Gregorio Botelho com sua filha, e D. Joanna de Mendoça, e outras oito ou dés pessoas; e atravessando a bahia no mesmo dia foram á outra parte, e lançando a gente na ponta do boca do Rio do Inhaca tornáram a voltar pelos outros, e chegáram á Ilha ao outro dia, e recolheram todos sem ficar nenhum, mais que os mortos, que ficáram para sempre, e todos os puzeram da outra parte; e achando ainda os da primeira barcada

na boca do rio se meteram todos na almadia, que ainda que pequena, não arriscavam nada, porque iam pelo rio acima, que era estreito, e de longo da terra; assim mal compostos e apinhados chegáram á povoação, aonde os foram receber os nossos da companhia de D. Paulo, e se festejáram em extremo, e El-Rei os mandou agazalhar pela povoação, ficando sempre D. Joanna de Mendoça em companhia de D. Marianna.

Depois de descançárem se ajuntáram todos e tratáram se seria bem passarem-se a Inhabane; e Jeronymo Leitão, que era mais pratico naquella terra, lhes disse que não se bolissem dalli até vir o pangaio, que seria em Outubro, porque elle já tinha escrito a Sofála sobre isso, e que não era de parecer que se arriscassem por terra, porque os cafres que dalli por diante havia eram grandes ladrões, e muito crueis; que pois estavam alli em terra segura, lhes não haviam de faltar mantimentos, porque o Rei e seus vassallos os haviam de prover muito bem com o olho no pangaio que esperavam, por saberem que tudo se lhes havia de enxergar muito bem; porque aquelles cafres não faziam nenhuma couza por virtude.

Com o parecer deste homem se determináram todos em ficar; mas como a terra era doentia, por estar debaixo do Tropico, como já dissémos, começáram alguns a adoecer de febres malignas, de que morreram de pressa os mais delles, em que entrou o mestre, cujos corpos se enterráram na corrente do rio, pelos cafres não consentirem fazerem-no na sua terra. D. Paulo de Lima parece que lhe adivinhava o coração algum grande mal naquella parte, e muitas vezes pedio a Jeronymo Leitão o quizesse levar daquella aldea, e acompanha-lo e guia-lo, fazendo-lhe seos offerecimentos e promessas com grande efficacia;

mas como este homem era variavel, umas vezes dizia que sim, outras que não, pondo sempre por inconvenientes as difficuldades do caminho e risco dos cafres. Neste sim, e neste não trouxe a D. Paulo muitos dias sem se determinar nem em uma couza nem em outra, de que elle veio a receber tamanho disgosto e dar em tanta melancolia, que cahio em cama, ou para melhor dizer no chão, que essa era a verdadeira, e como era de cincoenta annos, os remedios nenhuns, os colchões e lançoes mimosos a dura terra, sem consolação alguma mais que as da alma, por ter á sua cabeceira o padre Frei Nicolao do Rosario, que muito devagar o confessou e consolou; e ao setimo dia de sua cahida deo a alma a Deos Nosso Senhor aos dous de Agosto, em que os frades de S. Francisco celebram a festa de Nossa Senhora de Porciuncula, em que tem jubileo plenissimo, da qual festa este fidalgo era muito devoto; e segundo elle deo mostras de grande christão e de arrependimento penitente, com um grande exemplo de paciencia, de presumir é que sua alma sobiria a gozar na gloria daquelle jubileo que lá durará em quanto Deos durar, que será sem fim.

Sua morte foi para todos a maior desconsolação que se podia imaginar, assim por verem um fidalgo de tantas partes e calidades boas, de que a natureza o dotou, fallecer no maior desamparo que se nunca vio, como por se verem ficar sem um tamanho conselho como nelle tiveram todos em seus maiores trabalhos, porque em pondo os olhos naquella sua authoridade, gravidade, e notavel paciencia, todos se lhes moderavam e ficavam de menos pezo; e assim foi pranteado como se fora pai de todos. Deixemos os extremos que fez sua mulher, que é melhor passar por elles por não movermos a tantas lagrimas aos

que lerem esta nossa Relação; mas pode-se julgar quaes podiam ser os de uma mulher que perdia um tal marido; e mais naquelle tempo em que ella tinha tanta necessidade delle para seu remedio e consolação, vendo-se ficar tão só e desamparada, em parte onde só Deos Nosso Senhor a podia soccorrer.

E V. M. (Senhora D. Anna de Lima) bem sei que ao lerdes isto não vos hão de faltar piedosas lagrimas, derramadas com muita razão pela perda de um irmão tanto para amar, como sempre, Senhora, fizeste, e pelo desamparo em que acabou, no qual, Senhora, vos havereis por muito ditosa de vos poderdes achar á sua ilharga, e dardes-lhes algum pequeno de allivio, com lhe reclinardes a cabeça em vosso regasso, para o menos elle morrer com alguma consolação, e vós não ficardes com tamanha mágoa; mas podei-vos, Senhora, consolar muito com ouvirdes aqui que as mostras que deo áhora de sua morte (como disse) vos póde certificar de sua salvação: e pelas que na vida deo de sua prudencia, valor, e esforço, gloriarde-vos de tal irmão, e depois de vossos longos annos, vossos filhos, netos, e posteriores jactarem-se de suas proezas e cavallarias, porque em minhas Historias viverá eternamente, e ainda que não tão alevantado como elle merece, ao menos será o como pude, que bem dezejei de ser muito melhor.

O Inhaca senhor daquella terra teve logo avizo de sua morte, e com muita préssa mandou que o levassem fóra da povoação, com o que foi tirado dos braços da cara consorte, e quasi aos hombros foi levado fóra do povoado, e ao pé de duas arvores que alli ao longo do rio estavam lhe fizeram uma cóva em que o deitaram, sem outra mortalha que a pobre e suja camiza, e calções com que se salvou, e sem outras pompas funeraes que as lagrimas dos companheiros,

que foram muitas, e sem outras insignias senão os ramos secos daquellas arvores, nem outras campas, e pedras marmores, que aquellas areas que o cobriam, qual outro Pompeo nas praias do Egypto.

Sua mulher D. Brites ficou alguns tempos na Cafraria com as outras que se salvaram padecendo infinitas miserias e necessidades, e depois se foram para Moçambique, mandando D. Brites primeiro desenterrar os ossos de seu marido D. Paulo de Lima, os quaes levou comsigo metidos em um saco até Goa, e lhe ordenou sepultura em S. Francisco daquella cidade na capella pequena do Serafico Padre, que está entrando pela porta principal á mão direita, onde estão metidos na parede com uma lamina de cobre, em que tem seu letreiro, o qual diz asssim: *Canatale, Dabul, e Jor*. Dirão que está aqui D. Paulo de Lima, a quem os trabalhos acabaram na Cafraria na era de 1589.

Das couzas principaes que fez esta senhora, não deixarei de louvar esta obra de trazer a ossada de seu marido pelo meio daquella Cafraria até a embarcar, que foi heroica e digna de se lhe engrandecer. Por outra couza notavel não quero passar, que é, que de toda esta gente desta nao, não cuido que ha hoje vivo alguma mais que estas tres mulheres, ella, D. Marianna mulher de Guterres de Monroy, e D. Joanna de Mendoça, que está recolhida em uma caza em Nossa Senhora do Cabo, vestida no habito de S. Francisco, senhora de muita virtude, e em que toda esta cidade de Goa tem postos os olhos por seu muito exemplo, recolhimento, virtuoso procedimento. E com isto dou fim a estra breve Relação, que permitta Deus Nosso Senhor seja para muito louvor e gloria sua.

FIM DO QUARTO VOLUME